

## **APRESENTAÇÃO**

Maria, uma recém-nascida com 30 horas, ensinou-me em 15 minutos, tudo aquilo que esta nesta dissertação procuro tratar. Não posso afirmar que foi ela a grande motivação mas, sem dúvida, que a oportunidade de observação das capacidades de comunicação que a Maria revelou na interacção com Berry Brazelton, foi um momento muito significativo na minha vontade de tentar compreender esse fenómeno essencial da natureza humana: a predisposição da/o recém-nascido/a para a relação com o/a outro/a, algo que é central à noção de cidadania.

Continuando a falar das motivações, gostaria de voltar um pouco atrás. As motivações para este trabalho surgem de uma trajectória de vida e de algumas convicções adquiridas ao longo do tempo. Nesta apresentação irei ressaltar aquilo que diz respeito ao meu trajecto profissional que, embora não destacável do meu todo biográfico, será o foco explicativo das minhas motivações.

Terminei o curso de Educadoras de Infância em 1998, inspirada pelo filósofo francês Edgar Morin, autor que defendia que para se ser um/a verdadeiro/a educador/a, tem de se sentir amor pela maneira como se ensina e pelas pessoas que se ensinam. Morin falava da necessidade da “ressureição trinitária do amor, da missão e da fé” para formar os cidadãos e as cidadãs do terceiro milénio (Morin, 1998). Durante esse meu curso fui inspirada igualmente pelas ideias de João dos Santos, pedopsiquiatra e pedagogo, que me acompanharam também enquanto educadora de infância. João dos Santos relacionava o afecto à criatividade e ao pensamento. Valorizava as expressões artísticas porque estas ao estimularem os sentidos desenvolvem a linguagem das emoções e como linguagem universal, facilitam a comunicação.

Um outro autor marcante na minha formação foi, Daniel Stern que através do seu livro “O Diário do Bebê”, mostra-nos o mundo maravilhoso e complexo de ser bebé. Em simultâneo no último ano do meu curso, realizei um estágio no Estabelecimento Prisional de Odemira. Este Estabelecimento Prisional era exclusivamente feminino e entre as mulheres reclusas, algumas eram jovens mães. O meu estágio consistia em criar o espaço /creche dentro do Estabelecimento Prisional. Havia na prisão crianças entre os seis anos e os dois meses, e ao contrário do que se passa habitualmente nas creches, as

mães não se encontravam ausentes nos seus empregos. Estavam ali mesmo e o espaço creche era também para elas. Ao longo de um ano lectivo, confrontei-me com situações muito diferentes e com um espectro de idades muito alargado, desde quase recém-nascido até ao final do pré-escolar. Dentro desta complexidade inscreviam-se algumas questões: o que seria melhor para uma criança se o contacto permanente com a mãe em ambiente prisional se a separação num ambiente mais saudável?

Em 1999, imediatamente a seguir a terminar o Curso de Educadoras de Infância, fiz o Curso de Especialização Superior em Educação (CESE) “Expressões Artísticas Integradas na Educação”. Como Memória Final de fim de curso apresentei um trabalho intitulado “As Expressões Artísticas no 1º Ciclo do Ensino Básico” onde me interrogava sobre as razões pelas quais a educação artística, apesar de ter um estatuto curricular igual ao de outras áreas era sistematicamente secundarizada nas práticas pedagógicas efectivas. Hoje pergunto-me se essa dificuldade não seria já expressão da incapacidade persistente em assumir os registos emocionais nas práticas pedagógicas.

A inspiração dos três autores, acima invocados - Edgar Morin, João dos Santos e Daniel Stern - acompanhou pessoal e profissionalmente a minha vida como educadora de infância, e ajudaram-me a pensar, nesses primeiros tempos, a dimensão profissional, mas também pessoal, do meu papel junto da crianças.

Por vezes alguém me perguntava: “Mas o que é que tu ensinas? -Tudo!” Era a minha resposta, sabendo que os cruzamentos de saberes e emoções são tantos quanto a dimensão humana inclui.

Como educadora de infância tinha no meu horizonte a ideia de trabalhar com crianças em idade pré-escolar entre os 3 e os 6 anos de idade, a idade por excelência do desenvolvimento do jogo simbólico, da construção de identidade, do desenvolvimento da linguagem e estruturação do pensamento, da socialização, da afectividade e da criatividade. Estes são domínios que, de acordo com as “Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar”, se incluem nas três grandes Áreas de Desenvolvimento: Área da Formação Pessoal e Social, Área da Expressão e Comunicação e Área do Conhecimento do Mundo (Ministério de Educação, 1998). Este documento deixa, igualmente bem

claro, o objectivo de uma educação para a igualdade de oportunidades, para a inclusão e para a prática de cidadania.

A ideia de Santos (1983) segundo a qual “ *Cada pessoa guarda um segredo. O segredo do homem é a própria infância.*” (p.304) tinha uma enorme influência na consciencialização do valor da minha profissão e da sua responsabilidade. Afinal, enquanto educadora de crianças, qual viria a ser a minha responsabilidade no *segredo* de cada futuro homem e cada futura mulher?

Provavelmente, a infância representa um espaço estrutural e memorial que vem suportar e originar o nosso devir: o tornarmo-nos homem e mulher. Mas, como alcançar então esse *segredo*? Ou como ser educadora de um *segredo*? Ou como educar sem pretender apoderar-me do *segredo*? Entender melhor a infância tornou-se imprescindível para mim como educadora, em dois planos diferentes: No da prática pedagógica diária e no da consciência crescente que ia tendo dos caminhos obscuros pelos quais na infância se constroem já as condições da cidadania.

Daniel Stern, estaria em Lisboa em 2002. Nessa data realizou-se no Coliseu de Lisboa, o grande Encontro «Mais Criança- As Necessidades Irredutíveis», coordenado por Gomes-Pedro. Naquele espaço circular, os/as mais reconhecidos/as especialistas das várias áreas das ciências reuniram-se em torno das que dizem mais directamente respeito à infância, numa visão integrada do ser-humano. Daniel Stern, era um dos especialistas presente neste grande encontro e vinha falar sobre as “Necessidades Emocionais da Criança”. À data, foi este autor que me levou a participar neste importante acontecimento científico. Das Neurociências às Ciências do Ambiente; das Expressões Artísticas, à Justiça, à Sociedade, à Política e ao Amor, todos estes saberes elas partilhavam o mesmo objectivo comum: pensar a criança tendo em vista o desenvolvimento de toda a sua potencialidade humana.

Foi assim e ali que conheci autores e autoras como Gomes-Pedro, Barry Brazelton, António Damásio, Ann Stadtler, Robin Karr-Morse, Hubert Montagner, Colwin Trevarthen, Joshua Sparrow.

Ao longo daquela semana quanto mais saberes se cruzavam na minha trajectória de interesses, mais ia diminuindo a idade das crianças, sobre a qual o meu interesse incidia.

Seis anos após ter concluído a formação do Curso de Educadoras de Infância, apercebi-me que afinal tinha iniciado a minha profissão como quem começa a ler um livro pelo meio. O tal *segredo* de João dos Santos, afinal começava na alcofa, limite que assumo nesta dissertação apesar de estar consciente que o *segredo* se inicia no útero.

A vivência precoce é vital para o desenvolvimento intelectual. Mas mais do que isso, assumo neste trabalho o pressuposto de que o bebé nasce expectante, ou seja, tem nele um projecto de relação, ou mais concretamente, de Amor. O ser humano nasce com uma predisposição para a concretização do afecto o que só acontece em relação. Já muito se escreveu sobre a importância do vínculo afectivo entre mãe/pai ou outro/a cuidador/a. Mas hoje, tornou-se já evidente através do contributo das neurociências aliada às novas tecnologias de captação de imagem, o impacto que o afecto, e porque não dizê-lo, o Amor, exerce no desenvolvimento do sistema cerebral em formação, do bebé.

O que pude aprender durante o encontro de 2002 centrou decisivamente o meu interesse nas idades mais precoces, ou seja pelos bebés, pela sua expectativa para o bem-estar, para o afecto e para a relação, e que, ao contrário de uma longa tradição histórica que separa razão e emoção, deveria existir um meio de pensar, sem quebra de rigor, no encontro entre Amor e Ciência. A natureza relacional da expectativa de afecto com que todo o bebé nasce será porventura um desses pontos de encontro. Assumi-lo implica vastas consequências em termos da responsabilidade educativa e esta é transversal a toda a sociedade.

Naquele Encontro -“Mais Criança as Necessidades Irredutíveis”- que tomei conhecimento do Modelo Touchpoints de Berry Brazelton, o que me levou a frequentar ao longo dos últimos oito anos cursos sobre “Touchpoints” que se têm realizado na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, promovidos pelo Centro Brazelton, coordenado pelo Professor Gomes-Pedro e orientados por B.Brazelton e J.Sparrow.

Eis pois o percurso que me levou a ingressar no Mestrado em Questões de Género e Educação para a Cidadania. Enquanto educadora, o centro das minhas preocupações é o

ser humano, cidadão e cidadã nas suas etapas iniciais. Etapas durante as quais a relação de afecto, isso a que tememos chamar apenas Amor, assume um papel estruturante das pessoas como seres orientados para a relação humana no sentido da Justiça e da Cidadania.

Desde há um ano que me encontro a trabalhar na Equipa de Intervenção Precoce na Infância, no Concelho de Odemira. Tenho pois como trabalho, como missão e como responsabilidade, promover as condições relacionais de cidadãos bebés e das suas famílias ou, dito de forma simplista, valorizar neles, e entre eles, o Amor, emoção da relação.

## **Introdução**

A expressão, “dar voz a”, aplica-se geralmente a grupos minoritários da sociedade. Relativamente a estes, tem havido uma evolução no reconhecimento dos seus direitos de Igualdade e de Justiça. Reflexo desta evolução, são as discussões públicas, a existência de organizações pró activas, e a de discurso científico e jurídico em prol da igualdade plena. “Dar voz” significa reconhecer o direito a essa Igualdade plena, mesmo quando ela está longe de ser alcançada. Relativamente aos bebés, a afirmação “dar voz a” pode parecer literalmente inoportuna, pois a sua voz não contém nem palavra, nem poder. “Infante”, aliás, quer dizer etimologicamente isso mesmo: aquele que ainda não fala. E todavia, a questão dos Direitos da Criança tem vindo a ser fortemente reforçada, sobre tudo desde a adopção pela Assembleia-Geral das Nações Unidas em 1989, da Declaração dos Direitos da Criança.

Uma sociedade que cuide de cumprir de forma contingente a expectativa do ser humano, de não sermos estranhos uns aos outros e de Amor, é uma sociedade estruturada para compreender e integrar o valor do cuidar, de Cidadania e de compreender também que a sua prática é um prolongamento e consequência de uma afectividade mais próxima.

Talvez Amor e Cidadania tenham em comum a acção de cuidar, primeiro do mais próximo, e depois do menos próximo. E portanto, no pressuposto que o bebé nasce expectante de Amor, o tema do Amor é um tema de Justiça e de Cidadania.

A ideia de que o bebé nasce com um projecto de relação/amor, a ideia que nasce não determinado, mas predisposto para a concretização do afecto, não é, porventura, um contributo original. Muito se escreveu sobre a importância do vínculo afectivo como primeira relação entre cuidador/a e bebé. Contudo, Berry Brazelton, traz um novo contributo para a constatação desse fenómeno: A possibilidade de observar a explosiva prontidão para a comunicação interactiva do recém-nascido, com a aplicação da NBO de Brazelton (Neonatal Behavior Observation), modelo que nos permite fazer uma avaliação da capacidade de inter-acção dos bebés, e que tem como objectivo promover a relação entre bebé e cuidador/a. É neste processo inter-activo que se estrutura e se

regula a personalidade, a capacidade de comunicação e, futuramente, a capacidade de exercer cidadania, tendo em conta um projecto de vida.

O objectivo deste trabalho é desenvolver esta afirmação tomando-a como argumento, assumindo a hipótese de que a afectividade/amor é um tema da cidadania e que a estrutura precoce das relações afectivas determina uma condição positiva e indispensável que se projecta no carácter das pessoas, contribuindo para a prática da cidadania.

Neste trabalho coloco-me numa posição crítica sobre o discurso determinista da biologia, encarando a biologia como um fenómeno relacional e portanto social.

Ligando a acção ao conhecimento, assumo neste trabalho também um objectivo pedagógico pois pretendo nele reflectir uma proposta de intervenção educativa, assente no Modelo de Desenvolvimento Touchpoints de Barry Brazelton, utilizando a NBO junto de pai/mãe e recém-nascido.

No seu início várias questões exploratórias se me apresentam:

- Qual relação entre biologia e meio ambiente no impacto do desenvolvimento do ser humano?
- Em que medida o impacto precoce dos estímulos positivos no bebé promove a aprendizagem das emoções sociais fundamentais à prática da cidadania?
- Qual o contributo da Neurociência?
- Que proposta educativa para uma sociedade centrada nos valores de Igualdade, da Cidadania da Justiça e de Paz?

Ao longo deste trabalho, surgirá frequentemente a palavra Amor. Quero deixar explícito que a tomo enquanto emoção relacional, que pode incluir a compaixão, a solidariedade, o altruísmo, o cuidar, uma relação de reciprocidade encontrada, que resulta no bem-estar do outro/a e por conseguinte no nosso próprio bem-estar. Creio que a evitação do uso desta fora dos contextos literários, poéticos e íntimos, é sintoma do próprio

problema central deste trabalho: a dificuldade em pensar o registo emocional profundo dos valores de Igualdade e de Cidadania.

Este trabalho está dividido em três partes: Na Primeira Parte, é desenvolvido o tema do Amor sob duas perspectivas: primeiro, numa perspectiva histórica a partir do estudo científico do Amor como uma emoção, iniciado nos finais do século XIX por Charles Darwin. Segundo, numa perspectiva filosófica, procurando reflexões comuns entre autores e autoras.

Nesta Primeira Parte abordo discursos sobre as Origens do Amor. Inicialmente tentarei descortinar quais os primórdios do estudo científico sobre a emoção do Amor, e quais as explicações da etologia relativamente ao Amor. O tema das origens do Amor será também desenvolvido numa perspectiva filosófica. Procurarei defender que o Amor é um tema transversal às várias áreas do conhecimento, sendo cada vez mais evidente a convergência das mesmas para a compreensão da vida social e emocional do ser humano.

No Capítulo Dois é feita a análise à obra de Elisabeth Badinter, filósofa e historiadora francesa contemporânea, “O Amor Incerto - História do Amor Maternal do séc. XVII ao séc. XX” (1980). Termina abordando o contributo actual das neurociências na criação do conceito Superior Interesse da Criança.

Na Segunda Parte é desenvolvido o contributo do conhecimento actual, especialmente da Neurociência, que procura fundamentar a relação de afecto/Amor como uma necessidade para o desenvolvimento do ser. Nesta Segunda Parte pretendo fundamentar, através das neurociências, que Emoção, Razão, Corpo e Sociedade são domínios em relação e que produzem o motor do desenvolvimento do cérebro humano. Procurarei evidenciar a relação entre a biologia e o impacto social, como estímulo positivo para o desenvolvimento do cérebro do bebé, destacando conceitos como Empatia e Intersubjectividade. É colocada a questão de o cérebro humano estar programado para a sobrevivência ou para algo além disso. No final tento realçar as consequências pessoais, sociais e únicas de um projecto expectante de Amor não concretizado na primeira infância



Na Terceira Parte é lançada uma proposta de intervenção pedagógica, com o objectivo de promover a concretização da expectativa amorosa do recém-nascido., tendo em vista uma sociedade centrada nos valores da Cidadania.

Finalmente o trabalho termina com a Conclusão.

## I PARTE

### CAPÍTULO 1 As Origens do Amor

#### **1.1. - O Racionalismo e a desunião da dimensão humana: Homem sem emoção e Mulher sem razão.**

Assumir a convicção de que o recém-nascido nasce expectante de Amor e desenvolver uma dissertação com o objectivo de fundamentar tal convicção, apresenta-se, efectivamente, como um grande desafio, já que este é um tema de grande abrangência. Não pretendo encontrar razões nem verdades finitas, mas neste percurso procurarei fazer uma reflexão sobre o tema e aproximar-me de um processo de conhecimento, que efectivamente não pára. No âmbito científico, se pergunta *porquê* a intenção não é encontrar a verdade profunda dos fenómenos, mas sim torná-la mais acessível, modesta e simples (Lorenz, 1974).

De forma a delimitar o tema, para que não me perca na sua complexidade, terei como linhas orientadoras duas questões:

- Porque nasce o ser humano expectante de Amor?

Tentarei, ao longo deste capítulo, encontrar respostas, procurando compreender a génese do Amor humano recorrendo à origem do estudo científico sobre o Amor e, também, numa outra perspectiva, recorrendo a explicações numa perspectiva filosófica e religiosa sobre o tema.

A segunda questão é:

- Para que serve o Amor no desenvolvimento do bebé?

Apesar de referir, aqui a segunda questão, ela irá ser tratada nos capítulos posteriores. As duas questões traçam dois trajectos paralelos: o da evolução do ser humano e o do desenvolvimento do bebé. Encontrar um denominador comum entre estas duas trajectórias será facilitador para a compreensão das possíveis respostas.

Antes da tentativa de desenvolver um texto sobre as Origens do Amor, e por conseguinte, incluindo neste uma visão histórica, gostaria de salientar a intenção de mencionar alguns aspectos que dizem respeito ao papel da Mulher nas transformações sociais ao longo da História. Numa primeira abordagem, poderá este facto ser confundido como um desvio do tema, mas sendo o foco desta dissertação o ser humano, não é possível desprezar o facto de que a historiografia, dita sobretudo no masculino, ter ao longo dos séculos, contado a História de forma incompleta, dito os feitos do homem e silenciado os da mulher. Por esta razão e sempre que for oportuno, será feita uma exaltação ao papel que as mulheres têm desempenhado na sociedade. Por outro lado, creio que essa secundarização da mulher está directamente ligada à omissão do papel das emoções na constituição do ser humano como ser social e como cidadão.

Gostaria ainda de esclarecer que ao longo do texto sempre que surgir o termo *homem*, este efectivamente não representa a mulher. O *falso neutro* (Barreno, n.d., citado por Henriques e al.1995/1997), que supõe que a designação *Homem* representa homem e mulher, e por conseguinte, que o masculino representa o universal, não será neste texto utilizado. Nunca este termo significa o conceito de ser humano ou o conjunto de homens mulheres e crianças.

Contudo, de acordo com os valores do Racionalismo do século XVII, as virtualidades da Razão eram efectivamente virtudes exclusivamente dos homens, negando esta faculdade aos seres humanos femininos. Desta forma, quando surgir, o termo *homem*, este carrega em si, de forma intencional, os valores da época que excluía do universo Racionalista a Mulher, a Criança e o “Louco” nos muitos sentidos em que foi tomado.

A propósito deste alerta, Stefane Michaud em “*El Hombre Romântico*” no capítulo III, “*La Mujer*”(1997) e Teresa Santos em “*Ideias de Europa: Rumos e Dinâmicas*” (2004) chamam a atenção para o facto de a historiografia ser feita por homens, e desta forma, contribuir para a promoção da educação para os valores da subordinação da

mulher e na conseqüente representação do feminino na cultura Ocidental. A este propósito Santos (2004) referiu, “*Aliás, nem existe um corpus textual que sirva de fonte de investigação, a partir do qual se recortem e evidenciem marcas identitárias. Na sua maioria os textos existentes referem a mulher a partir da perspectiva masculina.*” (p.77).

Ambas autoras dão-nos a conhecer as linhas primitivas e originais de factos históricos silenciados ou destorcidos pela capa protectora do discurso masculino (Michaud, 1997), e é sua intenção tentar discernir a realidade, não só o papel das mulheres nas transformações culturais como a sua marca identitária baseada na transgressão e reivindicação como base estruturante da prática da cidadania das mulheres ao longo da História Ocidental (Santos, 2004). O objectivo é trazer à luz do conhecimento a verdadeira história empoeirada pelo discurso masculino.

Ambos os textos fazem referência a Olympe de Gouges e Mary Wollstonescraft, activistas da época das República das Letras, que redigem a “*Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne* (1791) e “*A Vindication of the Rights of Woman*” (1792). As autoras dão-nos conta também do protagonismo reivindicativo das mulheres na participação na cena política, nas letras, nas revoltas e nas organizações sociais, sem contudo deixarem de desempenhar as suas tarefas do espaço privado. Espaço público e espaço privado, dualidade herdada da Grécia Antiga que estabelecia o espaço doméstico (Gineceu) para a mulher e o espaço público (Polis) para o homem.

Do ponto de vista da História Ocidental, maioritariamente escrita no masculino, a mulher alcança os valores extremos do Mal, representada por Eva, e do Bem (santa, sublime) representada por Maria Redentora. Aliás, tal como na literatura masculina do séc. XVIII onde a mulher é representada somente por esta dicotomia: a mulher honesta e a mulher perversa.

As autoras apresentam uma galeria de figuras femininas, marcando a acção de cidadania pelas mulheres no tempo de Antígona, passando, por Eva e por Olympe de Gouge.

Por um lado, esta Razão veio discriminar as mulheres, Lloyd (1993) a este propósito defende que,

*“ Devemos a Descartes uma teoria do espírito penetrante e influente, que fornece fundamento para uma versão poderosa da divisão sexual do trabalho mental. Às mulheres foi atribuída a responsabilidade do domínio da sensibilidade, que o Homem da Razão Cartesiano deve transcender, se quiser atingir o verdadeiro conhecimento das coisas(...) A tarefa da Mulher é a de preservar a esfera da interligação entre o espírito e o corpo, a que o Homem de Razão recorrerá para conforto, calor e descanso. Se ele pretende exercitar a mais exaltada forma de Razão deve ter por detrás emoções suaves e sensualidade; a mulher mantê-las-á intactas para ele. Estava então, aberto o caminho para as mulheres serem associadas não apenas a uma presença inferior da Razão, mas a uma forma diferente de carácter intelectual, construída como complementar da Razão masculina. Este desenvolvimento crucial ressalta do acentuar da exclusão da Razão por parte das mulheres (...) (p.50).*

A mulher e a criança, não detentoras de uma razão pura e encerradas num corpo imperfeito, no mundo sensível e, desta forma, inferiores e incompletas, também, tal como as emoções, não tinham lugar no discurso da Razão do homem.

Mas, foi através da herança das luzes que o mesmo instrumento que colocou de parte as emoções, possibilitou uma transformação social, através da razão crítica e analítica na desconstrução de conceitos de desigualdade predeterminados.

Como já foi referido, em 1791 e 1792, respectivamente, Olympe de Gournay e Mary Wollstonescraft, activistas pela luta da igualdade, redigem a “Declaration des Droits de la Femme et la Citoyenne e “ A Vindication of the Rights of Women”. No decurso da Revolução Industrial que vem originar o fim da vida rural, famílias inteiras dirigem-se para o meio urbano para trabalharem nas fábricas. A vida das cidades sofre grandes agitações e surgem problemas sociais, pelas condições de vida precárias. Pela primeira vez as mulheres insurgem-se na sociedade fazendo uma revolução proletária.

Não só no espaço público as mulheres foram protagonistas. Dena Goodman (1994), autora que se propõe analisar as produções intelectuais da época, faz referência no seu texto à República Latina das Letras. Tratava-se de um espaço limitado pelas classes mais altas, onde se partilhava conhecimentos, ideias e opiniões, num contexto local privado, onde os temas iam muito além das questões sociais.

Eram as mulheres que organizavam estes serões, onde se cruzavam os saberes, as ideias, e as cartas, e desta forma, a afirmatividade estava ligada ao conhecimento, ou melhor, à partilha de saberes e de encontros entre pessoas. Sem a preocupação de construir uma carreira, as mulheres promoviam os serões nas suas salas, decoradas com um sentido estético apurado, onde se expunham as novidades de terras longínquas, fossem elementos da natureza ou partilha de conhecimentos.

Esta partilha era o pretexto, a sabedoria estava ligada ao prazer e à felicidade de se expor e viver, e as mulheres tomaram as rédeas destes momentos. A felicidade de direito e não de pecado. Assim sendo, as iguarias deliciosas, os talentos criativos, o cuidado estético do ambiente, exigiam da mulher uma educação. Era necessário educar as mulheres, elas necessitam de adquirir conhecimentos, dominar a escrita, a música e apurar os seus deveres domésticos e sociais.

Na opinião de Dena Goodman estes serões não são promovidos com o objectivo de possibilitar às mulheres relacionarem-se com homens poderosos. Antes revelam a ambição que as mulheres têm de realizarem um “service ideal”, de forma brilhante e gloriosa, o que por si só, tendo em conta a época, já é revelador de cidadania.

Contudo, a sociedade encarrega-se de pôr de lado a luta pela igualdade. A sociedade não estava preparada para aceitar os objectivos da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. O espírito da revolução vê-se combatido pelo espírito dos regimes mais conservadores e vence a tradição.

No mesmo século, Sylvain Maréchal, racionalista e entusiasta pelos princípios da Revolução Francesa, é o mesmo homem que em 1801, elabora o “Projecto de Lei Prevenindo o Ensino de Habilidades de Leitura às Mulheres” onde determina por exemplo que; *“A Razão quer que cada sexo esteja no seu lugar e aí permaneça”* e que *” A Razão quer que os maridos sejam os únicos livros das suas mulheres, livros vivos*

*nos quais, noite e dia, elas devem aprender a ler os seus destinos”*(citado por Fraise, 1989).

Pretendi nesta primeira parte sublinhar os traços com que o olhar patriarcal sobre a mulher a define historicamente: baseada na verdade de um corpo, determinada biologicamente como fraca, imperfeita e pecadora, dominada pelo mundo das emoções e por isso de inteligência fraca e sem Razão.

Talvez se possa concluir que, segundo a visão predominante do Racionalismo, as mulheres são a encarnação das emoções.

## 1.2. - A “traição” de Darwin

Retomando o que é proposto no início deste capítulo, qual o interesse em falar das mulheres, quanto às questões originárias do Amor?

Do meu ponto de vista, falar das mulheres e da sua construção histórica, interessa porque, entre o estudo sobre as emoções e a representação das mulheres na cultura Ocidental, numa perspectiva histórica, há em comum o silêncio no que diz respeito ao discurso científico.

O que sabemos acerca da emoção do Amor?

Será que se pode traçar uma evolução histórica sobre o Amor? Será que este é um tema do conhecimento científico? Será que se pode colocar a questão tão frequentemente elaborada de uma pretensão do conhecimento científico do Amor e, de qual o estado da arte relativamente essa emoção?

A discussão filosófica sobre as emoções já se encontra na época antiga. Desde à Antiguidade Grega, seja por evocação divina, por interesse material, ou enquanto desejo sexual, o Amor tem sido, talvez, o tema mais escrito, pintado, encenado, musicado, enfim, vivido, desde até hoje. Este é efectivamente um assunto da era contemporânea.

Embora não pretenda realizar uma investigação histórica sobre o estudo das emoções, a dualidade entre razão e emoção tem sido uma disputa que remonta ao século XVII. Apontar o período do Racionalismo torna-se essencial dado ter sido um período inovador quanto ao conceito de ciência. O Racionalismo de Descartes (1596-1650) veio separar claramente a razão da emoção mas foi provavelmente, também, aquilo que veio tornar possível, *à posteriori*, a sua relação. Talvez o método científico, exigente do conhecimento da Razão, tenha afinal levado ao percurso da união entre esta e a Emoção. Adiante regressarei a este tema.

Segundo Lecoindre (2007) “ *a grande discussão sobre o estudo científico das emoções, remonta ao séc XVII, início da ciência moderna, quando René Descartes encontra-se*



diante do impasse de explicar a relação entre as emoções, produtos da alma e o corpo”(p.237).

Efectivamente, as emoções surgem ao discurso científico, como impossíveis de serem alvo de uma explicação a partir das leis cartesianas, pois estas seriam somente aplicadas à matéria do discurso científico. Na verdade, as emoções surgem como um problema epistemológico. Eram tema de discussão do Racionalismo no séc. XVII que trouxe o princípio da universalidade da razão, desprezando o conhecimento através da experiência do mundo sensível. A consolidação da dualidade cartesiana pelo movimento das luzes no séc. XVIII revigora o princípio da autonomia da Razão que capacita o homem, em nome do progresso (em concordância com a época: somente o homem excluindo a mulher), para questionar os dogmas religiosos e pensar de forma objectivamente livre, contra os mitos e contra a crença nos fenómenos naturais de origem instintiva.

Os princípios da Igualdade, Liberdade, Fraternidade e a fé no progresso, surgem com a Revolução Francesa a partir do movimento das luzes. Estes têm como característica o princípio da autonomia da razão para pensar de forma livre e para se insurgir contra a autoridade, a desigualdade e a injustiça de uns sobre outros, (mas não de outras...) Foi graças ao racionalismo iluminista que surgiu em França, inspirada no *Bill of Rights* de Inglaterra, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, mas estes direitos, mesmo ditos só do homem, não incluíam, afinal todos e todas. Acerca deste tema, foi já feita referência à acção de Olympe de Gournay e Mary Wollstonecraft.

Se por um lado o homem da era moderna prescinde da sua semelhança divina, por outro separa-se também da sua *animalidade*. A razão encontra-se isolada, livre e autónoma. O fosso entre razão e emoção exclui qualquer abordagem científica sobre as emoções, pois estas não seriam dignas de conhecimento científico. Neste novo mundo, só a Razão interessa, não só como instrumento de conhecimento, mas também como alvo de conhecimento. Os fenómenos naturais funcionam segundo uma ordem racional e não basta mais coleccionar espécimes, estas têm que ser ordenadas. No paradigma moderno, é traçada uma separação entre homem e metafísica e entre homem e natureza. Estamos no fim do mundo antigo e no nascimento de outro mundo, o mundo moderno. O ser humano torna-se detentor de sabedoria científica e, neste mundo da Razão, os

sentimentos e as emoções são algo de enganoso. O ser humano fora partido ao meio, o homem sem emoções e a mulher sem razão. O ser humano, monumento racional, não inclui a mulher, ser da natureza, da gestação das forças da irracionalidade.

Marisa Russo Lecointre, no seu artigo “Emoção e Cognição: Uma Abordagem Científica das Emoções”, retrata um panorama das várias teorias explicativas da relação corpo e alma, ao longo da História. Posteriormente a Descartes, segundo esta autora, Nicolas Malebranche (1638-1715), dá origem ao *ocasionalismo*, explicando que Deus é a causa que tem acção tanto no corpo como na alma. O movimento do corpo físico não será mais do que a ocasião de Deus para se manifestar. Baruch Spinoza (1632-1677) concebe uma teoria, admitindo Deus como a única substância. Tal como Descartes separa o corpo e alma, mas submete corpo e alma à coordenação de Deus. Estas e outras explicações situam-se ao nível da metafísica. A partir do séc. XVIII, em 1725, Albrecht von Haller, defende, reduzindo as emoções à matéria física, que a irritabilidade não será um estado emocional, mas sim uma propriedade física do tecido muscular que perante determinados estímulos exteriores os contrai involuntariamente. ( Lecointre, (2007). Mais tarde vários autores lançam teorias reducionistas que limitam as emoções à anatomia do cérebro de forma a estabelecer correlações mensuráveis. A dimensão do emocional não é só expulsa do ser humano, ela reduzida a um acontecimento mecânico

Quando Charles Darwin procura um ancestral comum entre todas as espécies vivas, esta comunhão, entre o ser humano e a natureza, vinha trair o paradigma moderno que posicionava o homem separado da natureza e seu dominador. Mais tarde, em 1872, com o seu livro “A Expressão das Emoções nos Homens e nos Animais”, o autor estabelece, provavelmente, o ponto de partida para o estudo científico das emoções. Nesta obra Darwin desenvolve estudo sobre a homologia das expressões emocionais entre as pessoas e os animais. É o estudo da agressividade que, porventura, antecede a abordagem científica sobre o Amor, também ele uma emoção, em oposição à agressão.

Um orangotango residente no Jardim Zoológico de Londres, terá sido o primeiro símio com quem Darwin contactou. Nas suas observações, Darwin reconheceu semelhanças comportamentais entre o símio *Jenny* e os seus próprios filhos e filhas (Carvalho, Feijó, Gago, Vale & HMHN, 2009) e, sendo visível que as expressões dos animais revelavam

uma semelhança com as expressões humanas, inicia a sua pesquisa tentando compreender se os animais continham as mesmas emoções que os humanos.

Darwin, nos seus cadernos onde à cautela escreve na capa, *Privado*, citado por Carvalho et al., (2009) refere que “*É absurdo falar de um animal como sendo superior a outro*” (p.74). Esta era sem dúvida uma afirmação controversa e chocante tendo em conta a visão de que a espécie humana era uma criação à semelhança divina ou, à luz do paradigma moderno, superior. Mas talvez a afirmação mais chocante de Darwin, referida por Carvalho e al. (2009) num outro caderno, terá sido, “*os macacos fazem o homem*” (p.74). Esta é uma afirmação que perspectiva a sua Teoria da Evolução, e que aniquila a visão do ser humano criado à semelhança divina, defendendo que é a evolução dos mamíferos que nos conduz até à espécie humana. Assim, Darwin retira a humanidade do centro da Criação, explicando que o mecanismo da Seleção Natural era o modo como operava a evolução das espécies.

Segundo Carvalho et al. (2009) na obra *A Expressão das Emoções nos Homens e nos Animais*, Darwin argumenta que “*as expressões mais básicas são determinadas biologicamente, estando relacionadas com as dos animais*”(p.74).

Estava assim aberta a porta à etologia.

### 1.3. - Da Agressão ao Amor

A etologia, ciência das relações comparadas entre o comportamento animal e o da espécie humana, vem a ser a ciência que inicia o estudo dos comportamentos dos animais que terão sido transferidos ao comportamento da espécie humana. Konrad Lorenz, zoólogo austríaco e fundador da etologia moderna, em 1963, propõe, no seu livro, *Das Sogenannte Böse - Zur Naturgeschichte der Aggression*, (A Agressão – Uma História Natural do Mal) que a agressividade, comportamento inato, tem um papel fundamental, originalmente, na conservação das espécies. Segundo Lorenz (1973) “ *A Agressividade, cujos efeitos são frequentemente idênticos aos da pulsão da morte, é um instinto como qualquer outro e, em condições naturais, contribui, como todos os outros, para a conservação da espécie.*” (p.8).

Lorenz, um *darwinista*, coloca o ser humano no universo das leis da natureza, de forma contingente relativamente à Teoria da Evolução por Seleção Natural. Segundo o autor, a incapacidade de adaptação, por parte do ser humano, às mudanças rápidas das condições do meio, podem levar à destruição da espécie humana. A este propósito Lorenz (1973) diz “ *As mudanças que o homem produziu no seu próprio meio estão longe de ser insignificantes. Um observador, produto da sua inteligência, na mão e no coração, o instinto da agressão herdado dos seus antepassados (...) não profetizaria longa vida à humanidade (...) temos dificuldade em ver na agressão outra coisa além do produto patológico da nossa vida cultural e social em declínio*” (p.63)

Lorenz, a este propósito refere Freud, como o primeiro autor que relaciona a agressão com a falta de contactos sociais e o sentimento de falta de amor. (Lorenz, p. 63)

Com este livro o autor tem a pretensão de transformar os seres humanos no sentido de os melhorar, fazendo algumas recomendações práticas para a diluição da agressividade.

A primeira recomendação; “ *Conhece-te a ti mesmo*”. Segundo Lorenz (1973) “ *É nosso dever aprofundar o conhecimento do nosso próprio comportamento e das conexões causais que o regulam. Várias linhas de orientação se desenham já, segundo as quais poderia provavelmente desenvolver-se uma ciência do comportamento*” (p.284).

A segunda recomendação é o estudo psicanalítico da sublimação ou de catarse, como mecanismo de defesa através do qual comportamentos instintivos negativos são substituídos por formas socialmente aceitáveis. Como por exemplo os rituais de luta, como forma de transpirar as pulsões agressivas reprimidas.

A terceira recomendação é promover o conhecimento directo entre as pessoas e encorajar a amizade, pois o sentimento fraterno é um obstáculo contra a agressão. Ainda na *ressaca* do holocausto, o autor adverte para a paz entre as nações, pois, segundo Lorenz (1973), “ *Ninguém é capaz de odiar inteiramente uma nação se tiver vários amigos entre os seus membros. Ter amizade por algumas «amostras» de outro povo basta para despertar já uma sã desconfiança contra todas essas generalizações que estigmatizam «os» russos, «os» ingleses, «os» alemães etc.*” (p. 290).

E, nesta sequência, a quarta medida a tomar é canalizar entusiasmo militante de forma inteligente e responsável. Segundo Lorenz (1973) este entusiasmo militante, “ *tem a sua origem num instinto de defesa do nosso antepassado pré-humano que erguia o machado levantando o queixo, e que as situações-chave estimulantes que o provocam ainda hoje têm todas as marcas dessa origem*” (p.291) . O autor dá como exemplo dessas situações, o cerimonial do triunfo dos gansos: o laço social que une o grupo e que se relaciona com a agressão dirigida aos que não fazem parte do grupo. (Lorenz, 1973)

Relativamente ao entusiasmo militante dos seres humanos, este torna-se mais eficaz quanto mais concreta for a causa que une o grupo. Sabemos que são as grandes causas que unem as pessoas.

A ideia de que a agressividade é um comportamento, na sua origem, para a conservação das espécies, é uma ideia que o autor defende numa perspectiva evolutiva. Efectivamente, segundo Lorenz, o ser humano foi adaptando a agressividade às suas necessidades. A humanidade tem controlado as funções da agressão reorientando-as. O autor refere vários exemplos deste controlo ao longo do tempo: o conceito de *catharsis* (descarga purificadora) dos Gregos da Antiguidade; o desporto com origem nas lutas, baseados em regras e no *fair fighting* ou *fair Play*; a Convenção de Genebra que reúne

uma série de tratados que definem normas e leis internacionais entre as nações em situação de guerra (Lorenz, 1973).

Um método simples de diluir a agressividade, segundo o autor, é utilizar um objecto de substituição como alvo de descarga. Para além dos clássicos murros numa almofada, numa mesa, ou de um grito no alto de uma montanha. Lorenz (1973) admite que as competições desportivas entre as nações são remédios contra agressão, neste caso contra a guerra. Segundo o autor as competições desportivas “ *levam indivíduos que pertencem a nações ou partidos diferentes a conhecerem-se melhor pessoalmente e unem numa causa comum, os que, de outro modo, pouco em comum teriam*”. (p.289)

Efectivamente, estas considerações têm um carácter óbvio. Contudo, penso que a pertinência das mesmas deve ser salientada. Primeiro tendo em conta o contexto de um pós guerra e o temor da auto-destruição da humanidade e segundo porque assume o ser humano como tendo na agressividade um recurso fundamental na conservação da espécie mas que por evolução foi sofisticando o sentimento do Amor, emoção que nos leva a cuidar do/a outro/a.

Lorenz crente no conhecimento biológico e um seguidor da teoria de Evolução de Darwin, mas sobretudo, considero eu, um optimista, considera que a esperança na civilização se baseia nas possibilidades da evolução humana, que por pressão selectiva tomará um uma direcção desejável. Lorenz (1973) sobre esta ideia refere o seguinte, “ *podemos esperar, sem cairmos num optimismo exagerado, que um novo género de selecção pode reduzir, nos povos civilizados, a pulsão agressiva a um grau tolerável, sem por isso prejudicar as suas funções indispensáveis*” (p.302).

Relativamente ao sentimento do Amor, segundo o autor, o único que não pode ser posto em questão, Lorenz (1973) defende que “ *é o laço do amor e da amizade humanos, fonte de toda a bondade e caridade, e que representa a grande antítese da agressão. Na verdade, o amor e a amizade caracterizam bem melhor tudo o que é bom, do que a agressão caracteriza tudo o que é mau, pois é erradamente que se identifica esta como uma pulsão destruidora*” (p.292).

Eibl-Eibesfeldt, etólogo e discípulo de Lorenz, na sua obra “Amor e Ódio” abre a polémica sobre a natureza humana. Entre aqueles que defendem que o Bem é uma

construção cultural estabelecida pelas normas sociais e o Mal um fenómeno inato e incontrolável do ser humano, encontramos a teoria de Thomas Hobes (1588-1679), que advogava a natureza anti-social do ser humano, atribuindo a este o instinto da agressividade tanto pela conservação da espécie como pela a ambição do poder. Em oposição, encontramos a teoria de Jean Jacques Rousseau (1712-1778) que faz a defesa de uma natureza pacífica transformada em algo menos bom pela sociedade. (Eibl-Eibesfeldt, 1976)

O autor refere outras teorias indicando uma evolução nas posições tomadas, referindo-se a estas Eibl-Eibesfeldt (1976) diz que *“afirmam que tanto a sociabilidade como a luta entre os seres é uma lei natural”* (p.24).

Talvez seja melhor fazer aqui um ponto de situação relativamente a duas diferentes polémicas aqui expostas. A primeira, diz respeito à dicotomia entre o impacto do determinismo biológico e o impacto do meio/social no comportamento humano. A segunda questão refere-se à natureza do ser humano independentemente do factor que influência o comportamento humano. A sua natureza *é boa* ou *é má*? Ou, noutros termos, a sua natureza é agressiva ou altruísta?

Lorenz terá tido um papel importante no que diz respeito à primeira discussão. Eibl-Eibesfeldt, terá aberto a segunda discussão, mantendo no entanto uma posição de etólogo herdeiro das ideias de Lorenz. Segundo Eibl-Eibesfeldt (1976), *“o comportamento agressivo como o comportamento altruísta são pré-programados através de adaptações genéticas (...) Na minha opinião, os impulsos agressivos do homem são equilibrados pelas tendências de sociabilidade e de cooperação, que também se encontram profundamente enraizada”* (p.27).

Este autor alarga a visão relativamente à natureza dos comportamentos humanos importando-lhe não só os impulsos agressivos, como também as tendências de sociabilidade, bondade, altruísmo e cooperação, sem retirar, contudo, a sua pré-programação, inscrita na genética do ser humano.

Eibl-Eibesfeldt pensa que o tema da agressividade retirou espaço de discussão ao potencial social do ser humano. Efectivamente, este autor está mais interessado nos mecanismos positivos do ser humano, a este propósito Eibl-Eibesfeldt (1976) refere a

sua intenção de escrever a sua obra «Amor e Ódio», “ *pretendo falar minuciosamente neste livro acerca dos mecanismos que fundamentam a coesão dos grupos sociais, nomeadamente aqueles que são naturalmente antagônicos da agressividade e que são os que permitem basear a nossa esperança num futuro mais pacífico*” (p.26).

Na base desta ideia de Eibl-Eibesfeldt, está provavelmente a Teoria de Evolução de Darwin, pois a agressividade que foi necessária ao ser humano primitivo para a conservação da espécie, levaria hoje à sua destruição (Eibl-Eibesfeldt, 1976)

Interpreto esta posição como uma ideia que, necessariamente, leva em conta uma relação de reciprocidade entre aquilo que é o meio e aquilo que é inato/biológico. Provavelmente, a evolução dos comportamentos humanos, como por exemplo, a diminuição de agressividade em detrimento dos laços de vínculo, é um fenómeno de adaptação cultural ao meio. A sofisticação da socialização não exige ao ser humano a mesma qualidade de agressividade que era exigida ao ser humano primitivo. Pois através da filogénese alguns comportamentos primitivos podem-se ter perdido ao longo da evolução, mas provavelmente estes sofreram a influência das construções sociais desenvolvidas pelo ser humano.

A visão de Lorenz sobre a utilidade da agressividade e a sua característica inata, gera alguma polémica entre os cientistas do comportamento. Por um lado, o surgimento das correntes na área da etologia comparativa que, apesar de considerar os elementos comportamentais aprendidos, atribuía à filogenética, isto é, à sucessão genética das espécies orgânicas, a determinação dos elementos comportamentais, por outro lado, o surgimento das correntes *behavioristas*, que consideravam, por sua vez, o meio como o determinante exclusivo no comportamento humano.

Nos anos sessenta, a discussão em torno da dicotomia entre determinismo biológico e a construção social, leva a posições extremistas. Os *behavioristas* criticam a ciência Etologia por ser herdeira de conceitos reflexologistas, que limitavam os comportamentos a reflexos físicos inatos, por legitimar a emoção da agressividade entre os humanos e, ainda, por ser um obstáculo às transformações da sociedade. Os etólogos, pelo seu lado, assumiam que alguma aprendizagem se produzia através da troca com o meio, mas esta estaria programada biologicamente.



Parece-me vislumbrar nesta discussão os argumentos necessários para lançar uma posição que gostaria de fundamentar ao longo deste trabalho: a desmistificação do receio do discurso determinista da biologia, encarando a biologia como um fenómeno relacional e portanto social.

Basta lembrar a terceira recomendação que Lorenz faz para a diluição da agressividade no comportamento humano, isto é, proporcionar o conhecimento directo entre as pessoas e encorajar amizade. Basta compreender esta recomendação para incluir na visão de Lorenz o efeito das trocas sociais/culturais, no corpo biológico remetendo este a uma plasticidade não determinada. Mas, efectivamente, esta visão de um só sentido e sem reciprocidade entre biologia e social, era nos anos sessenta, para alguns, uma visão inabalável. A este propósito, António Bracinha Viera (1976), no prefácio do livro “Amor e Ódio” de Irenaus Eibl-Eibesfeldt, refere que os etólogos defendiam que, “ *os órgãos efectores dos comportamentos aprendidos estariam eles próprios informados geneticamente para poder realizar uma aprendizagem.*” (p.13).

Sobre esta afirmação, não será conveniente definir como certa ou errada, aquilo que me parece é que está incompleta ou demasiadamente simplista.

Referindo a defesa da corrente oposta, segundo uma visão *behaviorista* tutelada por Skinner que evoca a superioridade da espécie humana, António Bracinha Viera (1976), no mesmo prefácio, diz o seguinte, “ *Ao modelo do Lorenz opunha Skinner a proposta de uma planificação total da cultura e uma infalível tecnocracia, abarcando a pedagogia e a sociedade inteira, conseguindo, por meio de punições e prémios fraccionados, inobservância das normas, corrigir o inconformismo, suprimir a loucura e recuperar Prometeu.*” (p.13)

Bracinha Viera (1976) pretendendo expor a posição de Skinner cita este autor demonstrando efectivamente o extremismo da sua visão: “ *Um estado que transforme todos os seus cidadãos em espiões, tal como uma religião que fomente o conceito de um deus omnividente torna praticamente impossível iludir a quem castiga (reforço negativo), e as instâncias punitivas atingem então o seu grau máximo de eficácia. Embora não exista uma vigilância visível, as pessoas (com)portam-se bem.*” (p.14)

A teoria de que todo o comportamento é exclusivamente influenciado pelo meio ambiente, é a mesma que defende que o recém-nascido nasce como uma tábua rasa onde assentará todo o quadro referencial de comportamento ao longo do seu desenvolvimento ontogénico.

Aquilo que é importante, salientar é o facto de que as posições cegas e retidas em si mesmo, não só não permitem o diálogo entre os saberes, como a interpretação dos outros saberes é desenvolvida, não como um oportunidade de construção de saber, mas como um instrumento para fazer firmar as próprias ideias pela negação das outras.

Mas este confronto foi, provavelmente, mais um ponto de partida para o diálogo das várias ciências. É como se a ciência do comportamento humano, nos anos sessenta, encontrava-se numa fase de desenvolvimento análoga à fase de desenvolvimento egocêntrica e narcisista de uma criança de dois anos. Nesta fase, é necessário ao seu desenvolvimento um olhar para si próprio, uma auto exploração e de mostrar que “estou aqui”, para posteriormente, possuído de confiança e conhecimento disponibilizar-se para o diálogo. Hoje a relação entre as várias ciências talvez se encontre numa pós adolescência, onde o diálogo é efectivo, mas as relações ainda imaturas e inseguras.

Eibl-Eibesfeldt, ao ver a sua ciência, a etologia, sofrer muitos ataques, insurge-se atribuindo às interpretações da mesma características deterministas que alguns pretendem considerar. Pois ele considera abusiva a forma como os resultados desta ciência são utilizados. Referindo-se à etologia Eibl-Eibesfeldt (1976), afirma o seguinte, “ *Alguns utilizam-na para justificar e desculpar comportamentos agressivos e os que recusam estas posições conservadoras, inexplicadamente, não criticam os que abusam da etologia, mas atacam esta ciência como se ela fosse responsável por estes abusos* ”. (p.25)

Talvez possa fundamentar a ideia de que, a visão de Eibl-Eibesfeldt (1976), se encontra num patamar de desenvolvimento científico, um pouco à frente da ideia narcisista do conhecimento, pois provavelmente, esta sua defesa confere uma reflexão epistemológica que em si já revela um pensar crítico sobre a sua ciência. Mas, a ideia que demonstra uma perspectiva de maior abertura para um saber mais complexo e não fechado em si mesmo, é a ideia que o autor deixa vislumbrar, relativamente à relação

entre biologia e meio ambiente. Segundo Eibl-Eibesfeldt (1976) “*deve ser sublinhado desde já que a referência ao facto de um comportamento ou de uma disposição serem inatos não implica não implica de modo algum que sejam inacessíveis a uma influência pedagógica ou que tenham que ser aceites como naturais*”. (p.25)

Partindo deste patamar, o autor refere que a agressividade é atenuada pela predisposição do ser humano para a sociabilidade e para a cooperação, no entanto deixa claro, que não é somente através dos factores sociais, como a educação, que o ser humano se torna bom, pois a bondade está na natureza humana. A este respeito Eibl-Eibesfeldt (1976) defende, que “*embora não seja viável suprimir a agressividade, é contudo possível neutraliza-la pela activação de todas aquelas forças que estabelecem as ligações sentimentais entre os seres humanos*”. (p.108).

Entre outras questões que Eibl-Eibesfeldt (1976) coloca, gostaria de explorar a seguinte, “*Como se desenvolveram a sociabilidade e o amor no processo histórico da evolução das espécies e durante o período evolutivo da juventude (ontogénico)*.” (p.27)

Parece-me que relativamente à tendência para o Amor, o autor transmite a ideia de que o Amor não decorre somente de uma a uma pré-programação genética. Segundo as suas ideias, o meio ambiente terá um predominância sobre o biológico, pois esta emoção desenvolve-se através da troca entre seres humanos que deriva de uma construção social, pois segundo Eibl-Eibesfeldt (1976), “*a criança adquire a faculdade de amar o próximo através do amor para com a mãe. Sem passar por esta fase seria difícil senão impossível, para a criança identificar-se com o grupo*.” (p.28)

Esta visão poderá permitir uma distinção clara entre a natureza da agressividade e a natureza do amor. Relativamente a agressividade, apesar de ter um papel na coesão e protecção do grupo, ela é uma reacção individual de sobrevivência. Relativamente ao amor, esta é uma emoção que, embora possa ser disponibilizada pelo corpo biológico, implica a existência de um outro ser.

Eibl-Eibesfeldt (1976), a este propósito, cita Freud revelando que para este autor a agressividade poderá ser combatida através das ligações sentimentais entre os seres humanos, vejamos “*se a disposição do homem para a guerra é um escape para o*

*instinto de destruição, então é óbvio que é necessário mobilizar contra ele o contraponente deste instinto: «o eros»” (p. 108).*

Segundo Eibl-Eibesfeldt, relativamente ao amor, Freud refere duas espécies de ligações sentimentais; por um objecto de amor mesmo sem intenções sexuais e por identificação de pontos comuns.

Tentar reprimir a agressividade, numa perspectiva de eliminá-la por completo através do castigo/recompensa num modelo educativo, será uma ilusão para aqueles que defendem que a agressividade é uma aprendizagem. Efectivamente, ela pode ser aparentemente atenuada, mas a agressividade é uma pulsão inata que, ao contrário de ser eliminada, ela deve ser transformada ou controlada através das válvulas de escapes que se lhe contrapõem, isto é, como já foi referido, pelos desportos de luta, pelos fenómenos de ritualização, ou pelos laços sentimentais.

Relativamente a esta ideia, Eibl-Eibesfeldt (1976) afirma que, “ *Por isso como diz Freud, é «pecado pedagógico» quando não se preparam os seres humanos para a agressividade, com a qual, mais tarde ou mais cedo, se têm de confrontar. Toda a subestimação da agressividade, com base na suposição de ela poder ser apreendida, é da maior irresponsabilidade, em face da evidência presente.*” (p.109).

Ao longo deste capítulo uma ideia acompanhou o seu desenvolvimento como uma música de fundo, por vezes num som mais claro, outras vezes quase imperceptível. Esta ideia tem como base o conceito da evolução, e neste sentido a música de fundo serviu para acompanhar uma história cujo enredo se projecta num percurso evolutivo.

Esta é uma história que se constrói numa dialética entre ideias opostas: biológico *versus* meio ambiente, inato *versus* construção social, agressividade *versus* amor.

Aquilo que me parece é que os autores das ideias radicais que defendem que todo o comportamento e emoções humanas são inatas e os autores das ideias opostas, segundo as quais estas podem ser exclusivamente controladas pelas normas sociais e pela educação, não estariam atentos à música de fundo a que eu chamaria de sinfonia da evolução.

Saber se o Bem ou o Amor estão na nossa natureza ou se são emoções inatas, não é do meu ponto de vista fundamental para compreensão do ser humano, nem tão pouco pretendia alcançar tal resposta. Aquilo que me parece fundamental é a ideia de que provavelmente os instintos primitivos da agressividade foram necessários à união da prole e à sua sobrevivência, e esta agressividade, provavelmente, permitiu a necessidade de desenvolver o emergência do Amor não só numa perspectiva de oponente à agressividade como, talvez, numa perspectiva de continuidade de união entre o grupo através dos laços de vínculo dos seus constituintes. Como afirma Eibl-Eibesfeldt (1976) “ *Com a capacidade de amar, os vertebrados superiores sobrepuseram-se à agressividade. Atingiram um estado evolutivo que deve ser valorizado como mais elevado. Adaptados apenas com impulsos agressivos não teríamos ultrapassado o estado de desenvolvimento dos répteis.*” (p. 118).

A identificação, o sentimento de não sermos estranhos uns aos outros, assenta na cultura de um grupo, que se inicia na cultura da família mas que pode ter objectivo maior: o verdadeiro Amor para com a humanidade.

Assim, eu diria que a música de fundo desenha na pauta uma sinfonia de evolução contínua, onde hoje os seres humanos, humildemente, deveriam reflectir sobre o seu próprio estádio de evolução. Onde é que nos situamos entre a agressividade e o amor?

Arriscar responder que, provavelmente, hoje a humanidade se encontra a meio caminho, talvez seja uma falta de humildade. Aquilo que me parece que não faz sentido é situar o *missing link* algures no nosso passado. Talvez o *missing link* sejamos a ser nós próprios, entre o ser primitivo e algo de novo assente no Amor. Talvez o Amor seja hoje, tal como a emoção da agressividade necessária de outros tempos, a emoção necessária no futuro à conservação da humanidade. Talvez esta seja uma resposta à questão colocada no início deste capítulo.

Lorenz e Eibl-Eibesfeldt ambos cientistas da etologia defendem que foi o laço do amor e da amizade, a *memorável invenção*, da evolução dos vertebrados, que permitiu que vários animais de uma espécie agressiva vivessem, cuidassem e colaborassem uns com os outros de forma pacífica e com objectivos comuns. Mas o maior e mais belo mandamento da humanidade é que o laço de Amor que nos impede a agressão, não se

limite às pessoas que nos estão próximas, mas sim, que através do conhecimento, se projecte universalmente (Lorenz, 1973).

Este desígnio da humanidade é o mesmo desígnio que, como veremos mais adiante, é defendido e preconizado por alguns autores e autoras que pensam em termo filosóficos a humanidade, e onde vamos encontrar ideias comuns a pensamentos de diferentes áreas científicas como o estudo do comportamento humano e a reflexão filosófica sobre a humanidade. Fazendo uma convergência entre ambas, lanço a ideia atrás referida de que o Amor advém da circunstância de não sermos estranhos uns aos outros.

#### 1.4. A Arte de Pensar o Amor

Nesta parte do meu trabalho pretendo fazer um percurso, quase uma deambulação, por alguns autores e autoras cujo pensamento revelam e sublinham em mim a centralidade da noção da Amor e ao mesmo tempo a dificuldade em assumir o conceito e em utilizar a palavra. Pretender levar a sério o Amor parece embaraçoso ao pensamento acadêmico e no entanto, vários autores e várias autoras têm-no conseguido de um modo que me foi iluminante. Sobretudo ao elaborarem a sua reflexão sobre o Amor no centro da sua reflexão sobre a Justiça e a Igualdade, ou no horizonte do próprio saber científico.

A ideia de que o Amor advém da circunstância de não sermos estranhos uns aos outros, e que nos torna menos agressivos, ou rudes era já defendida por Ágaton (447 AC- 401 AC), poeta ateniense e personagem de “O Banquete” de Platão (2008), no seu discurso de celebração a Eros realça a ideia de que o Amor é Relação. Ágaton dirigindo-se a Fedro diz o seguinte, “ *E aí tens, Fedro, a ideia que faço do Amor: Justamente porque possui ao mais alto grau beleza e virtude, é que depois se torna para os outros fonte de idênticos dons...É ele quem apaga em nós a ideia de sermos estranhos uns aos outros e nos comunica sentimentos de familiaridade...abrindo-nos as vias para a delicadeza, fechando-nos para a rudeza.*” (p.62).

Sobre as origens do Amor, Erich Fromm (2002), autor da obra “Arte de Amar”, defende que “*qualquer teoria sobre o amor deve começar com uma teoria sobre (... ) a existência humana.*” (p.17). É verdade que quando faço uma reflexão sobre as razões que me levaram a escolher o tema do Amor, encontro as suas raízes no desejo de conhecer a natureza humana.

Procura, acção, caminho ou meio, serão, porventura, conceitos que definem as raízes do Amor. Fromm (2002) define Amor como “*Aquela união que tem sido a virtude ideal de todas as religiões humanistas e sistemas filosóficos dos últimos quatro mil anos da história ocidental e oriental. (...) O amor é um cuidado activo pela vida e pelo crescimento daquilo que amamos*” (p.53).

Mas, relativamente às origens do Amor, Fromm coloca a seguinte questão: - É o Amor uma arte?

Read (1956) fala de Arte como “ *um fenómeno orgânico e mensurável como a respiração, que possui elementos rítmicos e que está profunda, envolvido no processo real da percepção, pensamento e acção corpórea*” (p.27). Esta ideia de Arte comunga de uma ideia de Amor onde os aspectos cognitivos, pensamento e acção estão inscritos.

Esta ideia é partilhada por Fromm (2002), pois se o Amor é uma arte, “*então exige conhecimento e esforço*” (p.11) e para o viver é necessária dedicação, sabedoria e trabalho.

Relacionar o Amor com o conhecimento, a dinâmica, o esforço e o trabalho é uma herança da filosofia socrática. Eros, Deus do Amor, é o amante natural do Belo e da Sabedoria. Para Sócrates o Amor é a procura do Belo, leia-se: Sabedoria. Segundo Phillips (2008), Sócrates defende que “ *uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o amor, é amor pelo belo*” (p.23). O autor reforça ainda a ideia de que “*demonstramos este amor mais belo no nosso esforço de nos tornarmos sábios.*”(p.23)

A hipótese de que o Amor é um acaso na nossa vida, segundo Fromm, é a premissa que hoje a maioria das pessoas defende. E, sendo um acaso, então não haveria nada a aprender sobre o Amor. Nesta premissa reina, ao contrário da acção e pensamento, a passividade e a sorte. O autor defende o Amor como uma dinâmica que poderá ser vivida, ou não, dependendo da evolução de cada pessoa, relativamente à sua capacidade de viver com os outros. Fromm sustenta o Amor como uma evolução, como uma aprendizagem que carece de trabalho e dedicação.

Para Sócrates, *eros* não domina todos os seres humanos, contudo para o filósofo, *eros* está iminente como fonte de desejo em cada pessoa, mas cada uma tem a capacidade de optar e usar *eros* com os fins que quiser. Isto é, ou de maneira sórdida ou como condutor de elevação pessoal no trajecto em direcção ao divino ( Phillips, 2008).



E. Fromm distingue também dois conteúdos diferentes para o Amor: Amor imaturo aliado à paixão e como objectivo, de carácter superficial e transitório; e o Amor maduro, aquele que não é objectivo em si mesmo, mas vivido como um meio.

Também a feminista e filósofa, Simone de Beauvoir, alerta para a diferença da interpretação possível sobre o Amor. A filósofa defende que o verdadeiro *eros* só pode ser vivido entre iguais, despertando a questão da opressão dos homens sobre as mulheres, opressão esta que procura o prazer como uma satisfação egoísta tornando o/a outro/a invisível. Para a autora *eros* conduz à descoberta *das* razões para existir (Phillips, 2008).

Para Sócrates, a busca de cada ser humano através de *eros*, deveria ser a procura da Sabedoria, isto é, do Belo, de forma a potencializar a excelência humana. Quer isto dizer que *eros* é um forma de vida, uma procura do conhecimento, em última instância, uma procura de si, ou, diria eu, uma procura da humanidade/unicidade, aquela Beleza comum a todos os seres, essência de cada um de nós, finalmente encontrada.

A ideia de que o Amor não é algo estático, mas sim um processo dinâmico, de esforço, de conhecimento e de trajecto, remete-nos para a ideia de busca de algo. Esta ideia transporta em si mesma a ideia de incompletude que Fromm (2002) defende, remetendo-nos para as raízes da humanidade: “ *O que é essencial na existência humana (...) é (...) ter transcendido a natureza - embora nunca a abandone e faça sempre parte dela - e contudo, uma vez separado da natureza, não consegue voltar a ela*” (p.17).

Fromm atribui aos efeitos da *separação* a raiz do problema da existência humana. A procura da solução para este problema vem originar no ser humano a busca da harmonia, irremediavelmente perdida pela transcendência do humano sobre o pré-humano, que segundo Fromm (2002) fez perder um “*estado primordial de união com a natureza*” (p.17). A procura de uma nova comunhão corresponde à busca de um novo encontro no apaziguamento da existência humana. O autor vai buscar à história bíblica, a metáfora que anuncia o Amor como resposta para o problema da existência humana e assim o Amor é visto como um reencontro. É desta forma que Fromm interpreta a desobediência de Eva e Adão como o facto que marca a transcendência do humano, a emancipação do reino animal. Fromm (2002) atribui a ansiedade humana à

“consciência da separação humana, sem haver uma religação através do amor. ”  
(p.19)

A transgressão da mulher representada por Eva, desvenda inteligência e coragem. Numa atitude crítica, agora como ser humano, a mulher age transgredindo uma ordem; prova o fruto proibido e partilha-o com Adão, o homem. A cúmplice transgressão abriu-lhes os olhos, deu-lhes o conhecimento, a moral e permitiu a renovação da vida através da morte e do nascimento cíclico.

O fenómeno da separação e do reencontro através do Amor está também implícito no discurso de Aristófanes na obra “O Banquete” de Platão (2008), que se refere a um antigo estado pré-natal que se perdeu, mas que através do Amor poderá ser reencontrado. “*Ora, quando a forma natural se encontrou dividida em duas, cada metade, com saudades da sua própria metade, se lhes reunia, e estendendo as mãos em volta, enlaçadas uma na outra, não mais aspiravam do que se fundir-se num só ser ...o amor que restabelece o nosso estado original e procura fazer de dois um só, curando assim a natureza humana*”(pp.53,54).

A separação da *forma natural dividida em duas*, ou a separação do *estado primordial de união com a natureza* oferece-nos a imagem da separação entre recém-nascido e a mãe, uma vez cortado o cordão umbilical, uma vez separado da *mãe natureza*.

Fromm (2002) atribui a ansiedade humana à “consciência da separação humana, sem haver uma religação através do amor” (p.19). Neste ponto pretendo salientar o modo como a expressão *Relação* surge como um carácter essencial do Amor, fazendo cada um de nós *pessoa*.

Adão e Eva, dois indivíduos diferentes mas, ainda não *pessoas*. A diferença essencial entre indivíduo e pessoa é, exactamente, a substância relacional da pessoa que não se verifica enquanto indivíduo. É-se *pessoa* enquanto se é *outro/a* de alguém. Ser pessoa é um estado do indivíduo atingível através da relação com *outro/a*. Agora, de *olhos abertos*, Adão e Eva olharam-se, reconheceram-se e homem e mulher tomaram consciência de si e um do outro, como seres separados e diferentes.

A este propósito, Rosa (2007) eleva o ser *pessoa* ao seu expoente máximo, afirmando a totalidade de Deus, entidade amorosa por excelência, que encerra em si mesmo a Relação. Vejamos: “ *A afirmação da Pessoa como síntese de substância e de relação, de ser e consciência é um dos gestos metafísicos mais arrojados e decisivos do pensamento ocidental, cujo o berço foi a afirmação de um Deus diferente, um Deus-em-relação, um Deus Trindade (...) o pensamento trinitário ousa afirmar que a diferença e a relação constituem a Vida íntima de Deus, em eterna dança de amor (...) Um, dois, três; eu, tu, ele; mesmo, outro, diferença; unidade, alteridade; relação;*” (p.19)

Maria de Lurdes Pintasilgo fala-nos do ser humano como um ser de Amor criado à imagem de Deus, num acto de Amor. A autora defende que o ser humano tende para a realização do Amor como, efectivamente, é a sua essência. Pintasilgo (1953) acrescenta ainda que “ *trair a ordem é traír a essência da missão humana.*”(p.3).

A necessidade de coerência, em oposição à *traição*, é comum à ordem da missão humana e à ordem do bebé. Dois conceitos idênticos, *traição* e *incoerência*, que traduzem a negação da raiz comum entre a missão humana e a convicção que o recém-nascido nasce expectante de Amor.

O sentido que Ágaton deu ao Amor dizendo que este *apaga a ideia de sermos estranhos uns aos outros*, contem os conceitos: acção, pensamento, eu, outro, pessoa, relação e construção de identidade. *Amor* não é, de uma vez por todas, um objectivo, mas sim um meio, um fenómeno de acção balizada pela relação e que, segundo Rosa (2007) “ *o uno e o múltiplo, a identidade e a alteridade se vinculam e se comprometem realmente.*” (p.19).

Para a autora a ideia “ *de revelação a outro, porque o homem só realizou na caridade*” é nuclear ao conceito de caridade que a filósofa, Simone Weil (n.d.) evidencia como acção de Amor. É na triangulação *eu, acção e o outro* que o esvaziamento de si permite ao *outro* existir, dando-lhe espaço e poder. Para Weil, esta capacidade foi um modo de vida, a caridade pelos mais fracos e desprotegidos devolve-lhes potência e amor.

Na reflexão “O Amor Ágape” de Comte-Sponville (n.d.) devolve-nos esta ideia quando questiona ” *Quem não tem cuidado com um recém-nascido? Quem não restringe, diante dele, sua própria força? Quem não se impede a violência? Quem não limita seu poder? A fraqueza comanda, e é isso que significa a caridade.*”

Pintasilgo (1953) fala de Amor como fenómeno essencial do ser humano à imagem de Deus/Amor, no manuscrito, sem título, onde expõe o valor do sentimento humano e o amor infinito, escreve o seguinte, “*Na verdade, sendo o homem unicidade indissolúvel do corpo e alma, ele é quanto mais homem quanto mais actualizar todas as potências da sua personalidade*” (p.1). Assim, para a autora, a potencialidade plena do ser humano é a identidade de Deus, descoberta através do reencontro, religação ou identificação do ser humano com Deus. Reencontro, como consequência de acção onde o *outro* se torna cooperador essencial. Pintasilgo (1953) explica esta ideia da seguinte forma “*É evidente ainda que essa actualização total de todas as esferas do «eu» só signifiquem plenitude quando for correlativa ou consequência directa de uma dádiva, de revelação a outro, porque o homem só realizou na caridade*”(p.1).

Destaco aqui a ideia da a autora da existência da *relação e da revelação a outro* como o meio de realizar a caridade que por sua vez leva ao reencontro da plenitude humana, Deus Amor.

A propósito da identidade feminina, Simone de Beauvoir fala de um novo sujeito social, de uma nova consciência, ou melhor, de um reaparecimento do sujeito de direitos fazendo ressurgir a luta pela igualdade ( Phillips 2008). Segundo este autor, Beauvoir defende que *eros* só se pode realizar enquanto vivência entre iguais, quando afirma que, “*a procura do prazer segundo certos princípios implica que nunca se veja o outro (quer esse outro seja uma pessoa, a sociedade ou o universo), apenas como um meio para a nossa própria satisfação, mas que também o vejamos como um fim em si mesmo*” (p.35). A ideia do *outro*, mas um *outro* igual de direitos, é aquela que serve a *eros*. Aqui surge a Justiça como uma virtude amorosa e essencialmente humana que é expressa por excelência na cultura grega. Se a cultura ocidental é, sem controvérsia, *nascida e criada* na Grécia Antiga onde habita a génese dos conceitos que fazem parte

da nossa linguagem cultural, penso que fica claro que o *amor/eros* como elevação pessoal, comporta na sua essência uma dimensão relacional, tendo em conta o *outro*.

O conceito de Justiça advém do Amor, ou melhor dizendo, é a sua virtude, como já aqui foi referido através de Ágaton. Segundo H.D.F. Kitto, *araté* é “a aspiração a nos tornarmos pessoas de excelência multifacetada, a nos tornarmos alguém com respeito pela integridade ou unicidade da vida, cientes que a realização da harmonia não existe num único aspecto da vida mas sim na totalidade da vida” (citado por Phillips, p.24).

Este era o compromisso de cidadania na sociedade Grega. Esta integridade era o ponto de ordem e de harmonia entre o eu e o cidadão/ã ou entre o eu e a sociedade. A este propósito, Phillips (2008) acrescenta que “*Em cada acto empreendido por um membro da cidadania ateniense comportava uma nítida consciência do seu impacto em todos os demais, e o reconhecimento de que ninguém podia alcançar uma excelência pessoal maior sem permitir também que todos os outros membros da sociedade pudessem alcançá-la*” (p.24).

Trazendo novamente, para o tema uma perspectiva feminina e cristã, Simone Weil manifesta nas suas reflexões escritas o tema do Amor. Ela oferece-nos uma perspectiva do Amor à vida, à Beleza, à ordem do mundo e, por isso, o Amor ao próximo. Aliás, relativamente à Beleza, Weil considera que esta não é matéria em si, mas sim relação com o mundo e, neste sentido, a Beleza é dinâmica e caminho para a elevação. Esta visão, diria eu, com raízes socráticas, vem mais uma vez tornar sinónimos conceitos como o Belo, a Sabedoria e Eros/Amor. Mas talvez o essencial do pensamento de Weil, fortemente ligado à sua prática de vida, se resuma à sua coerência radical no que respeita à acção do Amor. Simone Weil transportou a sua enorme evocação intelectual para a sua forma de agir no terreno da vida. Foi através da renúncia, do espírito de pobreza, da caridade, do esvaziamento de si, da primazia e da responsabilidade pelo outro, que Weil viveu, cumprindo, em coerência absoluta a evocação intelectual e o modo de agir, inspirada, misticamente, pela vida de Cristo. Com esta postura, a autora enlaça Amor (evocação intelectual) e Justiça (modo de agir) como caminho e procura da Beleza.

Esta visão remete novamente para o discurso sobre a beleza do Amor proferido por Ágaton no Banquete Platão (2008), que referindo-se à virtude do Amor diz; “ *desde já, o seu principal aspecto: o de que não comete nem sofre injustiças, seja contra um deus ou da parte de um deus, seja contra um homem ou da parte de um homem. Mesmo se alguma coisa o afecta, não é por violência pessoal que é afectado, (violência não liga com Amor!) nem tão-pouco ele a exerce nos seus actos, uma vez que é de livre vontade que cada um serve o Amor. Ora, todo o acordo que resulta do assentimento voluntário de duas partes são «as leis, rainhas da cidade», que o proclamam justo*” (p.61).

Para Weil, a Justiça é a prática do Amor, caminho no alcance da Beleza. Amor e Justiça são modos de agir, e aqui reside a ordem da humanidade pois, crente que Deus criou o ser humano, Weil (2005) refere que “ *o desejo de amar a beleza do mundo num ser humano é essencialmente desejo da Incarnação*”. Ainda a este propósito, no artigo de Comte-Sponville (n.d) a autora é citada, reafirmando a excelência amorosa da humanidade; “*Deus criou por amor, para o amor. Deus não criou outra coisa que não o próprio amor e os meios do amor*”.

Amor é mais do que sentir. Amor é construção de ser pessoa pensante, como tão bem referiu Rosa (2007) “*A relação é a casa do pensamento, o meio onde a inteligência habita.*” (p.19)

Hoje, facilmente se considera o Amor uma outra coisa, porventura inferior. Talvez a sua re-significação, seja necessária. O Amor aqui tratado, é um processo, negando-se como objectivo. O Amor será uma emoção social, uma capacidade do ser humano se relacionar com o mundo, traduzindo esta acção como uma atitude de vital importância e que, de alguma forma, eu arriscaria afirmar, vem garantir a sua sobrevivência. Talvez o mistério último sobre a génese do Amor se situe no desejo de imortalidade, no desejo da conservação da humanidade. Um desejo de criar, o desejo de uma passagem de criatura a criador, onde corpo e alma fecunda, geram a obra, o Bem. Gerar uma criança, um texto, uma escultura, terá por base este desejo divino da imortalidade?

Por um lado, o desejo de imortalidade no outro, com o sentido do cuidado, de protecção, de altruísmo e de desejo de prolongar a vida do outro. Por outro lado, o desejo de fazer perdurar no tempo a existência, através da criação.

Finalmente o amor fraterno, o amor Universal, o amor por todos os seres humanos aliado à solidariedade humana que faz de todos um só, aniquilando o sentimento de sermos estranhos uns aos outros.

O Amor parece servir assim todo o nosso repertório de faculdades como, acção, movimento, pensamento, afecto, trabalho, cuidado, respeito, conhecimento, justiça, cidadania, criatividade arte e relação.

O Livro do Génesis, tem servido na cultura Ocidental, como base para o processo de compreensão da humanidade, no sentido em que o mito é encarado como uma necessidade universal no ser humano. Ele tem sido evocado para a compreensão do ser humano e para os estudos ontológicos, que se dedicam à ciência do ser na sua plenitude e por isso uma ciência que compreende a metafísica.

Fromm (2002) referindo-se a Adão e Eva, diz que *“ao mesmo tempo que reconhecem as suas diferenças, são ainda desconhecidos, porque ainda não aprenderam amar”* (p.19). O autor encontra na história bíblica, a metáfora que anuncia o Amor como resposta para o problema da existência humana. O Amor é visto como um reencontro possível através da relação que nos faz ser *pessoa*. A ideia de que o Amor não é um fim, mas um processo, já foi referida. Esta evocação de louvor ao processo é explicitada claramente por (Rosa, 2007) quando o autor vem defender a necessidade de devolver os estudos ontológicos aos processos, criticando o pensamento Ocidental que tem valorizado mais os resultados do que os processos. Segundo Rosa (2007) são os dinamismos de diferenciação e as funções de relação, *“que possibilitam aqueles processos, sente-se cada vez mais hoje a necessidade de uma ontologia ...atenta ao que está entre, ousando afirmar que a relação, a simbiose, o lugar, o tempo, a acção, a comunidade, o encontro, o amor, a ternura, a comunhão são modalidades de ser ontologicamente originária. (... ) É este o sentido de uma nova ontologia, que vê na génese e na essência da realidade um acontecimento de amor trinitário. (...) O repto hoje, contudo, é não se*

*ficar apenas pelo pensamento: de um amor da sabedoria transitar para uma sabedoria do amor” (p.485).*

No final do século XX, houve um movimento de correntes teóricas que procuraram integrar as várias áreas do conhecimento. A complexidade dos fenómenos obriga, cada vez mais, à diluição das fronteiras disciplinares. Chegámos a um ponto em que diferentes disciplinas convergem para a compreensão da vida social e emocional. A sociologia tem dado um enorme contributo para a compreensão das emoções sociais, Turner (2006) refere que *“Sociology can no longer ignore the neurology of emotions by simply declaring biology to be a “black box” into which sociologists should not tread, nor can sociologists shy away from evolutionary analyses of how humans emotional capacities have emerged”*. (p.1)

Será correcto ou completo um discurso que trate da evolução humana em termos puramente biológicos? À medida que as ciências avançam, o conceito de biologia que segundo o “Dicionário Completo de Língua Portuguesa “( 2006) é definido como *“ciência dos fenómenos da vida nas suas leis gerais”* fica comprometido. Esta é uma definição que remete para racionalismo moderno que arrasta as ciências ao isolamento, fracturando o conhecimento integrador. Sabemos hoje que a psicologia, definida segundo o mesmo dicionário, como o *“estudo científico do pensamento, de percepção, da emoção, da aprendizagem e do comportamento dos seres humanos e das suas relações e interacções com o ambiente físico e social; tratado acerca da alma humana ou das suas faculdades intelectuais e morais”*, traduz também fenómenos da vida e suas leis gerais. Sabemos que o *attachment*, traduzido para o português como o processo de *vinculação* entre bebé e cuidador/a, sendo um factor social, tem um efeito biológico, que por sua vez tem um impacto na construção social do ser.

Então, de que ciência falamos quando falamos em evolução ou desenvolvimento humano?

Siegel, no seu artigo refere que ao longo do seu percurso como Professor, médico e investigador na área da vinculação, da emoção e da memória, verifica que existe uma convergência de um sem número de ciências, desde a antropologia à neurociência, que emerge da integração das mesmas chegando ao encontro de uma *unidade de*



*conhecimento*, traduzido do inglês “unity of knowledge”. Siegel, na abordagem relativamente à visão convergente da ciência, propõe denominá-la *neurobiologia interpessoal* estabelecendo intersecções entre as perspectivas antropológicas bem como da psicologia social e as perspectivas dos domínios da biologia da evolução, da neurociência, da cognição e da afectividade. (Siegel, 2006).

Será que poderia existir uma ciência denominada por *relaçãologia* ou *amorlogia*, ou definido como a ciência que estuda a essência da evolução humana, ou simplesmente a Ciência da Relação.

Vejamos a seguinte apologia ao Amor quando este é integrado na razão pedagógica que venho encontrar no prefácio do livro de Paula Cristina Pereira, onde Adalberto Dias de Carvalho faz a apresentação, falando na procura do eixo da razão pedagógica, Pereira, (2000) diz que “ (...) *aquele em que o amor e o conhecimento reencontram cumplicidades tão quotidianamente pressentidas quanto violentamente ocultadas pelo positivismo e, de uma forma geral, pelo rigorismo científico racionalista.*”(p.9)

A. de Carvalho apela-nos para uma visão integrada onde o ser humano faz parte de um todo cósmico dando “*voz à solidariedade antropocósmica*” (in Pereira, 2000). Segundo este, Pereira (2000) refere-se mesmo a “*uma cosmocidade amorosa cada vez mais presente no conhecer e no ser.*”(p.10).

Talvez o Seminário Internacional que se realizou em Fevereiro de 2007 no ISCTE, “Amar e Trabalhar na Europa”, onde os temas de discussão foram, o amor, a família, as questões de género, parentalidade e trabalho, seja significativo da necessidade de ligar o afecto às transformações da sociedade.

Juntar especialistas das várias áreas do saber de forma interdisciplinar é, no meu ponto de vista, um sinal de um projecto de transformação, na nossa sociedade. Também recentemente, em Junho de 2009, realizou-se na Universidade de Évora um Ciclo de Conferências e Comunicações Internacionais, em homenagem a Maria de Lurdes Pintasilgo com o tema “A Dimensão do Cuidar na Redignificação do Espaço Público” que motivou o tema, com um pensamento seu; “*O cuidado pelos outros, por nós, pela*

*natureza é o que nos constitui enquanto seres humanos*”. Sabemos já, que o cuidar, to care *care*, é um tema do Amor. No referido acontecimento, onde foram apresentadas várias comunicações de âmbito científico, uma ideia fundamental para a construção da cidadania, aliás já referida anteriormente, tornou-se evidente: O cuidado pelas pessoas ou pelas coisas que nos estão próximas exprime-se através do afecto. O cuidado pelo que está mais distante, ou o cuidado pelo espaço público exprime-se através da Cidadania e da Justiça.

Beltrão e Hatton (2007) transcrevem um excerto de um artigo de Pintasilgo onde esta deixa bem claro a relação entre o *cuidar e ser humano*: “ *Cuidar é uma expressão nova na linguagem política. Cada nova política tem sempre um fundamento filosófico. Também o cuidado o tem. Vem de Heidegger que define o ser humano como um être de souci, um ser-que-cuida. Na base, encontramos a ideia de que nascemos já numa dependência mútua, de início como objecto de cuidado, e à medida que nos tornamos adultos, como seres de cuidado. O cuidado pelos outros, por nós próprios, pela natureza, é o que nos constitui enquanto seres humanos* (Público, 26 de Janeiro de 1999).” (p.395)

Esta ideia vem exprimir plenamente, a ideia de base da minha convicção: O ser humano recém-nascido nasce expectante de Amor, e portanto, falar do amor humano é falar do cuidado da Justiça plena.

O contributo da psicologia e de ciências afins tem sido, nesta relevante. Cito a Teoria da Vinculação de John Bolby; a importância da interacção entre mãe e bebé, que o psiquiatra Daniel Stern tem colocado no centro das suas pesquisas; o trabalho do etólogo Hubert Montagner tem publicado várias obras sobre o comportamento da criança e por fim “nova pediatria” na voz de Brazelton, tudo contributos diferentes mas que convergem e sublinham o papel das questões da relação, em especial a importância das relações precoces do bebé no seu desenvolvimento intelectual e social.

Antecedendo estes, outros autores já tinham posto em causa a teoria determinista que defendia que o desenvolvimento da criança era um processo linear e destinada à nascença. Henri Wallon, Piaget e Vygostky vieram fundamentar que o ser humano se desenvolve em interacção com meio ambiente. Wallon valoriza as emoções e a

dialéctica entre inteligência e afectividade, Vygotski valoriza o meio social e Piaget acrescenta o processo da assimilação e acomodação que resulta na capacidade de adaptação.

A partir dos anos sessenta, os movimentos feministas da segunda vaga, reflectem também a valorização daquilo que é social. A sua luta pretende que a diferença entre homem e mulher deixe de ser pensada ao nível da “natureza” e a questão passa para o nível social, fazendo emergir o conceito de *género*, desvalorizando a diferença biológica dos sexos. O conceito de identidade abre novas perspectivas, sendo uma construção social e não uma determinação biológica.

A psiquiatria também faz o elogio ao *Amor*. Daniel Stern, psiquiatra e autor de várias obras, questiona qual a origem das neuroses. Stern defende que este lugar remete-nos para as construções sociais da mente. Isto é, a resposta não se encontra no intra-psíquico, mas sim, na questão interpessoal. A mente humana é construída graças às trocas que existem com as outras mentes. Esta circulação de trocas com os outros é necessária para manter na mente desejos, afectos, pensamentos e intensidades.

Hoje a Neurociência indica-nos que provavelmente a evolução da razão esteja relacionada com a capacidade de sentir moções. (Damásio, 1994)

A Neurociência, sedimentou a relação entre as duas áreas; razão e emoção. O conhecimento neurocientífico trouxe-nos a história da evolução do cérebro, indicando-nos que o cérebro tem uma programação genética, e que o desenvolvimento do cérebro é influenciado pelo impacto que o ambiente exerce no seu sistema, revelando desta forma a sua característica plástica.

Nos bebés, o cérebro é um órgão de grande plasticidade. Os seus dois hemisférios - o esquerdo e o direito - ainda não se especializaram. A plasticidade do cérebro, ao longo da primeira infância, é uma característica de excelência; perante uma lesão num dos hemisférios, as funções deste são adotadas pelo outro. A arquitectura cerebral está a acontecer; a rede de conexões (sinapses) que irão dar origem às várias regiões cerebrais, está ainda em formação. A desativação de uma parte do cérebro (por uma lesão, por exemplo) pode ser compensada por ligações neurais em outros pontos da massa encefálica. Quando adultos, a transferência de funções e compensações neurais

já não é possível, ou é reduzida drasticamente. A “ obra”, está completa. Em caso de, uma lesão, esta tem poucas probalidades de ser compensada.

A qualidade de vida nos primeiros anos, é por excelência, o alicerce da qualidade de vida enquanto pessoa adulta, mas sabemos que o que importa ao bebé é uma relação de amor.

Nos restantes capítulos procurarei desenvolver esta afirmação no que diz respeito ao desenvolvimento do bebé. Qual a importância do Amor no desenvolvimento do bebé? O Amor será agora tratado “*na escala da nossa grandeza*”.

Tentarei fundamentar de que forma o Amor vem concretizar a expectativa da *missão humana* no bebé. O estímulo positivo é a concretização do seu projecto para o qual está organizado e expectante; um projecto relacional, um projecto de Amor que estabelece com a mãe ou com qualquer outro cuidador. A este propósito, Gomes-Pedro (2005) defende que “ *A expectativa do bebé é a coerência de emoções, é a contingência da comunicação*” (p.136).

Chegar a este ponto relativo à abordagem da infância, em que o Amor é algo de fundamental, é consequência de um longo caminho. Parece-me, por isso, pertinente tentar compreender o amor maternal e de que forma a criança tem sido considerada ao longo dos últimos séculos.

## Capítulo Dois

### O Amor Maternal e o Estatuto da Criança na História

Só em 1924 foi enunciada, pela Declaração de Genebra, os Direitos da Criança, que depois de várias ratificações deu origem à Convenção dos Direitos das Crianças, adoptada em 1989 pela Assembleia-Geral das Nações Unidas.

A revisão histórica que me proponho desenvolver não tem a ambição de devolver a este capítulo uma investigação sobre o tema. Pretende-se neste capítulo, somente dar conta de uma evolução, do modo como a infância tem sido abordada ao longo do tempo.

Como base histórica, será analisada uma única obra: “O Amor Incerto - História do Amor Maternal do séc. XVII ao séc. XX” (1980) de Elisabeth Badinter, filósofa e historiadora francesa contemporânea. Badinter propõe-se demonstrar que o amor maternal ou Afecto não está inscrito de forma determinista e biológica na mulher. A autora defende que este sentimento não se estrutura no instinto maternal, mas sim num processo social, cultural e sedimentado pela História. Esta é uma visão polémica, mas é também o seu propósito. Não pretendo, ao conhecer os seus fundamentos, concordar ou discordar desta posição. O interesse desta obra para o meu argumento reside sobretudo no facto de ela desconstruir conceitos estabilizados na sociedade e que por isso, poucas vezes, são alvo de reflexão.

A curiosidade pela obra de Badinter foi fruto da reacção de surpresa perante o facto de esta colocar, de alguma forma, o amor maternal em questão. Este assunto parece ser, na nossa sociedade, uma verdade quase absoluta, inquestionável e universal. Mas, não foi sempre assim.

Badinter vem defender e explicar que o amor maternal não é um fenómeno instintivo, mas sim uma construção social. Badinter (1980) no prefácio questiona “*não teremos uma excessiva tendência para confundir o determinismo social e o imperativo*

*biológico?*” (p.12). Ao longo desta viagem histórica, torna-se fundamental abordar não só o estatuto da criança, mas também o da mulher e de mãe.

A autora inicia o seu livro remetendo-nos para o poder da autoridade paternal e marital reinante na família que, segundo os historiadores se preconizou na Índia, tendo em conta alguns textos sagrados, onde o pai tem o direito absoluto de julgar e punir tanto a mulher como os filhos. Badinter defende que foi Aristóteles quem veio originar o poder do homem sobre as mulheres e as crianças. Segundo Aristóteles, citado por Badinter (1980) “ *a autoridade do homem é legítima porque assenta na desigualdade natural existente entre os seres humanos*”(p. 27).

A mulher era assumida como desigual relativamente ao homem, mas numa posição de inferioridade, e as crianças como seres imperfeitos, inacabados e de faculdades muito reduzidas e entregues à responsabilidade do marido logo que deixassem de mamar. Este poder absoluto do homem deriva da sua semelhança com o divino que comanda as suas criaturas e tem o poder de governar a pólis.

Através das interpretações do Livro do Génesis da Bíblia, a mulher ficou determinada às forças maléficas, ao pecado e à sua origem inferior por ser nascida do homem, e criada por Deus numa posição secundária e subalterna. Pelo castigo de Deus, Eva foi subjugada às dores, à submissão de Adão e claro, à correspondente passividade. Os conceitos de amor e de igualdade surgem com Jesus Cristo. Segundo a sua mensagem, marido e mulher dividem de forma igual os poderes e os deveres relativamente aos seus filhos, mas alguns teólogos trataram de perverter a palavra de Cristo, interpretando-a de forma a perpetuar o poder paternal e marital. No entanto, a autora remete-nos ainda para a *Epistola aos Efésos de S. Paulo* que fala de igualdade mas uma igualdade entre mulheres, hierarquicamente inferior à igualdade entre os homens. S.Paulo fala de amor e de respeito evocando as palavras de Cristo, e no entanto, é o homem quem manda porque dele nasceu a mulher.

Voltando à igualdade que Cristo pregou, este veio de facto promover algumas transformações, beneficiando as mulheres, pelo menos as mulheres das classes mais altas. As mulheres no séc. XIII têm alguns direitos, como gerir o seu dinheiro e substituir o marido em caso de doença. Mas, na verdade, ainda no séc. XIII, no Sul de

França (sob influência Romana), o pai pode matar o filho. A autoridade paterna vai ganhando poder até ao séc. XVIII, devido ainda, segundo Badinter (1980) ” *não só à influência do direito romano, mas também à do absolutismo político* ” (p.27).

A partir do séc. XVI as mulheres vão perdendo, cada vez mais, os poucos direitos que já possuíam.

Para Badinter (1980) não foi só a herança Aristotélica e a teologia cristã que remeteram as mulheres para o desígnio do silêncio e da submissão. O absolutismo político, resultante da autoridade real, vem, de certa forma, completar o quadro, reforçando o poder marital e parental. O Rei está para os seus súbditos, como Deus para o seu rebanho, ambos são a autoridade, a bondade e o Pai. Esta ideia vai ser espelhada na estrutura familiar onde o pai é também a autoridade e a bondade, Deus sobre o seu rebanho, o rei sobre os seus súbditos e o pai sobre a esposa e os filhos, sempre detentor do poder absoluto.

Mas até onde chegava este poder? Qual era a posição dos pais perante os filhos? Que direitos tinham os filhos? Qual a qualidade das relações familiares? Existia o amor/afecto?

A partir do séc. XIII, segundo Badinter (1980), a Igreja atribui aos pais alguns deveres relativamente aos seus filhos “ *Criatura de Deus, é necessário fazer dela, a qualquer preço, um bom cristão. Os pais não podem dispor dela nem abandoná-la* ” (p.38). A partir desta premissa, os pais perderam o direito de matar os filhos. O aborto e o infanticídio passaram a ser também condenados.

No entanto, e até como medida preventiva de assassínio, os pais tinham o direito a abandonar as crianças, tendo sido criadas, em França, as primeiras casas de acolhimento, no séc. XVIII.

Numa sociedade assente no princípio da autoridade, as relações mantinham-se pelo poder divino, pelo poder político e pelo poder paternal. Se é que o amor existia, este não era um sentimento valorizado e por isso não tinha espaço para ser aprendido e desenvolvido. Badinter (1980), relativamente ao amor, escreve ” *Difícilmente conseguimos detectá-lo nos documentos que dispomos. Quando aparece aqui ou ali nas*

*relações familiares, é de passagem, no cruzar-se de duas frases, como que envergonhado.”* (p.41)

A Igreja, condenando a paixão e o prazer, só prometia o bom amor que se traduzia em amizade. O acto sexual entre marido e mulher era como que um mal inevitável a praticar, que não deveria ser vivido com prazer. O casamento é somente um contrato sagrado entre duas famílias e alvo de regras condicionantes tais como a homogamia e o dote. O pai determinava com quem a sua filha ou filho deveriam casar. A beleza, a inteligência e a atracção física era algo que devia ser considerado. Nas classes mais baixas, a regra que predominava era a capacidade de trabalho da mulher. Badinter (1980), evocando E.Shorter retrata bem qual a importância que a mulher/esposa tem para o camponês *“pronto a cobrir de ouro o veterinário que salve a sua vaca, hesita por vezes até ao último instante em gastar o preço que o médico cobrará por uma visita à cabeceira da esposa agonizante”* (p. 45). A autora refere também como alguns provérbios são bem representativos do papel da mulher; *“ O homem tem dois dias grandes nesta terra: o dia em que casa com a mulher e o dia em que a enterra”*. Claro! Assim abre-se a hipótese de um novo casamento, isto é, de um novo dote.

Chama-se a atenção para o facto de se considerar que o sentimento de amor não existia, não era valorizado ou era conectado negativamente. E era neste “tom” que as crianças aprendiam a linguagem dos afectos, ou melhor, não aprendiam porque não a viviam (Badinter, 1980).

A literatura, a filosofia, a teologia e outras fontes dão-nos conta de que a criança no séc. XVI era pouco mais que um incómodo para a família. Desde ser um ser insignificante até um ser que faz medo, ela estava longe de, pelo menos socialmente, ser alvo de sentimentos afectuosos, tal como já referido, entre marido e mulher.

Segundo Badinter (1980), Santo Agostinho não tem para com a criança qualquer sentimento afectuoso e considera-a como o símbolo do mal, *“a criança torna-se símbolo da força do mal, é um ser imperfeito, acabrunhado pelo peso do pecado original”* (p.50). Continuando a citar Santo Agostinho, Badinter (1980) revela-nos os seus pensamentos, chocantes (1980) *“Não será pecado cobiçar o seio a chorar, uma vez que se eu cobiçasse agora com tal ardor um alimento dos que convêm à minha*



*idade todos se riam de mim? tratava-se de uma avidez maligna, e quando crescemos arrancamo-la e recusamo-la”* (p.51).

Isto demonstra que de facto a criança não era vista nem respeitada, na sua especificidade. As expectativas relativamente a ela eram as mesmas que as relativas a um adulto. A diferença é que o adulto ao longo do tempo, se ia purificando de todo o potencial maléfico da infância.

Mais uma vez se constata que a mensagem de Jesus Cristo foi esquecida ou mal interpretada. Enquanto Cristo diz *”Deixai vir a mim as criancinhas”*, atribuindo-lhes um espaço de honra, Santo Agostinho insistia na ideia negativa e nas vergastadas e ameaças violentas, para controlar as forças do mal, apesar das mães, obviamente, cuidarem dos seus filhos da maneira “correcta” pois, de outra forma, seriam condenadas socialmente. Esta posição é mantida por um reconhecido pregador espanhol do séc.XVI, J.L.Vivès, que, citado por Badinter (1980), nos diz *“ Os corpos são debilitados somente por delícias; pelo que as mães perdem os seus filhos, quando os alimentam com volúpia (...) porque ris das suas malfetorias...incutis-lhes opiniões perversas e perigosas...e fazei-los seres atraídos por actos diabólicos (...)”* (p.53). Estes reparos demonstram também que mimos e carícias são gestos pecaminosos. Desta forma, a ternura estava aliada à culpa e ao egoísmo. A amamentação é um fenómeno voluptuoso e susceptível de prazer. É ainda neste tom que nos “Opúsculos de Piedade” de Bérulle, citado por Badinter (1980), se escreve *” O estado infantil é o estado mais vil e mais abjecto da natureza humana a seguir ao da morte”* (p.56).

Na verdade, o que de mais importante se faz ressaltar desta preocupação tremenda de desvalorizar a criança, é o facto do eminente sentimento de protecção, ternura e amor que parece brotar dos corações das mães. De outra forma, seriam necessárias estas advertências? Às mães pouco lhes restava senão o sentimento de culpa, pois no seu fundo elas consideravam-se umas pecadoras.

Em termos filosóficos é com Descartes que a herança aristotélica é abalada, e relativamente às considerações sobre a criança, o filósofo do Racionalismo não lhe atribui o pecado mas sim o erro. Parecendo haver alguma evolução, no entanto, para

Descartes a infância ainda não é um tempo glorioso, mas um tempo do qual nos devemos libertar rapidamente, pois é porque se nasce criança que subsistem erros.

Descartes aproximou-se de uma verdade hoje aceite cientificamente em todas as áreas disciplinares, de que a infância é de facto crucial no futuro adulto, mas Descartes via nisso somente aspectos negativos, pois na verdade, considerava a criança como um ser desprovido de razão.

A partir do início do séc. XVII, a concepção de infância começa a transformar-se nas mentalidades, ainda que o olhar dos adultos pelas crianças esteja longe de lhes dedicar ter a atenção e cuidado privilegiado, baseados na ternura.

No entanto, já em 1708, o parteiro Philippe Hecquet e alguns médicos escrevem manuais de como ser uma boa mãe no sentido do bem-estar dos filhos, mas as mentalidades da época ainda não estavam disponíveis para essa mudança.

É com Rousseau que se dá a grande transformação, quando em 1762 publica *Emílio*, obra que ainda hoje inspira teorias pedagógicas e que pela primeira vez evoca a família moderna. Tal como escreve Badinter (1980) “*Emílio, em 1762, cristaliza as ideias novas e dá o autentico impulso de arranque à família moderna, quer dizer, à família assente no amor maternal.*” (p.51).

Mas ainda no séc. XVIII, em França, é prática comum em todas as classes sociais a entrega dos bebés a amas. Nas classes mais baixas, porque as mulheres trabalhavam fora de casa; nas classes mais altas porque era chique, e cuidar de uma criança não era valorizado e muito menos considerado como acto nobre. Quando do retorno a casa, a criança, sem qualquer vínculo e intimidade com os pais, é remetida para a preceptora e mais tarde quando adolescente, é enviada ou para o convento ou para um internato. Badinter (1980) evocando Ariès sugere que “*este pôr de lado das crianças é uma das faces da grande moralização dos homens em curso (...) o autor pensa que a afeição dos pais se expressa através do lugar à educação e que isso constitui uma prova da nova importância que se reconhece à criança*” (p.129).

Parece que no fim do séc. XVIII, a questão maternal muda de paradigma. Agora a culpa nela inverte-se e passa a ser a de não exercer a sua função maternal. Contudo, mas

como escreve Badinter (1980) “ *serão precisos, no fim do séc. XVIII, longas séries de argumentos para recordar à mãe a sua actividade “instintiva”* (p.141).

O Racionalismo tinha chegado com Descartes, mas só no séc. XVIII com Rousseau (aborda-se este autor sem no entanto o referenciar como um dos responsáveis para a desigualdade dramática entre homem e mulher. Os seus valores pedagógicos excluem totalmente as mulheres no seu projecto educativo, e era só para algumas crianças, os meninos.) e com a Revolução Francesa surgiu o discurso “iluminado” contra o autoritarismo, a favor da liberdade e da igualdade.

A filosofia das Luzes veio desenvolver espaço para a vivência dos sentimentos, olhando o “Homem” na perspectiva da sua felicidade.

A transformação dos costumes dá início à concepção de mulher desligada da serpente e da criatura diabólica. Agora o que se espera da mulher é ternura e serenidade. Como escreve Badinter (1980) “*Eva dá lentamente lugar a Maria. A curiosa, a ambiciosa, a audaciosa, metamorfoseia-se numa criatura modesta e ajuizada, cujas ambições não vão para além das paredes do lar*” (p.174).

Nos finais do séc. XVIII começa a notar-se algumas mudanças: o casamento tem outros objectivos, deixa de haver a preocupação com os bens materiais, os jovens podem escolher os futuros maridos e mulheres e fala-se de amor.

O direito ao amor abalou a submissão das mulheres relativamente aos maridos. A decisão de ter filhos é partilhada entre os dois como o fruto do amor e os filhos são amados pelos pais.

Rousseau, que em grande parte é o responsável por esta ideologia, remete para as mulheres o prazer de ser mãe, de amamentar, de mimar o seu filho enfim, o prazer da dedicação total à função maternal com o retorno do sentimento de felicidade. Rousseau ao destinar de forma tão bela a maternidade vem contudo, desresponsabilizar a função paternal.

Agora que as mulheres são detentoras de novos poderes, é necessário educá-las, pois passam a ter uma grande responsabilidade no futuro da sociedade, visto que cuidam e

educam os futuros homens. Assim, a educação das mulheres passou a ter um objectivo não centrado nelas, mas nos filhos (rapazes), porque é por elas que estes são educados.

Esta ideia rousseaneana foi explorada profundamente pelos homens, pois este nobre amor maternal, em tudo lhes convinha.

As mulheres, na sua “liberdade” de amar os filhos, estavam determinadas à sua boa natureza, a serem boas mães e gestoras do espaço limitado ao privado. Todas as mulheres tinham a felicidade de integrarem na sua natureza o instinto maternal, e por isso deveriam, em nome da esperança e reconhecimento social, divino e místico, esquecer o sofrimento, as dores e todos os sacrifícios que a sua nobre missão lhes destinava.

Em pleno séc. XIX, assistimos aos primeiros movimentos feministas e sufragistas a reclamarem uma plena igualdade de direitos. Direito à libertação económica, ao trabalho, ao voto e o direito a não confinarem a sua vida a um único propósito, ao propósito do bem-estar do homem.

Será que todas as mulheres desejam ser mães? Terão que se sentir culpadas por não o serem? E o pai? Qual a função paternal na educação dos filhos?

Apesar de haver uma grande evolução relativamente às questões de género, e de cada vez mais, homem e mulher se aproximarem na sua globalidade de ser humano - sendo que a mulher exerce cada vez mais funções anteriormente destinadas só aos homens e vice-versa - vemos que na família se está a perder a autoridade paternal. O pai agora “participa” na gravidez, exerce tal como a mãe os cuidados, envolvendo-se de forma ternurenta e amorosa com as crianças, experimentando novos sentimentos de felicidade e de amor.

Este é o novo discurso social. Agora os filhos são fruto de amor; pai e mãe devem amar, cuidar e educar de forma partilhada as suas crianças, e estas devem ser protegidas por toda a sociedade.

Verifica-se que de facto, mais do que o biológico, é a sociedade que “dita” comportamentos e atitudes sociais. De facto, a obra de Badinter mostra-nos como os valores da sociedade influenciam as nossas opções e condutas. Quanto ao amor

maternal, ele sempre existiu, mas nem todas as mulheres o sentem obrigatoriamente. Hoje, cada mulher e cada homem podem optar por ter ou não ter filhos, e essa opção é um direito que constituirá famílias mais equilibradas e felizes. Verifica-se também que ao longo dos tempos, como as expectativas, relativamente à maternidade, foram diversas, as crianças foram desde sempre seres insignificantes, diabólicos, pecadores, incómodos.

O reconhecimento da dignidade humana constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da Paz no mundo. As Nações Unidas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamam que a infância tem direito a ajuda e assistência especiais. A família é também considerada o meio para o crescimento e bem-estar, em particular, das crianças. Reconhecem igualmente que o desenvolvimento harmonioso da criança deverá ocorrer num ambiente familiar em clima de felicidade, amor e compreensão (Unicef).

Os Estados Partes das Nações Unidas garantem que todas as decisões relativas à criança terão que ser tomadas, acima de tudo, tendo em conta o Superior Interesse da Criança. Adoptada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas em 1989, a Declaração dos Direitos da Criança integra 54 artigos. Os primeiros 41 dizem respeito a Direitos da Criança. Os restantes dizem respeito ao compromisso dos Estados Parte no que respeita à obrigatoriedade da divulgação dos Direitos contidos na Convenção, à avaliação de relatórios, à realização de estudos e à promoção da aplicação efectiva da Convenção.

É importante salientar que em pleno séc. XXI, um grupo de especialistas da saúde, da educação, da justiça e da sociedade civil, em conjunto, desenvolveram um documento de modo a clarificar o conceito de Superior Interesse da Criança, para que as decisões da vida desta sejam tomadas pelos tribunais, de acordo com as suas verdadeiras necessidades.

O conceito de Superior Interesse da Criança tem sido alvo de discussão pela dificuldade de o definir. No entanto, este é um conceito que se centra na importância das relações psicológicas profundas da criança e no direito de esta ser ouvida em situações judiciais. Uma forma de clarificar este conceito é, sem dúvida, a partir do cumprimento dos

direitos fundamentais da criança. Realço o artigo nº 6 que refere o Direito ao Amor e à compreensão por parte da família e da sociedade. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/declara.>) As crianças são hoje cidadãs de direito e o Estado tem a obrigação de as proteger.

A par da evolução histórica relativa ao amor maternal e ao estatuto da criança que foi aqui descrita, o conhecimento científico, nomeadamente a Neurociência, tem contribuído para a fundamentação dos Direitos da Criança.

## II PARTE

### Capítulo Três

#### **Um Encontro Através das Neurociências - A Emoção, A Razão, O Corpo e a Sociedade**

O pensamento Racionalista ainda hoje tem lugar em algumas mentalidades da comunidade científica. Apesar de nos situarmos, hoje, no paradigma do pensamento complexo (Edgar Morin, 1995), assumindo a complexidade do conhecimento que traz para o diálogo os vários saberes, ainda é estranho para muitos e muitas aceitar que a razão e a emoção são um mesmo sistema. Gomes-Pedro, (2005) refere que *“Do cartesianismo à inteligência emocional, o progresso parece fazer aproximar, cada vez mais, o cérebro do espírito, a consciência do afecto, a aprendizagem das emoções”* (p.109). Contudo, esta aproximação é recente. Até há bem pouco tempo as várias correntes racionalistas, herdadas do modernismo, continuavam a marcar a autonomia do “Homem” moderno, pelo conhecimento científico e pela excelência da razão como instrumento único de conhecimento. Esta forma de conhecimento tendia, inevitavelmente, a fixar o fosso entre emoção e razão.

Um sem número de autores e autoras, ao longo de séculos, têm vindo a escrever sobre o papel das emoções no comportamento do ser humano.

Entre estes destaco António Damásio, neurocientista, que se tem dedicado à investigação da neurociência no espaço social. É curioso, como este autor assume frontalmente uma mudança de posição. Logo no início do seu livro, «O Erro de Descartes», Damásio (1996) a propósito da dualidade razão/emoção, confessa o seguinte; *“ recordo-me claramente de quando me convenci de que a perspectiva tradicional sobre a natureza da racionalidade não poderia estar certa. Fui advertido, desde muito cedo, de que as decisões sensatas provêm de uma cabeça fria e de que emoções e razão se misturam tanto quanto água e azeite ”* (p.13).

Damásio na sua obra “ Erro de Descartes” vem sugerir o contrário. Recorrendo ao caso de um doente, o autor constata que após o sofrimento de uma lesão numa zona específica do cérebro o nível de inteligência do doente se mantinha, mas a ausência de raciocínio prático e de emoção era evidente.

Esta alteração de comportamento não teve de imediato explicação científica. Este doente mantinha as capacidades cognitivas intactas, a memória e a linguagem, e o raciocínio matemático, igualmente intactos. As sequelas da lesão cerebral eram claras e bem definidas: incapacidade de tomar decisões e incapacidade de sentir emoções. Referindo-se a esta situação, o psicólogo norte-americano, Daniel Goleman (2003) escreve o seguinte; “ *A Capacidade de decisão destes doentes fica terrivelmente diminuída e no entanto não apresentam qualquer deterioração do QI ou das capacidades cognitivas. A despeito de uma inteligência intacta, fazem escolhas desastrosas nas suas vidas profissionais e particulares, chegando ao ponto de ficarem indefinidamente indecisos sobre uma decisão tão simples como marcar ou não uma consulta. O Dr. Damásio argumenta que têm tanta dificuldade em tomar decisões porque perderam o acesso à aprendizagem emocional* ” (p.49).

Após vinte anos de trabalho clínico com casos semelhantes, onde observou os mesmos fenómenos o autor tem resultados científicos para lançar uma hipótese. (Damásio, 1996)

Segundo Damásio (1996), “ *a razão pode não ser tão pura quanto a maioria de nós pensa que é ou desejaria que fosse, e que as emoções e os sentimentos podem não ser de todo uns intrusos no bastião da razão, podendo encontrar-se, pelo contrário, enredados nas suas teias para o melhor e para o pior.*” (p.14)

Damásio pensa ser provável que a evolução da razão esteja relacionada com a capacidade continuada de sentir emoções. Contudo o autor alerta-nos no sentido de não tomar esta proposição de forma universal, Damásio (1996) não pretende colocar as emoções no trono do cérebro, mas apenas, como ele próprio refere: “ *limito-me a sugerir que certos aspectos do processo da emoção e do sentimento são indispensáveis para a racionalidade*” (p.14).

Aliás, o seu interesse pela emoção advém de questões relativas aos aspectos cognitivos. Na Introdução da obra “Erro de Descartes”, Damásio (1996) menciona que foi a



cognição que o levou a incluir a emoção no seu processo de compreensão científica, estabelecendo desta forma uma inevitável relação entre emoção e cognição: “ *A emoção é o segundo tema central deste livro, um tema para o qual fui arrastado, não por escolha antecipada mas pela necessidade, ao procurar entender a maquinaria cognitiva e neurológica subjacente à razão e tomada de decisões*” (p.16).

O que importa aqui evidenciar, de toda a complexidade do cérebro humano é, por um lado, a existência de um cérebro primitivo (sistema límbico onde se encontra a amígdala) e de um cérebro moderno (neocortex) e, por outro lado, evidenciar a ligação entre ambos. Por outras palavras, existe um super sistema cerebral onde se inserem tanto as regiões cerebrais de “baixo-nível” como as de “alto-nível” (Damásio, 1996).

O primeiro nível, para além de outras competências, é responsável pelo processamento das emoções, dos sentimentos e da sobrevivência. O segundo nível é responsável pela razão, tomada de decisões, comportamento social e capacidade criadora.

Esta forma, cartesiana, simples e redutora de desenhar o cérebro, destaca duas regiões cerebrais com funções distintas, mas, o que é relevante e o que interessa salientar, não é a distinção mas sim a relação, a interdependência que existe entre as regiões. Segundo Damásio (1996) ” *estes níveis mais baixos mantém relações directas e mútuas com praticamente todos os órgãos do corpo, colocando assim o corpo directamente na cadeia das operações que dá origem aos desempenhos de mais alto nível da razão (...)* *emoção e sentimento e, regulação biológica, desempenam um papel na razão humana. As ordens de nível inferior do nosso organismo fazem parte do mesmo circuito que assegura o nível superior da razão*” (p.15).

Não pretendendo aprofundar o conhecimento neurocientífico, gostaria no entanto, de apresentar de forma simplificada a arquitectura do cérebro, de forma a compreender o seu funcionamento como um super-sistema.

Vejamos o cérebro como algo que se foi desenvolvendo ao longo dos tempos por camadas. Neste espaço foram-se sedimentando camadas de competências relativas a necessidades das circunstâncias. Numa primeira fase a necessidade era manter o corpo vivo. Assim, a primeira formação de massa cerebral oferecia as ferramentas necessárias à sobrevivência, isto é, à protecção, à busca de alimento e à procriação de forma a

manter a sua espécie. Esta camada mais primitiva do cérebro, chamado o tronco cerebral, é comum a todas as espécies compostas com mais que um sistema nervoso. Foi este cérebro que deu origem, mais tarde, aos centros emocionais, o sistema límbico. Reportando-se a este sistema, Goleman, (2003) refere: “ *Este novo território neural veio acrescentar as emoções, propriamente ditas, ao reportório do cérebro (...) Á medida que evoluía, o sistema límbico refinava duas ferramentas muito poderosas: a aprendizagem e a memória*” (p.33).

Com a alteração das circunstâncias ambientais foi necessário desenvolver capacidades mais complexas, novos sistemas ligados uns aos outros, de forma a dar resposta a novos níveis de exigência. No cérebro, foram-se desenvolvendo novas camadas complementares para continuar a dar resposta à complexidade das circunstâncias que exigiam agora um cérebro pensante: o neocortex. Desenvolveu-se assim um novo espaço a que se chama mente. O aspecto mental da emoção é o sentimento. Como refere Damásio (1996) “ *A mente teve primeiro que se ocupar do corpo, ou nunca teria existido. De acordo com a referência de base que o corpo constantemente lhe fornece, a mente pode então ocupar-se de muitas outras coisas, reais e imaginárias*” (p.18).

O corpo completa assim a tríade funcional do cérebro, não se podendo falar de emoção e razão, sem se articularem o corpo. Este não é mera matéria de sustento do cérebro. Como expõe Damásio (1996) referindo-se ao corpo ” *fornece, também um tema básico para as representações cerebrais.*” (p.19).

A proeminência do corpo no sistema cerebral é uma hipótese que o autor perspectiva, trazendo para o tema todo o potencial humano, pois segundo Damásio (1996), ” *o amor, o ódio, e a angústia, as qualidades de bondade e crueldade, a solução planificada de um problema científico ou a criação de um novo artefacto, todos eles têm por base conhecimentos neurais que ocorrem dentro de um cérebro, desde que esse cérebro tenha estado e esteja nesse momento a interagir com o seu corpo. A alma respira através do corpo e o sofrimento, quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne*” (p.19).

A mente é vista como uma incorporação, não podemos pensar sem termos um corpo. O movimento vem primeiro. A consciência não existe sem um corpo.

Que o impacto social influencia o desenvolvimento dos sistemas biológicos, é claro, mas que estes têm uma programação genética programada, é verdade também. O processo de desenvolvimento ocorre enquanto relação, mas é verdade também que existe uma plataforma biológica onde é possível a relação, um lugar, um corpo, onde se torna possível combinar as duas dimensões. A mente é vista como uma incorporação, portanto não podemos pensar sem termos um corpo reconhecido.

Salvando que este exemplo não serve para aprofundar o tema, pois tal como eu o apresento aqui, ele é redutor e demasiado simplista. É, de certa maneira, a tradução plástica, da forma como interpretei a explicação de Damásio (2008) (entrevista a Clara Ferreira Alves, *Expresso*, de 24 de Maio, 2-3), quando se refere à relação entre os processos biológicos e as emoções sociais. “ *A forma como regulamos as nossas relações sociais não pode ser concebida exclusivamente, como o resultado exclusivo dessas relações sociais. Elas são a tradução das tendências emocionais presentes no genoma humano e em outras espécies. Concebo essas emoções sociais, neste momento, como sendo em boa parte o resultado de processos biológicos organizados para responder a certas situações sociais, e que são subsequentemente ou reprimidos ou reforçados pela educação e a aculturação.*”

O neurocientista norte-americano, Ledoux (1996), procurando situar a constituição das emoções no corpo, coloca a questão da seguinte forma; “*The mental aspect of emotion, the feeling, is a slave to the physiology, not vice versa: we do not tremble because we are afraid or cry because we feel said; we are afraid because we tremble and sad because we cry*” (p.44).

Sentimentos ou emoções não sendo mensuráveis não podem contribuir para o conhecimento científico, mas ao longo das últimas décadas, a tecnologia, nomeadamente, a imagiologia tem permitido às neurociências vislumbrar e medir a actividade cerebral e compreender como é que os neurónios, com o seu corpo celular e com as fibras de saída (axónios) e as fibras de entrada (dendritos), estabelecem pontos de contacto entre os seus axónios e os dendritos de um outro neurónio. Este contacto, não mais que sinapses, desencadeia a libertação de substâncias químicas, iões transmissores, dando origem aos circuitos locais, que por sua vez geram as regiões ou

núcleos corticais, formando sistemas, desde os mais primitivos (sistema límbico) aos mais modernos (neocortex) e que, por sua vez, dão origem ao super sistema que é o cérebro.

Transcrevo de uma entrevista, Damásio, A. (2009) a Judite de Sousa (Programa “Grande Entrevista” da RTP1), a forma mais simples e clara como explicou o essencial relativamente à relação entre emoção e razão. Depois de compreender o resultado de uma enorme dedicação e trabalho e conhecimento ao longo de décadas, indica-nos que o *”cérebro é como uma espécie de boneca chinesa, em que temos uma caixa, depois outra caixa e depois outra caixa, e as emoções estão no fundo e estão a influenciar todo o processo que nós, como seres racionais e extremamente orgulhosos da nossa razão e do nosso racionalismo, pensamos que temos um controlo absoluto, mas não temos, temos um controlo parcia.l”*

A este propósito Goleman (2003) refere a o seguinte, *” Esta vaga de dados neurobiológicos permite-nos compreender mais claramente que nunca, como é que os centros de emoção do cérebro nos levam à raiva ou às lágrimas e como partes mais antigas desse mesmo cérebro, que tanto nos incitam à guerra como ao amor, podem ser canalizadas para o melhor e para o pior.”* (p.19)

Mas a verdade é que, ao longo de milhões de anos de evolução, o cérebro desenvolveu-se de baixo para cima, sendo que as regiões mais modernas desenvolveram-se com base nas regiões já existentes, tal como o crescimento de uma planta, e torna-se ainda mais interessante, no meu ponto de vista, pensar que esta evolução do cérebro é repetida *grosso modo* pelo desenvolvimento do cérebro do feto humano até à infância. (Goleman,2003)

Este processo de interacção é responsável tanto pela evolução do ser humano como do desenvolvimento do indivíduo.

Sabemos que o que motivou Damásio nas suas investigações, foram as sequelas de lesões cerebrais nos seus doentes que impossibilitavam a capacidade de decisão, sabemos também que o que originou esta incapacidade foi a perda de acesso à

aprendizagem emocional, pela ruptura da ligação entre o sistema límbico e o neocórtex, mas o que interessa sobretudo indagar não é o que se refere a lesões ou doenças neurológicas mas a possibilidade de factores sociais terem o mesmo impacto alterando o comportamento humano. Damásio (1996) refere, *“Alguns têm lesões cerebrais em consequência de tumores cerebrais, de ferimentos na cabeça ou de outras doenças do foro neurológico. Outros, no entanto, não tiverem qualquer doença neurológica e comportam-se, ainda assim, como Cage por razões que têm a ver com os seus cérebros ou com a sociedade em que nasceram. Precisamos de compreender a natureza destes seres humanos cujas acções podem ser destrutivas tanto para si próprios como os outros, caso pretendemos resolver humanamente os problemas que eles colocam. Nem o encerramento nem a pena de morte – respostas que a sociedade actualmente oferece para esses indivíduos, contribuem para a nossa compreensão de problema ou para sua resolução”* (pp.38,39)

Atrevo-me a concluir que provavelmente os comportamentos sociais negativos, como por exemplo a delinquência ou a *inadaptação*, que são muitas vezes tidos como problemáticas predeterminadas e da responsabilidade dos genes e por isso inevitáveis, são evitáveis.

Finalmente, Damásio incorpora outro fenómeno naquilo que eu chamei a tríade do funcionamento sistémico do cérebro (corpo, emoção e razão) Trata-se agora de algo exterior, que não é, nem biológico, nem genético: é aquilo que é social, cultural ou contextual. Tal como refere Goleman (2003), *“As lições emocionais que aprendemos quando crianças moldam os circuitos emocionais tornando-nos mais aptos ou inaptos. Significa que a infância e a adolescência são como janelas de oportunidade críticas para definir os hábitos emocionais essenciais que hão-de governar as nossas vidas”* (p.21).

As forças exteriores somos todos nós, primeiro a família, depois a escola, as organizações, a sociedade. Pretendo realçar o papel das forças exteriores ao sistema do desenvolvimento da *“arquitectura cerebral”* do bebé na construção dos pilares da resiliência criando um quadro teórico baseado nos contributos das neurociências que demonstram como o afecto, fenómeno social, modela o cérebro do bebé e quais as consequências deste efeito na capacidade de exercer cidadania.

O que me interessa particularmente evidenciar é a relação entre o que é biológico e o que é cultural no desenvolvimento do ser humano. Na entrevista a Alves, C.F., António Damásio (2008) referida anteriormente, a jornalista pergunta o que pode um homem lúcido fazer por aquele que não tem acesso à lucidez. Damásio, reforçando o encadeamento entre natureza e cultura, responde: *“Aquilo que alguém lúcido pode fazer é educar. Educar pessoas (...)”* Há emoções e há o espaço das emoções sociais, consideradas como o resultado da educação, das estruturas sociais e culturais (...) A forma como regulamos as nossas relações sociais não pode ser concebida como resultado exclusivo dessas relações sociais (...) Concebo as emoções sociais, neste momento, como sendo em boa parte resultado de processos biológicos organizados para responder a certas situações sociais, e que são subseqüentemente ou reprimidos ou reforçados pela educação e a aculturação”.

A propósito do papel das emoções na interacção social recém-nascido/a, Sue Gerhart (2004), psicoterapeuta e co-fundadora do Oxford Parente Infant Project, defende que *“Emotions are first and for most our guides to action: they are about going towards things or going away from them”* (p.33).

Esta ideia, de que as primeiras emoções vividas na infância vêm moldar o modo como construímos a nossa identidade e o modo como gerimos mais tarde a nossa vida, motiva a seguinte questão: qual o impacto do estímulo social, no que diz respeito ao afecto e/ou amor, gerador de emoção, na arquitectura cerebral do bebé? Nas suas investigações Damásio (2005) demonstrou, entre várias coisas que *“ a emoção está por trás de grande parte do raciocínio, da decisão e da capacidade criadora”*, que *“a emoção e o sentimento estão por trás do desenvolvimento de comportamentos sociais que vêm incluir a ética”* e que *“ a emoção dirige a atenção básica e é indispensável para a aprendizagem e por isso mesmo, indispensável para o desenvolvimento cognitivo”* (p.111).

Antes de encerrar este capítulo, gostaria ainda de voltar a António Damásio, com o objectivo de salvaguardar o conhecimento neurocientífico, que por vezes levanta questões de nível ético.

Na mesma entrevista perante a questão colocada, “*Até que ponto esses avanços científicos vão gerar uma maior proximidade entre as pessoas, individualmente falando e socialmente falando?*”, Damásio responde aos anseios daqueles e daquelas que vêm com apreensão os caminhos que o conhecimento das neurociências podem tomar, aludindo, por exemplo, que foi com base neste que se criou a ideia da supremacia de raça superior, que justificou o extermínio de milhões de judeus, Damásio (2009) responde: “*É possível, é evidente que é importante não pedir à neurociência que faça coisas que estão para além daquilo que a neurociência pode ou deve fazer, (... ) a neurociência não pode nem deve ter resposta para tudo, e como sabe, hoje em dia espera-se que a neurociência seja milagreira, tratar Alzheimer, doença de Parkinson, tratar a dor, tratar o autismo, ao mesmo tempo também, descobrir quem mente, e muito mais coisas.... Claro que não é possível, aquilo que é preciso é ter paciência e olhar para a neurociência como uma ciência em grande desenvolvimento, que nos pode dar enormes informações sobre origens, sobre motivos que levam o cérebro a ser de uma certa maneira, o cérebro a ter certos comportamentos, mas não pode nem deve ser utilizada para dar respostas finais sobre quem somos e para onde vamos, e não pode também ser utilizada de uma forma selvagem na sociedade, porque não cabe à neurociência fazer julgamentos de mérito e validade social, isso são julgamentos que têm que vir de dentro da sociedade, tem que vir de uma cidadania iluminada, no bom sentido do termo, nós precisamos de saber quais são as nossa relações com o Universo, quais são as relações connosco próprios, quais são as nossas relações com a nossa sociedade e a partir daí é que se pode ter um debate desapassionado sobre os factos, sem deixar nem pressões políticas ou religiosas.*

E ainda relativamente à utilização das neurociências e repercussão social das mesmas, salienta: “*precisa de ser extremamente cautelosa, nas interpretações e sobretudo nas aplicações, não pode haver aplicações selvagens!*”

Em relação à Neurociência é a sua utilização que tem de ser acautelada, e não a existência do conhecimento.

## Capítulo Quatro

### Biologia e Empatia - Projecto de Afecto, Projecto de Cidadania

No âmbito de uma educação para a cidadania que importa a relação como uma comunicação contingente?

Como ponto de partida para a descoberta da resposta, cito Goleman (2006) “*Sempre que conectamos face a face com alguém, os cérebros sociais, o nosso e o da pessoa em causa interligam-se*” (p.21).

Efectivamente o cérebro para poder desenvolver todo o seu potencial necessita de outro cérebro. Os neurónios necessitam uns dos outros para estabelecerem comunicação neural, tal como os cérebros, eles próprios, necessitam de outros cérebros. O cérebro é um órgão social que se desenvolve e se constrói através da experiência.

Goleman refere-se à construção da empatia, uma emoção social, desenvolvida numa determina região cerebral e que para o seu desenvolvimento é essencial *a conexão face a face* entre bebé e outro/a.

De que ciência falamos quando falamos em evolução ou desenvolvimento humano?

Siegel, no seu artigo refere que ao longo do seu percurso como professor, médico e investigador na área da vinculação, da emoção e da memória, verifica que existe uma convergência de várias ciências, desde a antropologia à neurociência, que emerge da integração disciplinar, chegando ao encontro de uma *unidade de conhecimento*, traduzindo para inglês “unity of knowledge”. Na abordagem relativamente à visão convergente da ciência, Siegel propõe denominá-la *neurobiologia interpessoal*, estabelecendo intersecções entre as perspectivas antropológicas bem como da psicologia social e as perspectivas dos domínios da biologia da evolução, da neurociência, da cognição e da afectividade. (Siegel, 2006)



Gomes-Pedro (2005) reproduz esta ideia quando refere que *“Cada gene só pode exprimir em função do modo como cada fase ambiental da evolução humana modela a força potencial da natureza. A expressão genética com todas as suas influências é, de facto, condicionada pelas sucessivas interacções entre o que é potencial e o que são os sucessivos ambientes que constituem o envelope do biológico, desde o núcleo ao citoplasma, desde a célula ao tecido, desde o órgão ao corpo total, desde o corpo à relação com o outro mais significativo nos primeiros anos de vida e que é a mãe, até às outras relações sociais com os mais ou menos preferenciais que a família e a sociedade vão proporcionando, nas sucessivas etapas da vida.”* (p.43)

Aquilo que é social, as forças exteriores somos todos nós, primeiro a família, a escola, as organizações, a cultura e a sociedade. O impacto das forças exteriores, através da relação de afecto, ou *attachment* no desenvolvimento da “arquitectura cerebral” e dos pilares da resiliência demonstram como o afecto/amor modela o cérebro do bebé, dando origem às emoções sociais e por conseguinte, possibilitando a prática da cidadania.

Contudo, retirar deste facto uma ideia fatalista do fenómeno da vinculação/*attachment*, defendendo que as experiências precoces da criança determinam o destino enquanto pessoa adulta, é uma noção ultrapassada. O que realmente importa não é o que aconteceu durante o desenvolvimento, mas sim o significado que as experiências vividas tomam. A interpretação e o significado que são atribuídos às experiências na relação entre cuidador/a e bebé é o factor que mais influencia a vinculação entre cuidador/a e bebé. (Siegel, 2003).

Apesar da capacidade de adaptação dos bebés, a investigação mostra-nos claramente que a adversidade das experiências pode ter efeitos negativos no desenvolvimento do pequeno cérebro. Um estudo realizado com ratinhos mostra que o desenvolvimento social dos mesmos é afectado quando as respostas às necessidades fisiológicas e comportamentais são permanentemente alteradas (Siegel, 2003).

A neurociência vem mostrar que os mamíferos possuem um sistema límbico que permite concluir que o cérebro evoluiu como um órgão social do corpo. Pois, estas estruturas límbicas, ao recepcionarem os estímulos do ambiente envolvente, regulam o estado interno do corpo. Isto é, elaboram a sintonização entre as experiências sociais e a regulação da fisiologia cerebral. (Siegel, 2003)

Há estudos que revelam outro fenómeno ainda mais extraordinário, a existência de *mirros neuron*. O ser humano não só desenvolveu a capacidade de se sintonizar de acordo com o estado do outro, como também, segundo Siegel (2003), referindo-se ao desenvolvimento dos primatas, eles “ *evolved a mirror neuron system that enabled them to respond to the intencional acts of other members of the species*” (p.5). O autor explica que quando um acto intencional de um ser é observado, o mesmo *mirror neuron* do observador dispara assim que imita o mesmo gesto.

Segundo o autor, o desenvolvimento do *mirror neuron* no ser humano foi mais longe, isto é, mais do que imitar acções, permite desenvolver capacidades a nível mais abstracto de representação do mundo interno do outro. (Siegel, 2003).

Esta é uma capacidade ancestral do ser humano que se verifica através da arte Paleolítica. O autor defende que na origem destas capacidades está a base do desenvolvimento de capacidades mais complexas de representações abstractas fundamentais para o desenvolvimento das capacidades sociais de ser humano.

Se transferirmos o foco sobre a evolução humana para o desenvolvimento dos indivíduos modernos, podemos verificar através, da investigação na área do *attachment*, como é que a relação entre bebé e cuidador/a vem moldar os processos mentais. Segundo o autor, a vantagem do *attachment* é o facto deste ser ele o processo que motiva a criança a pedir atenção em momentos de desespero aumentando as sua capacidades de sobrevivência.

Gomes-Pedro (2005) edifica uma ponte entre Paz e cidadania afirmando o seguinte, “ *A Paz na terra começa com o se humano quando este é criança. Intervir a favor da*

*criança é, também, intervir para a Paz e esse é afinal o grande desafio da nossa cidadania.”* (p.115).

A propósito de cidadania, Damásio propõe o conhecimento Neurocientífico ao serviço do exercício da mesma. Na entrevista ao jornal Expresso, referida anteriormente, faz a seguinte afirmação “*Aquilo em que estou interessado é perceber como utilizamos estas emoções sociais para construir esquemas éticos e políticos.*”

Segundo Gomes-Pedro (2005), a investigação em Neurociência é um alicerce fundamental para a responsabilização dos profissionais da Saúde, Psicologia e Educação como forma de entender e por conseguinte, de salvaguardar os cuidados adequados às *necessidades irredutíveis* da criança.

O propósito da educação deverá ter em conta conhecimento que nos permite ir ao encontro das verdadeiras necessidades da criança, da natureza humana e por isso da sociedade, pois é neste processo educativo que se estrutura e se regula a personalidade, a capacidade de comunicação e a capacidade de exercer cidadania tendo em conta um projecto de vida.

Recorro à conhecida frase de Simone de Beauvoir (2008) “*ninguém nasce mulher, torna-se mulher*”(p.13) que, embora com motivações específicas, tinha o objectivo de destronar o valor da determinação biológica.

É neste “torna-se” que acontece, pacificamente ou não, o confronto entre o social e o biológico, criando um diálogo de influência recíproca. Por esta razão, proponho fazer uma pesquisa sobre o fenómeno relacional no desenvolvimento do ser humano enquanto bebé e o seu impacto no tornar-se pessoa. A importância desta viagem de retorno culmina com o estabelecimento de que é nesta raiz que assenta e se sobrepõe tudo o que é apreendido.

Citando Gomes-Pedro (2005) “*A expectativa do bebé é a coerência de emoções, é a contingência da comunicação*” (p.136). Este é o propósito do projecto interactivo do recém-nascido. A acção repetida e frequente dos cuidadores vai permitir ao bebé “sintonizar emoções com eventos reais” e criar um quadro de referência emocional, como que uma colecção de emoções e de forma mais mental, de sentimentos, que

organizam a sua adaptação, que situa e enquadra as suas expectativas e respostas na relação com os outros/as. Gomes-Pedro (2005) refere-se a este processo como um processo de socialização. *“A socialização é o resultado de um processo de aprendizagem recíproca que ocorre entre dois ou mais intervenientes. Os sistemas preceptivos do bebé estão programados para agirem em contingência com os sistemas comunicativos das outras pessoas. Por sua vez, o bebé desencadeia no adulto um conjunto de comportamentos e reacções que são vitais para a sua sobrevivência e para o seu equilíbrio.”* (p.57)

A interacção vem regular, promovendo ou inibindo aquilo que biologicamente estava programado. A ideia de programação biológica no desenvolvimento do ser humano, não pode ser confundida com a ideia de determinação biológica.

#### 4.1. Homeostase - A porta para a Comunicação

Sabemos também que há uma tendência natural para o equilíbrio dos sistemas. Esta propensão engloba, tanto os sistemas naturais simples e os mais complexos.

Esta tendência para o bem-estar ou para o equilíbrio, que originalmente assenta num *corpo*, aponta no sentido do bebé. Este é um conceito que define o equilíbrio, ou um estado de espírito equivalente ao sentimento de Paz interior e confiança, resultante de um equilíbrio biológico e que promove o sentimento de bem-estar e disponibiliza para a comunicação dando sentido à sua existência.

Gomes-Pedro (2005) envolve o tema Paz de forma inequívoca no processo do desenvolvimento humano. Vejamos, *“A Paz não é mais do que a homeostase total dos domínios interiores da pessoa e mais importante que esta homeostase traduz-se em comportamento quando ela é promovida e protegida nos primeiros tempos de vida”* (p.26).

Viver este equilíbrio durante os primeiros anos de vida, enquanto o sistema cerebral desenvolve milhares de sinapses para a construção das várias regiões cerebrais, é com certeza um garante do desenvolvimento de um super sistema de qualidade. Fazer um elo de ligação entre corpo, homeostase, emoção inter-acção, amor e paz, parece-me uma ideia com fundamento.

O que me leva a fazer tal afirmação é uma questão lógica: Se efectivamente existe uma tendência para o equilíbrio, e se este equilíbrio tem início num *corpo*, então esse mesmo corpo tem de estar pré-disposto, no seu núcleo, para esta ocorrência. É nesta correspondência, em que o sentimento de bem-estar ocorre, que se constitui o sentido de bem-estar, ou de homeostase. Gomes-Pedro (2005) fala-nos desta realização como o “Sentido de Coerência”.

O que importa referir é que no caso do bebé, o sentido de coerência ou estado homeostático, só é possível enquanto resultado de um processo dinâmico entre dois sistemas: bebé e mãe/pai. e aqui reside a raiz da relação para qual todos os sistemas do recém-nascido se preispõem.

A este propósito Stern, citado por Gomes-Pedro (2005) refere que *“a organização biológica do bebé é, sobretudo, modelada pela mãe que inspira as suas interacções sociais e a tonalidade dos seus afectos”* (p.25).

Sue Gerhardt, psicoterapeuta e autora do livro *“Why Love Matters?”* Faz uma descrição de uma manhã de Primavera onde ela observa o seu gato refastelado ao sol em cima de uma pedra, após uma refeição. A autora dá conta deste momento de prazer e de bem-estar que de forma evidente o gato lhe transmite, espreguiçando-se ao longo de todo o seu corpo (Gerhardt, 2004). Relativamente a esta imagem Gerhardt (2004) refere o seguinte, *“This is an image of simply being alive, a moment when the experience of existing and sensory pleasures of Sun, air, full belly are enough.”* (p.32)

Eu diria que o gato se encontra em homeostase, o estado que prontifica o bebé para a relação, para a interacção.

Gomes-Pedro (2005) a este propósito refere o seguinte, *“O bebé humano organiza as suas respostas biocomportamentais para regular a sua própria homeostase, assim fica pronto e receptivo para a comunicação com a sua mãe e com o seu pai. Adquire um novo contributo para o seu sentido de competência que lhe permite ser capaz de se adaptar a novas interacções e, conseqüentemente, a novas aprendizagens.”* (p.59)

É nesta comunicação, que se aprende. Gomes-Pedro (2005) refere o seguinte: *“De facto o bebé utiliza todos os estímulos exteriores para organizar os seus próprios mecanismos de controlo e é essa progressiva modelagem da sua organização que lhe vai garantir progredir nas suas interacções com o mundo, natural e preferencial com os seus parceiros mais significativos.”* (p.24).

Em qualquer relação a raiz do sentido de pertença ou de vínculo, nasce da sintonia emocional. As primeiras experiências emocionais, as mais básicas e essenciais, ocorrem nas trocas sintonizadas e repetidas ao longo da construção cerebral. Daniel Stern, pedopsiquiatra, chama a esta experiência de empatia, *sintonização*.

Eu reforçaria esta correspondência emocional como um encontro afectuoso ou a dinâmica do amor. Stern, defende que esta vivência tem mais poder na vida adulta do que acontecimentos dramáticos na infância.

Sabemos hoje que o recém-nascido nasce com muitas competências, mas sabemos também que o seu pequeno cérebro está incompleto. Penso neste facto, como uma oportunidade, como uma oferenda a quem o recebe, no sentido de o bebé não nascer “pronto”. O bebé é um projecto por concretizar, mas é um projecto inter-activo do qual cada cuidador/família tem a oportunidade fundamental de participar positivamente. A propósito das necessidades comportamentais do bebé e da família, Nugent (2005) refere que *“The immediate family is the primary context in which early child development unfolds and it is the quality of their relationships within the family which profoundly affects what children learn, what children do, what they believe, how they treat others and what kind of adults they will become.”* (p.125)

As emoções são os grandes organizadores das nossas mentes e é no berço que as emoções se organizam e se regulam.

Afirmar que a família, ou a instituição, no caso de crianças institucionalizadas, é o primeiro sistema para a interiorização emocional, não será nada de novo. A constatação de que as vivências precoces são essenciais para o desenvolvimento tem sido descrita, desde já há alguns anos, mas é importante perceber objectivamente porquê.

Por um lado sabemos que o ser não nasce “pronto”, por outro lado também sabemos que a “completude” da nossa formação é um processo dialéctico entre a biologia e o ambiente. As neurociências vieram de facto explicar em grande parte, o porquê. Como explica Gomes-Pedro (2005) *” Nenhum gene existe ou funciona isolado. Cada gene pertence a um genoma que, por sua vez, pertence a uma pessoa que, por sua vez pertence a um meio, a uma cultura. Em cada um destes patamares e entre eles estabelecem-se relações que, por sua vez, têm significado distintos. São as transacções significativas entre o potencial genético e o ambiente desde o intercelular ao cultural que definem a dinâmica fenotípica.”* (p.45)

O cérebro do bebé à nascença tem cerca de 400 gm e com um ano tem cerca de 1000 gm. Quais são as tarefas deste cérebro? A principal tarefa é expandir e praticar emoções que estão incorporadas no processo de vinculação diário. No final do primeiro ano, a relação entre o bebé e o cuidador desenvolveu formas de estar que criou no interior do bebé capacidades rudimentares para saber como estar contente, como se auto-apaziguar, como amar, como se zangar, como ter medo (Stern, 2007).

Estas “lições” emocionais estão na origem da capacidade de ler o/a outro/a. Esta é uma capacidade que os bebés possuem desde muito cedo. Podemos verificar esta situação quando um bebé chora ao ver um outro a chorar. Esta espécie de imitação emocional deu origem a palavra *empatia*, utilizada pela primeira vez nos anos 20 por E.B. Titchener (Goleman, 2003). Gostaria de considerar, esta capacidade como uma característica nutrida, pela existência de uma relação afectuosa.



## 4.2. Intersubjectividade- A Empatia

Numa conferência na Universidade de Toronto, em Novembro de 2004, Daniel Stern foca a sua preleção no conceito de *intersubjectividade*, que não é mais do que o encontro "aqui e agora", entre dois seres (<http://www.ctp.nt/pdf/s/daniel>).

"Aqui e agora" é onde se passa a acção entre duas pessoas, é um encontro comunicativo de linguagem não verbal, um acontecimento de troca e partilha onde cabe o mundo, e nada fica de fora. "*Eu sei que tu sabes que eu sei o que tu queres dizer.*"

Intersubjectividade não é o *eu* nem o *outro*, é o que acontece *entre* num determinado instante. E esta coincidência ou coerência entre duas mentes é fundamental para a evolução mental. Stern de acordo com esta estrutura defende que as neuroses não podem ser abordadas como uma questão intrapsíquica, devendo sim ser abordadas como questões de ordem interpessoal. A mente humana é construída graças às trocas que existem com as outras mentes. Esta circulação de trocas com os outros é necessária para desenvolver a mente, desejos, afectos, pensamentos e emoções. Stern defende também que a mente é uma incorporação, aliás como já foi descrito, não podemos pensar sem termos um corpo. Desta forma, segundo Stern, a consciência não existe sem um corpo (Stern, 2003)

Stern, na referida conferência fala de paixão. Quando duas pessoas estão apaixonadas elas estão sincronizadas, elas sabem a direcção e o tempo do outro, as vibrações de estarem juntas sincronizam os movimentos com o outro, por isso bebés recém-nascidos irão imitar as mães, através de uma linguagem corporal, ou não verbal, que é por excelência a linguagem da intersubjectividade. E a este propósito, Stern refere que o corpo vem primeiro, depois a consciência. É como se nós estivéssemos a fazer aquilo que nós observamos o outro a fazer. Isto significa que, de forma inconsciente, vivemos as experiências dos outros, num determinado momento.

Stern, refere-se a *Chronos* como o tempo que está sempre em movimento. Mas, segundo este, é no conceito de *Kairos* que ocorre a intersubjectividade. Este é um tempo diferente, é o Momento “, o momento certo, onde nos encontramos agora mesmo, uma janela para uma oportunidade que abre a mudança do destino. Stern traz-nos o pensamento de Heidegger. Segundo o autor, o filósofo defende que o momento presente tem de ser grande suficiente para que algo possa acontecer, como uma frase musical que tem de ser ouvida.

A existência do bebé gira à volta do social, isto é, das tensões, desejos, afecto, que ajudam a construir a sua mente de forma totalmente única.

Provavelmente a intersubjectividade ocorre entre dois cérebros emocionais, dois corpos e duas mentes, potenciando ligações neurais primordiais, isto é, potenciando a construção dos vários sistemas, como a região onde se processam as emoções sociais, do super sistema cerebral. Isto significa que a correspondência tem também uma coerência neural, isto é a base para a identificação. Daniel Stern, acerca desta capacidade de ler o outro, ao qual também já chamámos de empatia explica que, quando observamos crianças de três/seis anos a brincarem, podemos ver que elas gozam, mentem e dizem segredos porque têm uma ideia do que se passa na cabeça do outro. Aprender a mentir, a enganar, a gozar é revelador de uma potencial intersubjectividade.

Karr-Morse (2005) relacionando empatia com biologia explica o seguinte: “*Empathy is a cortical capacity – built primarily in the orbitofrontal cortex, an area that sits roughly between the eyes which is particularly responsive to facial expressions and tones of voice and which connects incoming sensual data – from the cortex (sight, sound, touch, and so forth) – with one’s simultaneously occurring awareness of internal physical and emotional states. This is literally the part of the brain responsible for our «gut reaction» or intuitive feelings about people or situation.*” (p.308)

Segundo a autora, uma forma de compreendermos as raízes da violência é reflectir sobre as pessoas que não matam. Porque razão cada um de nós perante o sentimento de raiva, medo ou frustração, não mata? Karr-Morse refere que a maior parte das respostas a esta

questão se podem agrupar em três categorias: Empatia, auto-controlo, capacidade de pensar nas consequências dos actos e na noção do que está certo e errado. Gostaria de explorar um pouco mais a questão empatia.

Karr-Morse refere o estudo de Alan Schore que demonstra que é nos primeiros meses de vida que se desenvolve a região orbitofrontal. E que os cuidados básicos prestados, por parte do/da cuidador/a ao bebé, a capacidade de *ler* as mensagens do bebé, a disponibilidade para a troca de olhar, a linguagem não verbal tal como sons, toques e gestos, originam sinapses e vão construindo o pequeno cérebro. A este propósito Karr-Morse (2005) diz-nos, “ *Empathy continues to be built throughout early development, and there is much we can do to work with older children – but empathy can be seriously compromised if this foundation is overlooked.* ”(p.308)

O importante é pensar quando e como aprendemos a ser pessoas empáticas. Quando? Penso que está esclarecido que é nos primeiros meses de vida. Como? Quando alguém responde de forma sensível às necessidades do bebé, e, como refere Karr-Morse (2005:309) “ *looked you in the eyes, talked to you and gave you a sense of connection to another person in positive way.* ”(p.309)

Stern (2005) na sua comunicação no “Encontro Mais Criança” falou das necessidades emocionais da criança. O autor deixa bem claro que não pretende falar de amor, mas sim de paixão referindo-se a esta circunstância como, provavelmente, a primeira necessidade do bebé, depois da alimentação. “ *I realized that maybe the most overarching need for a baby, after food and things like that, is that somebody falls in love with the baby.* ”(p.321)

Para melhor compreender a profundidade deste acontecimento na vida de um bebé, Stern fala sobre o estar apaixonado entre adultos para comparar o estado de paixão que mãe e pai sentem com os seus bebés. O autor menciona alguns componentes que integram este processo de paixão: primeiro, o facto da pessoa amada ser a melhor! A mais bonita, a mais meiga e a mais inteligente. Esta sobrevalorização faz da pessoa amada um ser único e superior relativamente aos restantes.

A este propósito, Stern (2005) referindo-se às mães, diz *"when you listen to mothers, this is exactly what they say about their babies. My baby is the most fascinating; the most interesting...she feels that the baby really is."* (p.523)

Stern defende que esta sobrevalorização é muito importante para o desenvolvimento do bebé porque as mães agem como se o bebé de facto estivesse um pouco mais avançado no seu desenvolvimento, estimulando-o. *"...and so they behave in a way and that pulls the baby into the future."*

Outro componente de que nos fala Stern é a capacidade de olhar, olhos nos olhos sem falar (*gaze* traduzido para inglês). Segundo o autor, esta é uma situação tão intimidatória, que só entre duas pessoas apaixonadas é possível. Stern acrescenta, que se duas pessoas olham, olhos nos olhos, mais do que sete segundos sem falar, poderão acontecer duas coisas: ou começa uma luta, ou fazem amor. Quando Stern (2005) se refere em *gaze each other* entre mãe/pai e o bebé, afirma o seguinte, *"mothers and babies, as you could see and as you heard, and fathers and babies, can look at each other 30 seconds or a minute, just staring at one another's eyes without talking (...) it leads to Kind of soul reading, you feel like you can read the other? soul. You are looking at the interior of another person."*(p.523)

Este é um momento único, mas as suas consequências são extraordinárias. Isto é intersubjectividade. E eu diria que é o *b a ba* da linguagem empática.

Ainda acerca do olhar, Stern defende que não se ama quem cuida, nem mesmo a pessoa com quem se tem um vínculo; Stern (2005) defende categoricamente que *"You fall in love with the person who looks at you, as you look at them, in this particularly mental sate."*(p.524)

O neuropsiquiatra , Boris Cyrulnik, especialista em etologia animal, em biologia dos comportamentos e autor de várias obras é considerado o pai da resiliência. Numa entrevista à revista Visão, Cyrulnik (2006) a propósito da plasticidade do cérebro dos bebés refere o seguinte, *"No final da gravidez, já as emoções – euforia, depressão,*

*stress da mulher que nos gera participam na moldagem das nossas sinapses. As moléculas que ela segrega atravessam muito rapidamente o filtro placentário e modificam o desenvolvimento do cérebro. Logo, o bebé herda não apenas os genes mas uma parte da história da mãe. Depois vem a primeira infância, uma fase – chave porque a plasticidade cerebral está no máximo. Nos primeiros quatro anos, um bebé sinapsia 200 mil neurónios por hora (...) criando uma propensão para reagir de determinada maneira face a um acontecimento exterior, atitudes ou palavras” (p.18).*

A plasticidade do cérebro é proporcional à capacidade de resiliência. Depois da primeira infância a característica plástica do cérebro reduz-se consideravelmente. As sinapses são mais lentas, e os circuitos estão estabelecidos. Falando de resiliência Cyrulnik (2006) o seguinte: “ *A criança circuitou um gosto do mundo, um estilo de interacção: Adquiriu a sua pequena personalidade. As fundações estão feitas, mas obra prossegue.*” (p.19)

A estas fundações, eu chamaria a resiliência, ou as forças internas que permitem enfrentar a adversidade da vida.

## Capítulo Cinco

### Para Além da Sobrevivência

Tal como outros mamíferos temos um centro cerebral, o mais primitivo, que nos garante a sobrevivência, e que é a região com mais acção metabólica no cérebro do recém-nascido/a. A diferença entre este sistema emocional e o de outros animais é que enquanto o bebé se encontra apto para a inter-acção com os seus cuidadores, de modo a desenvolver um repertório de emoções resultantes desta relação, com as quais estabelece ligações com as situações vividas da vida social, os outros animais, no geral, não fazem ligações complexas entre as suas experiências emocionais e as situações reais. Atrevia-me a dizer que é como se as situações fossem vividas sempre pela primeira vez, e por isso o seu sistema emocional de sobrevivência permanece sempre na fase ancestral, e pouco mais. Ainda relativamente aos animais, quero salvaguardar, que o seu sistema emocional tem alguma capacidade de construir emoções baseadas na memória e por isso passíveis de inter-acção com os seus cuidadores caso estes sejam domésticos, ou em grupos sociais da sua espécie. Veja-se a felicidade de um cão perante a chegada do/a dono/a. Relembre-se a experiência que Harry Harlow realizou há mais 40 anos com um pequeno macaco sendo separado da sua mãe, mostra preferência por uma falsa macaca com pelo tal como a sua mãe, em detrimento de uma outra falsa macaca, esta de arame, mas com um biberão de leite incorporado. Esta opção mostra que para o macaco satisfação emocional é mais importante que a alimentação.

A diferença é que as espécies que não necessitam de viver em grupo não desenvolvem uma colecção de emoções sociais tão complexas quanto os humanos. Para estes as emoções primárias são suficientes na manutenção da sua sobrevivência. O ser humano necessita de muito mais do que sentir medo ou fome, ele necessita de relação com outro/a e de cooperação.

Gomes-Pedro (2005) a este propósito refere o seguinte, “ *O modelo etológico ter-nos-á influenciado a pensar em termos de sobrevivência quando caracteriza a evolução em termos de competência de espécies na mira de garantir aquela mesma sobrevivência.*”

*Porém, a caracterização da espécie humana vai no sentido de uma evolução complexa destinada a garantir competências susceptíveis de condicionar capacidades decisivas e de cooperar em grupos sociais com objectivos comuns, cada vez mais complexos.”(p. 43).*

Gomes-Pedro com esta consideração projecta a humanidade numa evolução contínua iniciada num corpo, originando emoções primárias, pensamento, mente, sentimentos, emoções sociais, e digo eu, numa contínua evolução, amor. Amor que é o retorno, o reencontro da humanidade em si mesmo, aquele reencontro referido no primeiro Capítulo.

Mas é verdade que hoje a sociedade ocidental funciona com objectivos que se prendem mais com a sobrevivência e a competição do que na projecção de objectivos mais complexos. Contudo, como já foi referido, há uma animação nas várias áreas do saber que convergem para objectivos comuns mais complexos que nos posicionam em termos de atitudes, de afectos e valores, que se referem à emoções sociais, tais como compaixão, empatia, altruísmo, ternura, empatia, no fundo, e mais uma vez o que diz respeito ao bem-estar do outro. Relativamente a este sentimento de bem-estar, Damásio coloca-o numa perspectiva biológica, indo mais uma vez ao *corpo*. Na entrevista ao Expresso atrás referida, Damásio fala em bem e em mal, ” *Bons e maus actos, actos com repercussões positivas e negativas para o próprio ou para outros. Estou também a empregá-las em sentido biológico. (...) O bem é o resultado de acções que levam à manutenção da vida, especialmente à vida com bem-estar, ou à sobrevivência com bem-estar, não só no próprio como nos outros. E o mal seria o conjunto das acções e dos estados que conduzem à perda de vida ou que predizem a perda de vida. (...) Todo o bem-estar promove e anuncia a continuação da vida”.*

Sobre este facto, Turner (2006) defende o seguinte, *The ancestors of human survival, I believe, by using their expanded emotional abilities to forge strong bonds of solidarity among animals that did not have powerful genetic propensities to do so”* (p.85).

No meu ponto de vista, Turner com esta afirmação, defende igualmente a ideia de Damásio. Turner nesta afirmação coloca no mesmo plano as capacidades emocionais

mais complexas e a sobrevivência, isto é: coloca-as num plano que *levam à manutenção da vida.*

Esta ideia pode parecer muito redutora da amplitude do que é o ser humano. Esta defesa, está para além do que aparentemente poderá ser compreendido como uma ideia básica. Na verdade, trata-se aqui exactamente da complexidade do ser humano e aqui, especificamente, trata-se de uma profunda relação entre as emoções sociais e a manutenção da vida, que na sua raiz é um corpo vivo.

Não posso deixar de transcrever parte da entrevista , a António Damásio já referida.

*“ J.S.- O nosso cérebro está programado, digamos assim, para sobreviver ou para muito mais do que isso?*

*A.D.- Para muito mais do que isso! A ideia de que o cérebro está programado para sobreviver, é evidente que está. Temos uma programação que é de facto de carácter genético que nos vai permitir sobreviver, mas até, provavelmente, do ponto de vista genético, há muito mais. Temos uma enorme programação de poder social, há muitos milhões de anos que somos animais sociais, como seres humanos. Eu estou também convencido que estamos programados para qualquer coisa de muito novo, e isso talvez não esteja presente com grande força em seres não humanos, que é a programação para o bem-estar, eu não acredito de todo....*

*J.S.- Para a Felicidade?*

*A.D.- Pode lhe chamar felicidade, mas eu ficaria mais modestamente por esta noção de bem-estar. Eu não acredito de todo que as nossas emoções se dirijam a criar um ponto neutral, em que vamos sobreviver e é tudo isso. Nós precisamos de qualquer coisa mais que tem a ver com sobreviver e sobreviver com bem-estar, well being. E há também, possivelmente, outras pressões que vão depois transformar esse well being em qualquer coisa mais sofisticado, elegante, complexo, que talvez nos leve um pouco mais no caminho de...”.*

Criei uma enorme expectativa, ao ter conhecimento que esta entrevista se iria realizar. Esta parte que transcrevi aqui, foi, no meu ponto de vista, um dos momentos *altos* do programa. Mas, foi interrompido!... *talvez nos leve um pouco mais no caminho de... A*



minha curiosidade era imensa sobre qual o termo que não foi dito. Pensei que no seguimento da ideia de bem-estar e depois de tudo o que foi mencionado, pensei, como dizia, que poderia ser qualquer coisa de semelhante ou do mesmo *tom* que motivou este trabalho, a saber: que o ser humano nasce com a expectativa do amor ou *talvez nos leve um pouco mais no caminho de... Amor? ... Paz?*

Decidi perguntar directamente a António Damásio e enviei-lhe um mail. Respondeu-me que provavelmente teria rematado a frase com “ the refined state of being that is the biological counterpart to spirituality”

Se bem interpreto, António Damásio sem querer referir-se a “Amor” e a “Paz” preferiu referir-se a um “ refined state of being” integralmente na esfera do biológico apesar de assumir esta explicitamente em contraposição à espiritualidade. Nos limites das suas competências não omitiu o horizonte espiritual para onde toda a consideração do bem-estar, segundo creio, inevitavelmente aponta.

As emoções sociais, com enfoque na empatia foi o tema explorado anteriormente, de forma a compreender a sua raiz, o seu desenvolvimento e as suas consequências. Tratar do mesmo tema, embora na sua antítese, poderá ser também um modo de alcançar os mesmos objectivos.

Também é objectivo deste capítulo será, por um lado, alertar para as consequências que os impactos sociais negativos exercem no desenvolvimento do cérebro do bebé, e por outro lado, enfatizar, mais uma vez, a importância da relações precoces na vida do bebé para o desenvolvimento das emoções sociais.

Violência e empatia são ambos sentimentos que têm na sua raiz a mesma origem, isto é, as emoções sociais. Robin Karr-Morse, (1998) terapeuta familiar nos Estados Unidos e co- autora de *Ghosts in the Nursery- Trancing roots of violence* , vem estabelecer uma ligação entre crianças negligenciadas e abusadas até aos três anos de idade e os comportamentos violentos enquanto adolescentes e adultos.

Verifica-se, de facto, que a relação entre a programação biológica e o impacto social surge no desenvolvimento do bebé. Indo mais longe, remete a importância desta relação para o desenvolvimento do bebé enquanto feto no útero da mãe (Karr-Morse,1998).

Mas, centrando o tema no bebé, tal como defini no início, interessa aprofundar a relação entre crianças negligenciadas e abusadas até aos três anos de idade e os comportamentos violentos enquanto adolescentes e adultos.

Este foi também o tema que Karr-Morse desenvolveu na conferência, “Mais Criança” (Lisboa 2002) “Os Fantasmas do Berço”, tradução para português do título do livro, foi o nome dado à comunicação realizada. A autora começa por fazer um balanço do estado da criminalidade no seu país e salienta o aumento da mesma e refere que foi a repetição de *scholl shootings* efectuado pelos próprios jovens alunos contra os seus colegas e professores, que impulsionou a discussão sobre as raízes da violência, não só nas comunidades como nos media.

Penso, que este quadro representa, na globalidade, a maioria dos países. Interessa ver este fenómeno à escala global, obviamente, salvaguardando casos específicos. Também é importante salvaguardar, que este é um fenómeno muito complexo e que por ventura não diz respeito, unicamente, às questões da primeira infância, mas é nestas que me interessa centrar olhar e compreender as suas raízes.

A violência vem do mesmo lugar que a empatia. O interessante é que são os estímulos sociais que reprimem ou promovem o desenvolvimento, tanto da violência como da empatia, enquanto o pequeno cérebro do bebé se está a desenvolver. É importante também estar consciente de que as experiências vividas após a primeira infância também contam, mas o momento em que o cérebro se encontra mais permeável aos impactos sociais são por excelência, e sem dúvida, quando este está a formar /modelar as regiões do cérebro, enquanto bebé.

É também por isso, como defende a autora, que o impacto que a violência na televisão ou os jogos de vídeo provocam num pequeno cérebro, que não desenvolveu empatia, é

diferente do impacto provocado num cérebro com esta emoção de empatia desenvolvida e com vínculos fortes a alguém.

A este propósito Karr-Morse (2005) refere o seguinte, “*Violence, like all behavior, is in brain based. The rooting of violent responses or of capacities which militate against violent behavior begins when that little brain begins-in the womb (...) This is also not nature versus nurture. Nature and nurture each play a part. They interact and combine and accumulate to set the stage.*” (p.301)

Robin Karr-Morse refere que o ser humano é o animal que nasce com o cérebro mais incompleto. A autora faz uma comparação entre o recém-nascido que nasce apenas com apenas 25% do peso do seu cérebro e o macaco que à nascença já atinge 60% do peso que irá ter em adulto (Karr-Morse, 2005). A autora refere ainda que no bebé humano só ao fim de 2 anos de vida é que o seu cérebro atinge 90% do seu peso total!

Esta relação entre *nurture* e *nature* é tão intrínseca e complexa que, tanto perante estímulos positivos como a experiência da intersubjectividade, como perante estímulos repetidamente negativos como os abusos e a negligência, a exposição à violência doméstica ou, enquanto feto a exposição da mãe a álcool e drogas, hoje através do avanço tecnológico a imagiologia, podemos observar o que acontece de facto nos pequenos cérebros em desenvolvimento.

A neurociência veio demonstrar que as emoções e os sentimentos provocados pelos estímulos sociais vêm influenciar de forma indubitável a orientação que tomam as células formadas por triliões de sinapses ou ligações neurais. À nascença, o bebé faz 50 triliões de sinapses, com 1 ano de idade faz 1000 triliões e aos 20 anos diminui para 500 triliões.

Segundo Karr-Morse o trabalho desenvolvido por Dr. Harry Chungani, demonstra, através da observação de imagens facultadas pelas novas tecnologias, os cérebros de crianças desenvolvidas em ambientes funcionais e cérebros de crianças que privadas de um ambiente estimulante nos primeiros meses de vida (Karr –Morse, 2005, p.303).

As imagens mostram cérebros de bebés romenos que viveram os seus primeiros meses de vida em orfanatos, onde não lhes foi possível estabelecer o processo de vinculação

com uma figura de referência. Estes bebês não experimentaram momentos de intersubjetividade, não aprenderam a sintonia, não aprenderam a empatia e não se relacionaram com ninguém. As necessidades básicas de sobrevivência foram satisfeitas com doses de leite diárias.

O que podemos observar das referidas imagens foi que estas tinham o cérebro de um tamanho, consideravelmente mais reduzido comparativamente a cérebros de outras crianças desenvolvidas em ambientes funcionais.

Gomes-Pedro (2005) referindo-se a esta situação defende que, “ *é deste modo que se explica que bebês privados de um ambiente protector, estimulante, significativo e, sobretudo, adequado face às já referidas expectativas biológicas, cheguem ao fim do primeiro ano de vida com cérebros mais pequenos (por vezes com um diferencial superior a 30% do peso) em função de um suposto e esperado desenvolvimento.*” (p.108)

Gomes-Pedro (2005) a propósito desta consequência afirma” *O sucesso de cada criança depende do modo como se desenvolve o seu cérebro. Ao nascer os seus triliões de neurónios que cada bebé dispõe (...) aguardam a grande oportunidade de poderem justificar a sua existência. Esta é garantida pelas vivências significativas disponibilizadas ao bebé.*” (p.105)

Cyrułnik (2006), referindo-se às mesmas imagens dos cérebros destas crianças, refere o seguinte, “*As crianças criadas em situação de isolamento sensorial, a maior parte apresentava igualmente uma atrofia fronto-límbica (os lóbulos-pré-frontais e os circuitos da memória e das emoções). Essas crianças tinham uma atrofia cerebral porque tinham sido abandonadas e privadas de afecto*” (p.18).

O autor comprara esta situação a uma experiência realizada com ratinhos que foram criados isoladamente em pequenas gaiolas em total silêncio. O que aconteceu ao cérebro destes ratinhos foi que os dois lóbulos temporais estavam atrofiados. Cyrułnik refere estas duas situações para demonstrar a influência que as experiências sensoriais têm sobre a própria anatomia do cérebro em formação.

O autor também salienta que uma criança mimada ou superprotegida, não é uma criança com uma relação afectuosa positiva. Segundo o autor, existem estudos que demonstram que estas crianças não aprendem a lidar com as adversidades. São crianças intolerantes, frágeis e com pouca aptidão para a felicidade. Refere Cyrulnik (2006) ainda, que no caso de uma criança superprotegida *“o seu lóbulo pré-frontal está normalmente desenvolvido, mas não sabe servir-se dele: não tendo aprendido a retardar a satisfação dos seus desejos, não pode antecipar. Está limitado ao instante. Face às dificuldades da existência, perderá a esperança”* (p.18).

Relativamente a uma criança carente de afecto, Cyrulnik (2006) afirma ainda que *“à força de não ser ajudada, aprende o desespero...entregue a si mesmo, é incapaz de governar as suas emoções. Perante o imprevisto, não consegue antecipar. Passa do embrutecimento à raiva e à violência”* (p.18).

Mas segundo ao autor, não é necessário ter um discurso fatalista, relativamente à falta de afecto. Este autor refere, na mesma entrevista, que as crianças romenas, ao fim de um ano numa família de acolhimento revelam efeitos positivos sobre os seus cérebros. Diz ele o seguinte, *“os cérebros das crianças romenas tinham-se reenchido – é a resiliência neural, ou seja capacidade de retomar um desenvolvimento”*. Também o Relatório Síntese da Análise das Situações na Europa elaborado pela European Agency for Development in Special needs Education de 2005, apresenta alguma revisão bibliográfica que alerta para a importância das vivências precoces, mas também para a capacidade de recuperação dos estados emocionais *“Desde o nascimento, ou mesmo desde a concepção, até aos primeiros anos de vida, a forma como a criança se desenvolve não pode ser comparada com outro qualquer estadio posterior da vida (Shonkoff, 2000). Mas, como sublinha este autor, o desenvolvimento pode ser seriamente comprometido por “alterações” sociais e emocionais. Diferentes investigações e debates referem o impacto directo e irreversível do desenvolvimento precoce sobre o desenvolvimento ao longo da vida sem prova evidente de uma fixa e rígida relação de causa-efeito. Todavia, é aceite que aquilo que acontece durante os primeiros meses e nos primeiros anos de vida tem um efeito posterior aos diferentes níveis do desenvolvimento da criança”*.

As vivências significativas do bebê são as trocas afectivas, e na ausência destas algo de profundo acontece num cérebro em formação. Karr-Morse (2005) oferece uma descrição deste acontecimento: “ *Beginning during gestation, as a fetus develops, brain cells are originally formed in the ventricular region in the center of the fetal brain. To form the cortex-the part of the brain we use for reason, analysis and rational thinking-our so – called executive functions- a percentage of these embryonic brain cells have to travel from the center to the surface. To get there, they climb these long skinny ropelike cells called “glial fibers”. This slide shows brain cells or neurons- the little black dots- migrating along these stringy fibers-the glial fibers. **Each little cell as a very precise schedule and a precise destination.*** (destacado por mim.) *Picture a billion or more traveling through the fetal brain every day.*

*As a cell climbs, it comes into contact with numerous other cells on its way. This contact activates genes in the cells that define the cell’s identity and mission.*

*When all goes well, the cells proceed to their destined position and perform their appointed tasks. But, if anything interrupts or sidetracks this journey-the result may be disaster.”* (p.302).

Se o projecto falha, como escreve Gomes-Pedro (2005) “(...) *é falhar, no sentido de coerência, é aprender a desistir*” e ainda que “ *deixar de acreditar num sorriso de volta, no esconde-esconde de um jogo de cucu, da volta de uma mão que vem para aconchegar, da volta de um olhar (...) é falhar (...)*”(p.52).

Se as células, expectantes na concretização do projecto ser-humano, perdem o seu caminho, a arquitectura cerebral fica comprometida. Cada pequena célula tem um destino, perante estímulos positivos ela cumpre a sua missão, mas perante um estímulo negativo o seu destino é interrompido e dá-se o desastre: a célula não cumpre a sua missão.

Voltando às raízes da violência, Karr-Morse (2005) refere que para uma melhor abordagem deste comportamento, devemos compreender que o pequeno cérebro em formação pode, em certas regiões ser hiper-estimulado pela exposição a situações de abuso e traumáticas. A autora explica o seguinte: O cérebro inicia a sua evolução numa região que se responsabiliza pelas funções mais básicas necessárias à sobrevivência, tal

como por exemplo o controlo da respiração. Depois o sistema límbico responsabiliza-se pelos impulsos e pelas emoções, finalmente o córtex cerebral, a região mais “moderna” do cérebro permite o pensamento racional. Depois desta breve *lição* a autora relembra que para a ocorrência deste desenvolvimento, o cérebro necessita de ser estimulado no sentido de completar o seu potencial e salienta o facto de que quanto mais pequena é a criança, mais activa é a região primitiva do cérebro, e por isso o córtex, a zona mais moderna não tem ainda controlo sob a região primitiva. Isto significa, e passo a citar Karr-Morse (2005) que “ *when a baby is abused repeatedly or is exposed to regular bouts of violence by the hands that are there to rock the cradle, their lower brain functions, the fight or flight mechanisms we all have to insure survival. Will be highly stimulated. Because the way the brain builds itself is use, will be is use dependent, this kind of stimulation, over time, builds an overactive or hypervigilant response system in this little brain* ” (p.306).

Penso que é fácil compreender que a região do cérebro que assegura a sobrevivência, a mais activa, é a que irá reagir aos impactos exteriores. Se continuamente, esta região é exposta a estímulos negativos que põem em causa o equilíbrio necessário à sobrevivência, os impulsos de defesa, aliados ao stress, serão o padrão de funcionamento do pequeno cérebro. Desta forma, se modela um cérebro hiper-alerto centrado na região primitiva e comprometendo a região do córtex.

Numa entrevista Karr-Morse (2002) argumenta que “ *se um bebé assiste a uma agressão física, fica tenso, e o seu cérebro emite sinais de alerta. Uma vez que é uma reacção espontânea ao stress. Mas duas, três, muitas torna-se padrão. Quando chega à escola, não se encontra no bê-á-bá, porque a sua mente preparou-se á violência (...)* não é o dedo que puxa o gatilho, não é o pénis que viola. É o cérebro. Aquilo que está hoje dentro da cabeça resulta directamente do que se viveu durante os primeiros 36 meses de vida” .

Os bebés que sofrem agressões na fase precoce da vida desenvolvem cérebros sintonizados para o perigo, e o que concretiza as ligações neurais no cérebro é a experiência, positiva ou negativa, repetida.

Mais tarde, como refere a autora, *“These children’s brains are not fully available to focus on learning”*

Segundo a autora, estes bebés são aqueles que se tornam crianças, hiperactivas, hiperactivas, com dificuldade em se concentrar, em controlar o seu comportamento e com dificuldade em se relacionar e compreender os outros/as.

Empatia, ou a capacidade de sentir e compreender o que a outra pessoa está a sentir, é algo que dificilmente estas crianças conseguem aprender. A autora defende que é a empatia, emoção social, que faz com que todos nós, não sejamos capazes de matar, mesmo tendo todos nós, eventualmente, já pensado nisso. Para melhor compreensão, Karr-Morse (2005) define empatia do seguinte modo: *“Empathy is a cortical capacity – built primarily in the orbitofrontal cortex, an area that sits roughly between the eyes which is particularly responsive to facial expressions and tones of voice and which connects incoming sensual data – from cortex (sight, sound, touch, and so forth) – with one’s simultaneously occurring awareness of internal physical and emotional states. This is literally the part of the brain responsible for our “gut reactions” or intuitive feelings about people or situations.”* (p.308)

Relativamente ao bebé humano, só ao fim de 2 anos de vida é que o cérebro do bebé atinge 90% do seu peso total! Este é um facto crucial no que concerne ao tema deste trabalho: a importância da qualidade dos estímulos que devem rodear o bebé nesta fase da sua vida alicerçam a construção do ser pessoa. São estas fundações que seguram e equilibram o funcionamento da construção. Se estes alicerces forem cuidados, perante a adversidade eles constituem-se como força que sustenta o seu propósito. É verdade que há ainda uma tendência para descurar aquilo que não se vê, mas aquilo que não se vê, o que é mais profundo, é aquilo que fundamenta o ser humano. Hoje chama-se a essa força “resiliência”.

O ambiente toma um valor para além do social. Pode-se dizer que o ambiente envolvente do bebé nos dois primeiros anos de vida desempenha a função eco-sistémica, exercendo uma influência também biológica. Nos primeiros anos de vida todos os estímulos contam, e quando refiro todos os estímulos, tenho em conta, que faço uma abordagem sistémica ou ecológica, considerando que o bebé é um ser completamente



permeável, como um esponja, que absorve todos os “tons” que o rodeiam. Com base num estudo exaustivo sobre o desenvolvimento do cérebro Karr-Morse (2005) refere o seguinte ” *From all of that research, to me, the most amazing single fact which emerges from the new brain imaging technology is that, as Dr. Nugent and others have explained in detail, the brain, unlike any other organ in the body, is a dynamic, interactive organ which actually requires stimulation from the child’s world to complete its development.*” (p.302)

Quando os norte-americanos tomaram conhecimento da relação estímulo positivo/desenvolvimento cerebral cuidaram imediatamente de estimular os seus bebés na tentativa de criarem génios, expondo-os logo à nascença a música clássica, decorando os quartos dos bebés com materiais estimulantes. Karr-Morse (2005) a este propósito diz o seguinte: “*Educated parents are now buying all kinds of sophisticated toys, videos and training materials*” (p.305).

Mas qual é a necessidade essencial do pequeno cérebro? O que activa e concretiza de forma coerente, relativamente à sua expectativa, as ligações cerebrais? O que é para o bebé o estímulo positivo? Como se concretiza o seu projecto para o qual está biologicamente organizado e expectante? Para o bebé não são objectos, é a relação de afecto. É como de maneira tão simples nos transmitiu Daniel Stern, “olhar”. É o olhar que realiza o projecto relacional, um projecto de amor que ele estabelece com o/a cuidador/cuidadora.

Karr-Morse (2005) responde, reagindo à intenção das famílias de “building smarter babies” da seguinte forma: “*This is, of course, to miss the point: the most important type of stimulation at this time life, as Dr.Kennell pointed out, is not cognitive, but is emotional and relational.*” (p.303).

Em 1960, Bowlby já defendia a importância dos primeiros vínculos do bebé . Segundo Gomes-Pedro (2005) o psicólogo afirmava que:” *A desadequação da responsabilidade por parte das figuras de vinculação é a condição principal para o desenvolvimento de uma personalidade instável e ansiosa*” (p.204).

Mas hoje, a neurociência fundamenta os mecanismos que evidenciam até que ponto o impacto social, positivo ou negativo, tem influência no desenvolvimento do cérebro do bebê.

Daniel Stern, de uma forma simples responde também a estas questões: é o olhar olhos nos olhos com amor (*gaze each other*). Um projecto relacional, um projecto de amor que estabelece com a mãe ou com qualquer outro cuidador, realiza-se inicialmente aí.

### III PARTE

#### Capítulo Seis

##### Proposta Pedagógica: Intervenção Precoce e o Modelo Touchpoints

###### 6.1. A Ecologia do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner

O Modelo Touchpoints tem na sua base o Modelo de Desenvolvimento de Bronfenbrenner. Este autor apresenta-nos uma ecologia do desenvolvimento humano, que implica o estudo científico da interacção mútua e progressiva entre o indivíduo activo e em crescimento e as características, sempre em mudança, dos meios ambientes onde o indivíduo vive e as relações entre os ambientes imediatos e os mais vastos em que o indivíduo se integra, tendo em conta que o indivíduo não é uma tábua rasa mas um sujeito dinâmico em desenvolvimento que se reestrutura e recria, progressivamente. O seu meio ambiente; que o meio ambiente actua sobre o indivíduo havendo interacções recíprocas e portanto um processo de mútua interacção. O ambiente que exerce influência sobre o indivíduo não é só o ambiente imediato mas engloba inter-relações entre vários contextos, mais próximos e mais latos, sociais e institucionais (Portugal, 1992).

Bronfenbrenner (2002) define desenvolvimento humano da seguinte forma: *“O desenvolvimento humano é o processo através do qual a pessoa desenvolve e adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em actividades que revelam suas propriedades, sustentam ou reestruturam aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma e conteúdo”* (p.23).

Numa perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, a explicação sobre aquilo que fazemos será encontrada nas interacções estabelecidas entre as características das pessoas e seus ambientes. Se quisermos mudar os comportamentos teremos que mudar os ambientes. Nesta perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, os processos

psicológicos devem ser vistos como sistemas em que o indivíduo é um elemento do sistema.

O desenvolvimento implica mudanças nas características das pessoas, mudanças que não são efémeras e que levam a uma reorganização ao longo do tempo e do espaço.

Portugal (1992) valoriza este modelo afirmando que “ *modelo ecológico de Bronfenbrenner expõe um quadro conceptual que nos permite compreender a interacção sujeito-mundo e o conseqüente desenvolvimento*” (p.40).

Bronfenbrenner concebe o seu modelo ecológico como um sistema de estruturas concêntricas em que cada uma contém ou está contida noutra. As diferentes estruturas do sistema são: o *Microsistema*, o *Mesosistema*, o *Exossistema* e o *Macrossistema*.

O *Microsistema* é um conjunto de actividades, de relações vivenciadas e experimentadas, entre o indivíduo em desenvolvimento e o seu ambiente imediato e de relações interpessoais, face a face. Como por exemplo as relações na família, na creche, etc.

O *Mesosistema* inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes em que o indivíduo participa activamente. Trata-se de um sistema de *Microsistemas*, de interacções entre os contextos que actuam no indivíduo, tais como: as relações família-creche, família-escola, etc.

O *Exossistema* implica um ou mais contextos em que não há a participação directa do indivíduo mas onde acontecem situações que vão afectar ou são afectadas pelos ambientes imediatos em que o sujeito vive, como por exemplo o trabalho dos pais, o círculo de amigos dos pais, etc.

O *Macrossistema* refere-se aos valores, às crenças, á cultura, às subculturas, ao estilo de vida, de uma sociedade em que os *micro*, *meso* e *exo* sistemas de uma pessoa, estão inseridos.

Em síntese, Bairrão (2005) diz que ” *a ecologia do desenvolvimento humano implica o estudo da acomodação progressiva e mútua entre um ser humano activo e em crescimento e as propriedades em mudança dos cenários imediatos, nos quais a pessoa*

*em desenvolvimento vive, na medida em que este processo é afectado pelas relações entre estes cenários e os contextos mais vastos nos quais os cenários estão integrados” (pp.4,5).*

Bronfenbrenner apresenta-nos modelos de desenvolvimento humano que representam uma evolução relativamente aos anteriores.

Assim, referimo-nos ao Modelo Bioecológico que diz respeito a quatro componentes inter-relacionados: o *Processo* que engloba a relação entre o indivíduo e contexto; a *Pessoa* com as suas características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais; o *Contexto* em que se situa o desenvolvimento; o *Tempo*.

Em conjunto estas quatro componentes da teoria *bioecológica* constituem o Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT) de Bronfenbrenner (Pessanha, 2008), “*A primeira que constitui o âmago do modelo é o Processo. Mais especificamente, este constructo engloba formas particulares de interacção entre o organismo e o ambiente, denominadas processos próximos, que operam ao longo do tempo e que se constituem como os mecanismos primários que produzem o desenvolvimento humano. Contudo, o poder destes processos varia substancialmente em função das características da Pessoa em desenvolvimento, dos Contextos, tanto dos mais próximos, como dos mais distantes, e dos períodos de Tempo durante os quais estes processos ocorrem” (Bronfenbrenner & Morris, 1998, citados por Pessanha, 2008)*

No artigo “Intervenção Precoce: Focada na criança ou centrada na família e comunidade” A Intervenção Precoce (IP) surge no âmbito do projecto de uma sociedade democrática, e igualitária. Fundamentalmente esta é uma medida política, no sentido mais nobre deste conceito, se pensarmos na arte de governar os povos conforme uma visão platónica de um ideal de justiça e razão (Clément et al. 2007). As práticas da IP assumem-se de forma a provocar a participação comunitária com o objectivo de anular os entraves aos vários níveis, socioculturais, psicofísicos e económicos, que as famílias mais vulneráveis enfrentam. Assim, a IP tem como objectivo apoiar e fortalecer a criança centrando na família a intervenção e envolvendo os serviço da comunidade numa visão ecossistémica, e conseqüentemente, promover uma sociedade inclusiva.

A IP pode ser abordada como um tema da globalidade que fundamenta a sua missão nos documentos das Nações Unidas no que diz respeito aos Direitos Universais da Criança.

Do Relatório Síntese da Análise das Situações na Europa elaborado pela European Agency for Development in Special Needs Education de 2005 cito, em seguida alguns exemplos: *“A criança tem direito a crescer e a desenvolver-se de forma saudável; para isso devem ser prestados cuidados especiais e protecção tanto à criança como à sua mãe, incluindo cuidados pré e pós natais adequados (N.U. 1959, Princípio 4).*

*“Os Estados devem trabalhar no sentido da oferta de programas orientados por equipas multidisciplinares de profissionais para a detecção precoce, a avaliação e o tratamento da deficiência, de forma a prevenir, reduzir ou eliminar os seus efeitos a nível de incapacidades” (N.U. 1993, Norma 2 §1).*

*“Os programas de Cuidados e de Educação Precoce na Infância para crianças até aos seis anos devem ser desenvolvidos e/ou reorientados para promover o desenvolvimento físico, intelectual e social e a preparação para a escola. Estes programas constituem uma mais valia, em termos económicos, para o indivíduo, para a família e para a sociedade, ao prevenirem o agravamento das condições de incapacidade” (UNESCO, 1994, §53)*

Esta será a abordagem numa perspectiva de princípios e valores Universais, mas de facto, a IP é uma dinâmica com base num modelo de desenvolvimento humano sistémico que surge a partir do trabalho desenvolvido por Bronfenbrenner, intitulado por “Ecologia e Desenvolvimento Humano”, que tem na sua concepção o Modelo PPCT (Processo – Pessoa – Contexto – Tempo). Bairrão (2005) explica estes 4 pólos das seguintes forma, *“O Processo desenvolvimental, implicando a relação concomitante do indivíduo e do contexto.*

*A Pessoa, com o seu reportório individual, biológico, cognitivo, emocional e de características comportamentais.*

*O Contexto de desenvolvimento humano é conceptualizado como níveis integrados uns nos outros, ou sistemas infra- estruturados, segundo a ecologia do desenvolvimento humano.*

*O Tempo é conceptualizado como implicando as dimensões múltiplas de temporalidade” (p.7).*

Ainda relativamente aos fundamentos da IP, Bairrão (2005) refere o Modelo Transaccional que se situa nas teorias da ecologia de desenvolvimento humano e aplica-se ao modelo de trabalho com crianças com necessidades educativas especiais, nomeadamente, ao Programa de Intervenção Precoce (PIP).

Neste modelo, o desenvolvimento da criança é visto como um produto de interacções dinâmicas e contínuas da criança com as experiências que lhe são fornecidas pela família e pelo contexto social mais vasto em que se insere (Bairrão, 2005).

Este Modelo Transaccional coloca também igual ênfase nos efeitos da criança e do meio ambiente.

Segundo o Relatório Síntese da Análise das Situações na Europa elaborado pela European Agency for Development in Special Needs Education (2005) “ *a influência de modelos de desenvolvimento ecológico (Bronfenbrenner; 1979, 1998) e transaccionais (Sameroff,1975; Sameroff & Fiese, 1990) norteou a organização da IPI para um sistema de colaboração inter-serviços, visando a adopção de programas mais abrangentes em que a participação efectiva da família e da comunidade desempenham um papel preponderant.*” (p.36)

Ao longo do tempo tem havido uma evolução de ideias e de teorias que têm contribuído, com base científica, para a melhoria das práticas. O relatório Peterander e al. (2003) refere que, nas últimas duas décadas foram desenvolvidos vários documentos que contribuíram para “*um novo conceito de PIP no qual as ciências da saúde, a psicologia, as ciências da educação e as ciências sociais se encontram directamente envolvidas, o que corresponde a uma situação diferente da do passado, quando esta ciências tinham impactos relativamente diferentes e nem sempre inter-relacionados. Realçaram os avanços na mudança de uma intervenção essencialmente focalizada na criança, para uma abordagem cada vez mais ampla, na qual o enfoque já não é apenas Orientado para a criança mas também para a família e comunidade*”.

Gostaria de salientar o facto de que o referido relatório destaca o contributo da Neurociência na fundamentação da IP. Reconhecendo a importância dos primeiros anos de vida do bebé e das suas relações precoces, tendo em conta o desenvolvimento positivo do indivíduo, numa perspectiva de uma sociedade equilibrada. A este propósito, passo a citar o que refere o documento, que foi elaborado tendo em conta o contributo das investigações científicas desenvolvidas por vários especialistas. “ *O desenvolvimento do cérebro realçou o efeito da experiência precoce no aumento e estabelecimento de ligações neuronais (Kotolak, 1996). Segundo Park & Peterson (2003), a investigação recente sobre o desenvolvimento do cérebro parece provar que as experiências positivas e ricas durante os primeiros anos da infância podem ter efeitos positivos no desenvolvimento do cérebro, ajudando as crianças na aquisição da linguagem, a desenvolver competências na resolução de problemas, a estabelecer relações saudáveis com os pares e adultos e adquirir diferentes competências de grande importância ao longo da vida. Desde o nascimento, ou mesmo desde a concepção, até aos primeiros anos de vida, a forma como a criança se desenvolve não pode ser comparada com outro qualquer estágio posterior da vida (Shonkoff, 2000). Mas, como sublinha este autor, o desenvolvimento pode ser seriamente comprometido por “alterações” sociais e emocionais.*”

Ligar a acção ao conhecimento científico tem sido fundamental para a evolução da pertinência da Intervenção Precoce e na construção de modelos de práticas renovadas. Hoje, de modelos centrados unicamente na criança e nas suas fraquezas passou-se para um modelo de intervenções integrativas prestadas no contexto natural da criança e nas forças que a rodeiam. As intervenções não se modelam mais por acções paralelas e terapias isoladas, mas sim num modelo assente num trabalho em equipa interdisciplinar e de participação integrada entre diferentes serviços. O objectivo desta intervenção baseia-se num modelo de *empowerment*, isto é, perspectiva a sua acção tendo em vista a capacitação e as forças da família, em vez de assumir um papel de assistência e de dependência dos serviços por parte da família, o que perpetua as suas vulnerabilidades.



No enquadramento da análise realizada pela European Agency, o grupo de especialistas sugeriu a seguinte definição operacional: *”PIP é um conjunto de serviços/recursos para crianças em idades precoces e suas famílias, que são disponibilizados quando solicitados pela família, num certo período da vida da criança, incluindo qualquer acção realizada quando a criança necessita de apoio especializado para: assegurar e incrementar o seu desenvolvimento pessoal, fortalecer as auto-competências da família, e promover a sua inclusão social.*

*Estas acções devem ser realizadas no contexto natural das crianças, preferencialmente a nível local, com uma abordagem em equipa multi-dimensional orientada para a família.”*

Em Portugal, as Equipas de Intervenção Precoce funcionam desde o ano de 1999, tendo como enquadramento Legal, Despacho Conjunto nº 891/99 de Outubro do ME / MS/ MSS (Ministério da Educação, Ministério da Saúde e Ministério da Segurança Social). Estas equipas são constituídas por Assistentes Sociais, Educadores de Infância Enfermeiros, Psicólogos e Terapeutas. A Intervenção Precoce é vista como uma medida de apoio integrado, centrado na criança e na sua família e na comunidade, mediante acções de natureza preventiva e habilitativa, designadamente, no âmbito da educação, da saúde e da acção social, com vista, a assegurar condições facilitadoras do desenvolvimento da criança com deficiência ou em risco de atraso grave de desenvolvimento, e a potenciar a melhoria das interacções familiares, a reforçar as competências familiares como suporte da sua progressiva capacitação e autonomia face à problemática da deficiência.

As equipas de IP procuram ainda criar condições facilitadoras do desenvolvimento global da criança, minimizando problemas de risco de atraso de desenvolvimento, otimizar as condições da interacção criança/família, mediante a informação sobre a problemática em causa, reforçar as respectivas capacidades e competências, designadamente, na identificação e utilização dos seus recursos e dos da comunidade. A comunidade é parte integrante do processo de intervenção, de forma contínua e articulada, otimizando os recursos existentes e as redes formais e informais de inter-ajuda.

As Equipas de IP destinam-se a crianças dos 0 até aos 6 anos de idade, especialmente dos 0 aos 3 anos, que apresentem deficiência ou risco de atraso de desenvolvimento; às suas famílias, na necessidade de adaptação às características próprias da criança; ao meio envolvente, como forma de o tornar facilitador da integração social destas crianças, garantindo-lhes o esbatimento das desvantagens causadas pela deficiência ou pelos factores de risco.

O actual Decreto-Lei n.º 281/2009, de 6 de Outubro vem criar um Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI), na sequência dos princípios consignados na Convenção das Nações Unidas dos Direitos da Criança e no âmbito do Plano de Acção para a Integração das Pessoas com Deficiência ou Incapacidade (2006-2009), com vista a garantir condições de desenvolvimento das crianças com funções ou estruturas do corpo que limitam o crescimento pessoal, social, e a sua participação nas actividades típicas para a idade, bem como das crianças com risco grave de atraso no desenvolvimento.

Este decreto-lei veio substituir o despacho em vigor. Anteriormente, o despacho referia-se a *crianças com risco de atraso grave de desenvolvimento*, o actual Decreto-Lei refere *com risco grave de atraso no desenvolvimento*.

Desta forma, o *risco* refere-se não à gravidade do desenvolvimento, mas sim, à gravidade do risco em que as crianças se encontram. Isto resulta numa abertura a um maior número de situações de risco, não ficando a Intervenção Precoce delimitada a situações de atraso grave de desenvolvimento.

Passar de um despacho para um Decreto-Lei é um evidente sinal de que a Intervenção Precoce em Portugal conquistou um lugar seguro, e de alguma maneira é uma forma de promover justiça e de dar voz aos bebés, crianças e famílias.

Tim Moore é um autor australiano que se tem dedicado nos últimos 25 anos à investigação na área da Intervenção Precoce na Infância, sendo citado pela maioria dos artigos que tratam este tema. Com inúmeras publicações, tem promovido o serviço da PIP como uma prática centrada na família, e recentemente, tem lançado um novo conceito que, não desleixando *a prática centrada na família* vem enfatizar a prática

com base na relação. A este novo conceito, o autor denomina-o por *relationship-based practice*.

No artigo que preparou para apresentação na Conferência Nacional da Associação de Intervenção Precoce da Nova Zelândia, no ano 2009, Moore explora a importância das *responsive and caring relationships*, isto é, enfatiza o papel das relações com base em respostas contingentes dos cuidadores e dos técnicos relativamente às necessidades e exigências das crianças (com e/ou sem risco de desenvolvimento) e, no modo como estas estão na base no desenvolvimento. Qual o papel central da *relação* no desenvolvimento da criança? Porquê a sua importância? Que respostas nos faculta a neurociência? Quais as consequências da falta de *responsive and caring relationships* no desenvolvimento dos bebés? (Moore, 2009).

Com suporte em inúmeros estudos, o autor constata que o desenvolvimento das crianças ocorre através das relações que estas estabelecem com as pessoas importantes das suas vidas. Segundo o Conselho Científico Nacional do Desenvolvimento da Criança, Moore (2009) refere que “*os relacionamentos são um ingrediente activo que a influência do ambiente exerce sob o desenvolvimento saudável do ser humano.*” O mesmo Conselho defende que o sentido e respostas contingentes no cuidado das crianças são um requisito necessário para o desenvolvimento saudável dos aspectos neuropsicológicos, físicos, psicológicos da criança. Segundo o autor, a sensibilidade diz respeito à compreensão da linguagem não verbal, fonte de comunicação do bebé, por parte dos cuidadores e as respostas contingentes dizem respeito á capacidade de responder de forma apropriada aos sinais do bebé (Moore , 2009).

Seguindo com uma lista de constatações expressas no mesmo artigo, Moore citando Richter, refere que “*as crianças e os cuidadores estão preparados através da capacidade de adaptação, para realizar relações através das potenciais capacidades humanas das crianças*”. Segundo Moore, isto significa que as capacidades biológicas e sociais do recém-nascido definem uma *agenda de* requisitos como suporte dos cuidadores de forma a atenderem por completo todo o potencial de desenvolvimento das crianças. O pequeno cérebro do recém-nascido está disposto de forma a depender dos cuidados básicos humanos. (Moore, 2009).

Moore desenvolve a ideia de Richer que defende a universalidade das características, transversal a todas as culturas, relativamente aos cuidados básicos (alimentação e protecção) que fundamentam a relação entre cuidador/a e bebé. Segundo Moore (2009), em todos os grupos humanos os bebés tem as mesmas necessidades, “*warm, responsive, linguistically rich, and protective relationships to grow and develop*” .

Outro aspecto crucial que Moore refere no seu artigo, recorrendo a inúmeros investigadores, é que as relações entre cuidadores e bebé alteram a neurobiologicamente e neuroquimicamente os cérebros dos bebés, transformações que podem ocorrer de forma positiva como de forma negativa (Moore, 2009).

A controvérsia sobre a dualidade natureza e ambiente relativamente ao impacto que estes fenómenos têm no desenvolvimento do ser humano tem sido tema de discussão ao longo dos tempos, mas hoje sabemos que o processo de desenvolvimento se estabelece numa interacção permanente entre o nosso património genético e o ambiente. Tendo em conta esta premissa, o modelo teórico de desenvolvimento, adoptado pelo modelo Touchpoints é o modelo Processo-Pessoa-Tempo-Contexto enunciado por Bronfenbrenner.

A verdade é que ainda hoje resta, em alguma cultura científica, a visão cartesiana que separa o corpo da mente, a razão da emoção ou o espírito da matéria. O paradigma do processo dinâmico, opondo-se a uma teoria simplista, defende a relação entre os vários fenómenos, corpo, mente e ambiente no estabelecimento do desenvolvimento. É nesta complexidade que o processo de desenvolvimento ocorre e a promoção do bem-estar e de um desenvolvimento saudável, deve assentar numa visão global do ser humano.

Olhar a criança fora da sua família, das suas relações, da sua escola e da sua cultura, é redutor e incompleto. Uma abordagem global e integrada torna-se a forma de avaliar o desenvolvimento, quer na saúde quer na doença, tendo em vista uma intervenção, igualmente global e adequada (Gomes-Pedro, 2005). A avaliação tendo em vista uma meta pré-definida (faz/não faz), a colheita da história, a aplicação de um teste, serão porventura necessários mas, uma avaliação que não tem em conta o contexto, permite até que duas crianças com o mesmo diagnóstico tenham perfis funcionais diferentes. Uma avaliação global permite que ao técnico não passe despercebida “a água do

banho”, como refere Gomes-Pedro (2004) “ *De facto, o que fica de essencial do banho, nomeadamente vivenciado pela mãe e pelo bebé, quando da oportunidade desse banho, é guardado nas emoções de cada um e este todo que não poderá ir pelo esgoto quando puxado o ralo no fim desta tão especial oportunidade interactiva da vivência que todos sabemos ser a relação exemplar*”

Gomes-Pedro chama atenção também para a origem da palavra *avaliação*. Esta tem na sua raiz a palavra traduzida inglesa *evaluation*, isto é o *valor*. Ora, os valores na criança são exactamente as forças da criança, isto é: a capacidade de inter-acção afectiva e comunicação.

Eu diria, de forma sintética, que o cerne da questão está não na criança, ou na sua família, mas sim no que está *entre*, isto, é na relação estabelecida. A relação torna-se assim o objecto que nos interessa avaliar, não porque nela reside uma importância de excelência por si só, mas porque a capacidade de estabelecer relação é a expressão das capacidades, forças e fraquezas que perfilam cada bebé.

## 6.2. O Modelo Touchpoints

O modelo de desenvolvimento proposto por Brazelton (2003) indica que este processo ao longo da primeira infância não é linear e é fruto da conjugação de três forças: a maturação do sistema nervoso central, as forças internas e as forças externas da criança. Voltamos novamente ao tema *nature versus nurture*.

A directora do Brazelton Touchpoints Center, Boston, Ann Stadtler (2005), sobre este modelo de desenvolvimento expõe o seguinte, *“There are 3 forces of energy which fuel a child’s development. One force is the developing nervous system which is fueled by the child’s internal feedback system: « I just did that myself – am I not great?» Another force is the external feedback system, the caregiving environment which says «aren’t you wonderful?» When these systems are in harmony the child’s development is spurred on and the positive sense of self is supported. All development happens within a relationship with caregiving adults»* (p.412).

Touchpoints é um modelo de desenvolvimento da criança que enfatiza determinados momentos-chave ou Touchpoints. Este modelo valoriza a prevenção intervindo precocemente junto dos bebés e crianças e tem também o objectivo de promover o vínculo entre mãe/pai e bebé e construir relações de confiança e aliança entre os pais e os profissionais da saúde ou educação. A filosofia Touchpoints comporta uma mudança de paradigma relativamente aos modelos usualmente aplicados por técnicos de intervenção familiar. Este modelo passa de um modelo deficitário para um modelo positivo; passa de um modelo que se baseia em modelos de desenvolvimento humano linear para um modelo multidimensional e descontínuo; de um modelo de uma atitude prescritiva para um modelo de atitude colaborativa face às famílias; e finalmente de um modelo com fronteiras rígidas para um modelo de fronteiras disciplinares flexíveis.

Podemos verificar que este modelo assenta nos mesmos pressupostos que baseiam a Intervenção Precoce.

Gomes-Pedro (2005) quando aborda o Modelo Touchpoints de Brazelton, refere o seguinte *”Urie Bronfenbrenner e Berry Brazelton inspiraram, de modo decisivo, o modelo que, por sua vez, inspira a minha prática clínica. Bronfenbrenner conceptualizou, com o seu modelo PPCT, os pólos da nossa intervenção. Pessoa,*

*Processo, Contexto e Tempo, são, de facto, os pólos que nos compelem a revisitar a coerência em função da identidade, em função da circunstância, em função da relação, no tempo de cada fase do ciclo da vida.” (p.250)*

Touchpoints são fases previsíveis de desorganização da criança ao longo do seu desenvolvimento que podem perturbar as relações familiares, mas que exactamente, podem ser também as oportunidades para a constituir a referida aliança entre pais e profissionais. Estes períodos de desorganização estão identificados e surgem em surtos evolutivos numa determinada área de desenvolvimento que causam regressões noutra área. Por exemplo, um bebé com 12 meses que está biologicamente e socialmente empenhado na aprendizagem da marcha, vai comprometer o sono, a alimentação e a atenção. Estas regressões no desenvolvimento levam também à desorganização dos pais que desconhecem o processo de desenvolvimento. O objectivo do modelo Touchpoints é a valorização da desorganização, pois ela significa desenvolvimento e evolução. (Brazelton, 2003).

Brazelton indentificou 13 “Touchpoints” até aos seis anos de idade de acordo com 13 etapas de desenvolvimento e conseqüente desorganização caracterizadas por comportamentos tipo:

Neste trabalho será desenvolvido unicamente o 2º Touchpoints - Recém nascido, momento de aplicação da Neonatal Behavioral Assesment Scale (NBAS) de Brazelton ou a (Neonatal Behavior Observation (NBO). Esta escala faz a avaliação Neuro-comportamental do recém-nascido. Como refere Gomes-Pedro (2003) “ *a descoberta das competências, das forças e de todos os outros atributos que permitem identificar a identidade de cada bebé e da sua família, constitui o objectivo preferencial da nossa primeira avaliação logo após o nascimento.*” (p.389)

Hoje o meio científico pode afirmar que o desenvolvimento não é linear nem contínuo. O desenvolvimento caracteriza-se por pausas, regressões e surtos evolutivos.

Desorganização numa área de desenvolvimento pode desorganizar umas e organizar outras. O Modelo Touchpoints é um modelo de desenvolvimento infantil perspectivado em torno de momentos-chave, os touchpoints.

Os momentos-chave, os Touchpoints, são previsíveis, enfatizam a prevenção através dos cuidados antecipatórios e da construção de reações de aliança entre mãe/pai e profissionais. O Modelo assenta num Paradigma Relacional já que cada Touchpoint constitui uma oportunidade para o profissional se unir à família, criando alianças de mútua confiança, centrando as interações nas forças parentais. Este modelo constitui uma filosofia que assenta em princípios muito claros no que diz respeito à atitude dos técnicos que trabalham com as famílias, e que passo a anunciar:

- Reconheça o que traz para a interação
- Procure oportunidades para suportar a mestria
- Utilize o comportamento da criança como a sua linguagem
- Valorize a desorganização
- Valorize e compreenda a relação estabelecida entre si e a família
- Esteja disponível para discutir assuntos que vão para além do seu papel tradicional
- Focalize na relação mãe/pai – criança
- Valorize a paixão, onde quer que a encontre

Estes princípios, em suma, trazem-nos não só os valores pelo respeito pela cultura de cada família, como também nos traz a valorização da sabedoria de quem ama, a valorização da criança dando-lhe voz através do seu comportamento, a valorização da relação e da paixão como sinal de amor.

Este modelo também encara Pressupostos Parentais que de alguma forma sustentam os princípios apontados, são eles os seguintes:

- Todas as mães/pais são peritos nos seus filhos.
- Todas as mães/pais têm forças.
- Todas as mães/pais querem fazer bem com os seus filhos.
- Todas as mães/pais têm algo fundamental para partilhar em cada etapa do desenvolvimento
- Todas as mães/pais têm sentimentos ambivalentes
- A parentalidade é um processo construído por tentativa/erro.



O Modelo Touchpoints reflecte uma mudança de paradigma que se assemelha aos fundamentos da filosofia da intervenção precoce. Isto é, passa de um modelo deficitário, para um modelo positivo, de uma atitude prescritiva, para uma atitude colaborativa, de uma visão de desenvolvimento linear, para uma visão de desenvolvimento descontínuo e multidimensional, de um envolvimento objectivo, para um envolvimento empático e finalmente de fronteiras disciplinares rígidas para fronteiras disciplinares flexíveis.

### 6.3. 2º Touchpoints e a Escala de Brazelton : NBAS/ NBO

A razão porque passo para o segundo Touchpoints saltando o primeiro, é pelo facto de que o segundo diz respeito ao momento entre o nascimento do bebé e o terceiro mês de vida, a idade que foi delimitada para o desenvolvimento da dissertação. O primeiro Touchpoints refere-se ao momento do sétimo mês de gestação. A este propósito Gomes-Pedro (2005) escreveu: *“A consulta pré-natal que, para Brazelton, representa o primeiro «touchpoint» da intervenção clínica e educacional, é uma oportunidade única para a construção do sentido de família, sentido este que exige uma nova coerência, e por isso, uma nova adaptação de vida. Um mais um passa ser igual a três”*(p.259).

O segundo Touchpoints, momento de aplicação da NBAS (Neonatal Behavior Assesment Scala- Escala de Avaliação do Comportamento Neonatal) que se constitui numa escala fundamentada pelo modelo Processo- Pessoa-Tempo-Contexto como um guia para a descoberta do bebé, com o objectivo de intervir na adaptação familiar e promoção do vínculo entre mãe/pai e bebé.

Trinta anos depois foi criada a CLNBAS, não mais que uma nova versão da NBAS. Sustentado por muitos anos de investigação, Brazelton desenvolveu uma nova metodologia de avaliação neuro-comportamental, agora mais simples e por essa razão mais facilmente aplicada pela diminuição do tempo necessário. Contudo, através desta escala podemos também conhecer todo o reportório do bebé, as suas forças e as suas vulnerabilidades na adaptação ao ambiente extra-uterino. O propósito e o desafio desta escala, mantêm-se: a promoção relacional entre bebé e família tal como técnico e família.

Como refere Gomes-Pedro (2005) esta avaliação trata-se de uma *viagem* onde cada profissional tem a oportunidade de partilhar com a família o perfil do bebé. Isto é, as suas competências, forças e vulnerabilidades. Mas, ao contrário de outras formas de avaliação, esta é livre de preconceitos. O técnico vai adaptando as suas estratégias consoante aquilo que o bebé lhe diz, através do seu comportamento. O bebé, é o condutor desta viagem.

O recém-nascido é tido como participante activo. A partilha com a mãe/pai do comportamento do bebé sensibiliza-os para as capacidades e a variedade de respostas que o bebé já consegue realizar ao nascer. Quando a família compreende o seu bebé, aumenta a capacidade de comunicação e de estabelecer com ele e entre si numa relação positiva.

Em suma, como refere Gomes-Pedro, o objectivo é “ *o de estabelecimento de uma aliança com a família e é com essa aliança que fazemos a descoberta da identidade do bebé, base de organização do vínculo e da resiliência familiar*”( 2003 *Acta Pediátrica*)

Esta escala avalia o comportamento do bebé nas suas respostas a estímulos humanos e não humanos. Avalia o modo como o bebé utiliza os níveis de consciência (estádios) para controlar as suas respostas mostrando a capacidade que tem de se adaptar ao meio ambiente.

O desenvolvimento da NBO baseia-se na investigação, decorrida ao longo de mais de 20 anos, da prática da NBAS. Esta escala criada por Brazelton, ajuda-nos a compreender e conhecer, por um lado, o comportamento do bebé e a promoção do vínculo entre mãe/pai e bebé e por outro, como modelo clínico, desenvolve uma aliança entre família e técnico. A NBAS é a precursora de NBO e foi desenvolvida com o desejo de providenciar aos técnicos com uma escala que mantivesse o conceito da NBAS, mas que transferisse o seu enfoque no diagnóstico para a observação e promoção do vínculo.

A NBO foi criada para sensibilizar a famílias para as competências do seu bebé no sentido de fomentar as inter-acções positivas entre mãe/pai e bebé. Foi concebido como um sistema inter-activo no qual a família observa e identifica quais as estratégias para cuidar do seu bebé.

A NBO é um conjunto de observações estruturadas concebidas para ajudar a mãe/pai e técnico a conhecer o bebé e identificar o tipo de suporte que o bebé necessita para o sucesso do seu desenvolvimento. A NBO providencia uma informação individualizada sobre o comportamento do bebé permitindo à mãe/pai conhecer as competências e as vulnerabilidades únicas do bebé, de forma a responderem ao seu bebé indo ao encontro das suas necessidades.

O sistema da NBO consiste num conjunto de 18 observações comportamentais, até ao terceiro mês, que descrevem as capacidades e o comportamento relativamente a 4 Sistemas Comportamentais: Sistema Autonómico, Interação, Motricidade e Regulação dos Estádios

A NBO é aplicada considerando-se 6 Estádios de consciência do bebé (1º Sono profundo; 2º Sono ligeiro, 3º Semi-vigília; 4º Vigília; 5º Agitação; 6º Choro). É na passagem de um estágio para o outro que se observa a capacidade que o bebé tem de responder aos estímulos positivos e negativos. A forma como o bebé passa de um estágio para o outro é indicador das suas capacidades e vulnerabilidades. O bebé pode dizer-nos que consegue gerir o seu próprio mundo se esta passagem for gradual e se conseguir permanecer no estágio quatro. Se a passagem dos estádios for brusca e inconstante, o bebé precisará de ajuda da família para aprender a desenvolver o seu autocontrolo.

NBAS/NBO: Avalia o comportamento do bebé nas suas respostas a estímulos humanos e não humanos. Avalia o modo como o bebé utiliza os níveis de consciência (estádios) para controlar as suas respostas mostrando a capacidade que tem em se adaptar ao meio ambiente.

Investir no futuro de cada bebé, de cada família implica confiança. Confiança que permite identificar e conhecer as forças, as competências e as vulnerabilidades de cada bebé e em cada família.

Nadia Bruschiweiler (2005), pediatra e pedopsiquiatra, na sua comunicação, em livro de actas do “Encontro Mais Criança, faz uma referência específica à intervenção precoce com a Escala de Brazelton (NBAS). Na sua comunicação no 7º ponto , intitulado « Intervention précoce avec l’Échelle de Brazelton» a autora diz o seguinte, “ *En effectuant l’Échelle de Brazelton en interaction avec les parents, l’examineur peut non seulement les assister dans la découverte de leur Bébé comme une personne unique et les aider à lire son langage, mais il peut aussi corriger des idées problématiques ou négatives sur le Bébé ou sur eux-mêmes comme parents. En ce sens, selon les situations, ce type d’intervention précoce peut avoir une valeur éducative, préventive et thérapeutique de portée inestimable.* » (p.333).

Também Karr-Morse (2005) refere o Modelo Touchpoints de Brazelton, como uma oportunidade de prevenção por ser de intervenção precoce. A autora diz o seguinte, “*Dr Brazelton’s Touchpoints training is an opportunity to bring the best of way we know about children’s emotional development, and how to best support parental in nurturing children’s optimal development, to a broad audience of parents and professional.*”(p.310)

Se cada família tiver uma oportunidade facilitada para conhecer o seu bebé, para compreender as competências extraordinárias que possui, para compreender a forma como se prontifica e necessita de interagir com a sua mãe/pai, para compreender de que forma o bebé revela que reconhece a voz da mãe e do pai, que segue a face com o olhar, que segue uma bola vermelha, que sintoniza os movimentos, que tem enorme capacidade de se auto-regular de se auto-consolar e de se proteger dos estímulos negativos, quando tudo isto for compreendido, as mães e os pais vão comunicar mais com os seus bebés, disponibilizarem-se mais para a interacção e os momentos de intersubjectividade acontecem e a paixão através do *gaze* (Stern, 2005) estabelece o vínculo afectivo que por ventura será nutriente mais valioso para alimentar os mil milhões de neurónios e as suas ligações (sinapses) que nos dois primeiros anos de vida são de uma exuberância biológica irrepitível, que edifica o cérebro e a identidade de futura do cidadão e cidadã agora criança.

A Intervenção Precoce baseia-se nos pressupostos teóricos que garantam uma qualidade de intervenção. A sua abordagem ecosistémica vem garantir uma atitude de intervenção baseada num modelo de desenvolvimento que implica equacionar a criança numa perspectiva ecológica, isto é, olhar a criança na sua circunstância e no seu contexto, de um modo global. Esta abordagem ecosistémica comunga da abordagem do Modelo Touchpoints, tendo em conta que ambos vão buscar fundamento ao Modelo de Desenvolvimento Ecológico de Bronfenbrenner (P.P.C.T.) enfatizando, igualmente a intervenção centrada na família.

## CONCLUSÃO

Tendo em conta que o modelo de desenvolvimento proposto por Brazelton nos indica que o desenvolvimento do ser humano não é linear e que o desenvolvimento processa-se na conjugação de três forças; a maturação do sistema nervoso central, as forças internas e as forças externas do ser humano. É fundamental consciencializarmo-nos para o facto de que as forças exteriores somos todos nós, primeiro a família a escola, as organizações, a sociedade. O fenómeno relacional é uma característica do ser humano. Por esta razão, o bebé nasce esperando este acontecimento. A Neurociência permite agora não ficar pelas convicções. Este conhecimento fundamenta as consequências do vazio do afecto, da privação relacional, e desvenda a projecção e ampliação sobre a vida da sociedade dos efeitos negativos da expectativa frustrada do Amor no bebé. Demonstra com exactidão a relação entre a génese da empatia e a violência, a plasticidade do sistema nervoso central, e a importância das experiências precoces na infância.

Este conhecimento permite algo de novo e maravilhoso. No meu ponto de vista, este conhecimento não encerrou, antes abriu a perspectiva de que a complexidade da natureza humana integra, em si mesma o desígnio do amor e da ciência.

Hoje, na sociedade ocidental, onde primam valores que se opõem à construção das relações de afecto, onde se opta por medidas educativas pró-massificação e simultaneamente se promove o individualismo, o não-pessoa, e onde se substituem as relações inter-pessoais pelas Novas Tecnologias, torna-se urgente um projecto de Amor agora no fundamento de que, como refere Gomes-Pedro (2005) "é necessário investir, preventivamente, nas estratégias modelares que configurem coerência no triângulo criança-família-educadores/profissionais, de modo a privilegiar a paixão relacional e, com ela, a confiança, a empatia, a tolerância e, sobretudo esperança."(p.211).

Estes são os grandiosos objectivos que surpreendentemente cabem na aplicação da NBO de Brazelton junto das famílias.

Muito fica por explicar porque este trabalho mobiliza um conjunto muito vasto e especializado de saberes em rápido desenvolvimento. Contudo, mesmo no que respeita

ao conhecimento neurocientífico para António Damásio (1997), a possibilidade do mistério existe “ *Talvez a complexidade da mente humana seja tal que a solução para o problema nunca possa vir a ser conhecida devido às nossas limitações intrínsecas. Talvez nem sequer devêssemos considerar que existe um problema e devêssemos, em vez disso, falar de um mistério, estabelecendo uma distinção entre as questões que podem ser adequadamente abordadas pela ciência e as questões que provavelmente nos iludirão sempre. Mas, por mais que simpatize com aqueles que não conseguem imaginar como poderemos desvendar o mistério (os chamados misterianos) e com aqueles que pensam que é possível resolvê-lo, mas que ficariam despontados se a explicação tivesse por base qualquer coisa já conhecida, acredito com suficiente frequência e convicção que acabaremos por resolvê-lo*”(p.(20).

Se as crianças representam o futuro da sociedade e se procuramos um projecto de uma sociedade para a Igualdade, justa, para o bem-estar e para a Paz, torna-se então urgente que os/as governantes assumam na definição das políticas sociais, económicas e culturais a centralidade do afecto na constituição da vida cívica, tal como o Amor é central á constituição do ser humano na sua infância.

Amor provavelmente é desta forma algo que se aprende e que se educa. Maria de Lurdes Pintasilgo, (1953) coloca o Amor numa forma que serve plenamente o propósito desta dissertação - “ *trair a ordem é trair a essência da missão humana*” torna-se, então, necessário acreditar na nossa natureza.

Esta é afinal a lição dos bebés nos seus primeiros dias de vida, e este é afinal o desafio da Cidadania.

O lugar matricial da Igualdade da Justiça é a relação e a relação é a mensagem do bebé na sua expectativa de Amor. A mensagem do bebé é a possibilidade da Cidadania.

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, M.R. (n.d.). A Pré-História do Desenvolvimento Emocional da Criança. *Psicologia*. pp.1-10 , Psicologia.com. portal dos psicólogos
- Alves, C. (2008, 24 de Maio).(Entrevista a António Damásio). *Express.*, pp.02-03
- Amaral, J.R. e Oliveira, J.M. (2010). *Sistema Límbico: O Centro das Emoções*  
<http://www.cerebromente.org.br/n05/mente/limbic.htm>
- Ariés, P. e Duby,G., (dir.) (1991) *História da Vida Privada* (Vols.1-5) Porto: Afrontamento.
- Badinter, E. (1980). *O Amor Incerto. História do Amor maternal do séc. XVII ao séc. XX*. Lisboa: Relógio d`Água.
- Badinter, E. (2010). *Le Conflit - La femme et la mère*. Paris : Flammarion
- Bairrão, J. (coord.) (2005). *Desenvolvimento Humano. Contextos Familiares e Educativos*. Porto: Livpsic.
- Beltrão, L. e Hatton, B. (2007). *Uma História para o Futuro – Maria de Lourdes Pintasilgo*. Lisboa:Tribuna.
- Bíblia Sagrada (2002). Fátima : Difusora Bíblica
- Brazelton, B. e Sparrow, J. (2003). *A Criança dos 0 aos 3 anos. O desenvolvimento emocional e comportamental*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, B. (2006). Preface. *Pediatrics*, **113**, 1-5
- Bronfenbrenner, U. (2002). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos e Planejados*. Porto Alegre: Artmed.
- Candeias, A. (2008). *Inteligência Social: Interface entre emoção e cognição*. Lisboa: F.C. Gulbenkian..



- Carvalho, T., Feijó, J., Gago, M., Vala, F. & American Museum of Natural History. (2009). *A Evolução de Darwin*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Clément, E. et al. (2007). *Dicionário Prático de Filosofia*. Lisboa: Terramar
- Comte-Sponvill (n.d.). *O Amor Ágape*
- [www.reflexão.diários.nom.br](http://www.reflexão.diários.nom.br). (recolhido em Dezembro 2009)
- Cyrulnick (2006, 14 de Dezembro). Entrevista a C. Weil. *Visão*, pp.17-18
- Damásio, A. (1996). *O Erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano* (16ªed). Lisboa: Europa América
- Damásio, A. Gomes-Pedro, J., Brazelton, B., A., Karr-Morse, R., Stadler, A., Brusweiler, N., Sren, D., Nugent, K. e al (2005). *Mais Criança-As Necessidades Irrudutíveis*. Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria
- Damásio, A. (2008) (Maio, 24) . Entrevista a Clara Ferreira Alves. *Expresso*, pp.2,3
- Damásio, A. (2009). Entrevista a Judite de Sousa. Grande Entrevista RTP
- Damásio, A. (2010). *O Livro da Consciência*. Lisboa: Temas e Debates
- Decreto-Lei nº281/2009 de 6 de Outubro
- Despacho nº891/99 de Outubro, ME/MS/MSS
- Dewsbury, D. e Rethlingshafer, D. (1974). *Comparative Psychology – A Modern Survey*. Tóquio: McGraw-Hill Kogakusha
- Dicionário Completo da Língua Portuguesa (2006). (Vols 1-2). Porto: Texto
- Eibl-Eibesfeldt, I (1970). *Amor e Ódio*. Lisboa : Bertrand
- Elias, N. (2000). *The Civilizing Process*. Cornwall: Blackwell
- Pereira, P. (2000). *Amor e Conhecimento – Reflexões em torno da razão pedagógica*. Porto: Porto Editora.
- Fraise, G. (1989). *Muse de la Raison*. Aix-en-Provence: Aliné

- Fromm, E. (2002). *A Arte de Amar*. Lisboa: Pergaminho
- Gerhardt, S. (2004). *Why Love Matters – how affection shapes a baby`s brain*. Sussex: Routledg
- Goleman, D. (2003). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas e Debates.
- Goleman, D. (2006). *Inteligência Social. A Nova Ciência do Relacionamento Humano*. Lisboa: Temas e Debates.
- Gomes-Pedro, J., Nugent, J. Yong, J. & Brazelton, B. (2005). *A Criança e a Família no século XXI*.Lisboa: Dinalivro
- Gomes-Pedro, J.(2003) *CLNBAS A Avaliação Neuro-Comportamental do Recém-Nascido para Aplicação Clínica*. Acta Pediátrica. Nº6; **Vol.34**, pp.389-391
- Gomes-Pedro, J. (2005). *Para um Sentido de Coerência na Criança*. Mem-Martins: Europa América.
- Gomes-Pedro, J., Brazelton, B., A., Karr-Morse, R., Stadler, A., Bruschweiler, N., Sren,D., Nugent, K. e al (2005). *Mais Criança-As Necessidades Irrudutíveis*. Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria
- Goodman, D. (1994) *Enlightment Salons: The Convergence of Female and Philisophie Ambitions*.  
[www.worc.ac.uk/Chic/suffrage/document/goodman.htm](http://www.worc.ac.uk/Chic/suffrage/document/goodman.htm).
- Harlow, H., Bowlby, J., Rajecki, D.W., Hoffman, H., Ratber, A. & Ainsworth, M.S. (1976). *As Ligações Infantis*. (org. Luís Scozka). Lisboa: Bertrand
- Henriques, F e Armada, F. (1995/1997). *As Mulheres e a Linguagem*. Caderno de Exercícios, Projecto ProCiMas. (Doc.Policopiado)

Hinde, R.A.(1974). *Biological Bases of Human Social Behaviour*. New York: McGraw-Hill

Karr-Morse, R.A. (1998). Ghosts in the Nursery – Tracing roots of violence.

*Atlantic Monthly Press*

Karr-Morse, R., Stadtler, A., Stern, D., Trevarthen, C. Tronick, D. et al. (2005). *Mais*

*Criança. As Necessidades Irredutíveis*. Lisboa: Clínica Universitária de  
Pediatría

La Taille, Y., Oliveira, M.K. & Dantas, H. (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon*. S. Paulo:

Summus

Lecointre, M. (2007). *Emoção e Cognição: Uma abordagem científica das emoções*.

S.Paulo: Livraria da Física

LeDoux, J.(1996).*The Emotional Brain*, (recuperado em 12-09-07)

<http://www.doyleties.com/arj/tebrev.shtml>

Lloyd, G. (1993). *The man of reason, "male and female"*. London: Routledge

Lorenz, K. (1974). *A Agressão*. Lisboa: Moraes

Martins, G. & Oliveira (2009). *A Gravidade e a Graça de Simone Weil*, Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura

Michaud, S. (1997). *El Hombre romântico*. Madrid: Alianza

Moore, T. (2009). *The nature and significance of relationships in the lives of children with and without developmental disabilities*. Keynote presentation at National Conference of the Early Intervention Association of Aotearoa New Zealand- Quality Practices: New Practices- Auckland.

Morin, E. (1995). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget

Morin, E.(1998). *Conférence de presse du 8 Janvier1998 au Ministère de l'Éducation*, in *Articuler les Savoirs*. Paris

Nery, Isabel (2002, 10 de Outubro). *Infância. A raiz do mal*. (Entrevista a Karr-Morse)

A VISÃO. p.114

Pereira, P. (2000). *Amor e Conhecimento – Reflexões em torno da razão pedagógica*.

Porto: Porto Editora

Pessanha, M. (2008). *Vulnerabilidade e Resiliência no desenvolvimento dos indivíduos:*

*Influência da Qualidade dos Contextos de Socialização no Desenvolvimento das Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Phillips, C. (2008, J. ). *Sócrates e o Amor. A filosofia dos afectos*. Lisboa: Presença

Pintassilgo, M.L., (1953). Arquivo da Fundação Cuidar o Futuro (pasta 0008.041)

Platão, (2008), *O Banquete*. Lisboa: Edições 70

Portugal, G. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro:

CIDIN.

Read, H. (1956). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70

Read, H. (n.d.). *A filosofia da Arte Moderna*. Lisboa: Ulisseia

Relatório Síntese da Análise das Situações na Europa elaborado pela European Agency for Development in Special needs Education

Rocha, J. e Oliveira, J.M. *Sistema Límbico: O Centro das Emoções*

<http://www.cerebromente.org.br/n05/mente/limbic.htm>

Rosa, J. (2007) *Primado da Relação. Da Intencionalidade Trinitária da Filosofia*.

Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Rousseau, J.-J. (1990). *Emílio*. ( vol.I, II). Mem-Martins: Publicações Europa-América

Santos, J. (1983). *O Falar das Letras*. ( vol. I). Lisboa: Horizonte

Santos, T. (2004). Ideias da Europa: Rumos e Dinamicas. *Cultura*. Vol.XIX-II

Série.pp.77-92

Sameroff, A. (1998). Environmental Risk Factors in Infancy. *Pediatrics*. 102; e 1287.

Recuperado em Outubro, 2010, [www.pediatrics.org](http://www.pediatrics.org).

Schneider, P. e Pace, S. (n.d.). *O Estudo das Emoções e a Teoria da Complexidade*.

(doc. Policopiado)

Siegel, D. (2003.). *Attachment and Self-Understanding: Parenting with the brain in*

*Mind*.(doc.Policopiado)

Siegel, D. (2006). *Attachment and Self-Understanding: Parenting with the Brain in*

*Mind*. Los Angeles: Karnac

Spodek, B. (coord.) (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa:

Fundação Calouste Gulbenkian

Stadter, A. , Gomes-Pedro, J., Brazelton, B., A., Karr-Morse, R., Bruschiweiler, N.,

Stern, D., Nugent, K. e al (2005). *Mais Criança-As Necessidades*

*Irrudutíveis*. Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria

Stern, D., (n.d.), *The World In A Grain of Sand, Moments of Meeting In Psychotherapy*.

<http://www.ctp.nt/pdf/s/daniel> . Recolhido em Setembro 2010

Stern, D. (1998). Mothers' Emotional Needs. *Pediatrics* .**102**;1250-1252

Stern, D. (2005). Stadter, A. , Gomes-Pedro, J., Brazelton, B., A., Karr-Morse, R.,

Bruschiweiler, N., Stern, D., Nugent, K. e al (2005). *Mais Criança-As*

*Necessidades Irrudutíveis*. Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria

Stern, D.(2007). *Implicit Knowing*

<http://inforum.insite.com.br>

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa:

Fundação Calouste Gulbenkian

Turner, J. H. (2006) Biblio. *Handbook of Sociology of Emotions*.

UNICEF      [www.unicef.pt/docs/pdf](http://www.unicef.pt/docs/pdf)

Vasconcelos, T. (2009). *Prática Pedagógica Sustentada*. Lisboa:Colibri

Weil, C. (2006, 14 de Dezembro). (Entrevista a Boris Cyrulnik). *VISÃO*, pp 17-18

Weil, S. (n.d.). *Amor à beleza do mundo*. Recuperado a 12-08-2007

[http://snpcultura.org/arquivo\\_pedras\\_angulares\\_simone\\_weil.html](http://snpcultura.org/arquivo_pedras_angulares_simone_weil.html)